

**MEMORIAL**

de Cremilda Celeste de Araújo Medina para  
concurso de titular junto ao Departamento de  
Jornalismo e Editoração da Escola de Comuni-  
cações e Artes da Universidade de São Paulo.

São Paulo, 1993

**A Sinval e toda a tribo da Viagem**



# ITINERÁRIOS

## Sumário

SINOPSE DE VIDA . . . . .	1
A CAMINHO DO HEMISFÉRIO SOL . . . . .	1
ON THE WAY TO THE SUN HEMISPHERE . . . . .	11
MEMORIAL AFETIVO . . . . .	21
ATRAVESSAGEM . . . . .	21
À beira mar . . . . .	23
Mar português . . . . .	34
A bordo do Serpa Pinto . . . . .	37
Na intimidade dos anos 50 . . . . .	43
Iniciação à cidadania . . . . .	48
Do outro lado da margem . . . . .	53
Em busca do tempo não perdido . . . . .	60
Afirmção no país negado . . . . .	69
De fusca e novas esperanças . . . . .	78
O sonho outra vez escuro . . . . .	91
Pessoalmente, estava acabada. . . . .	96
The Mesquita Company . . . . .	97
Porcelana quebrada . . . . .	106
A cor do pôr do sol . . . . .	112
Em busca da serenidade . . . . .	118
Na mira do diálogo social . . . . .	124
O rosto latino-americano . . . . .	146
Remanso das provas . . . . .	152
Arrumação da casa . . . . .	201
Retorno ao nicho . . . . .	206
Agora . . . . .	213

MEMORIAL DESCRITIVO . . . . .	214
VESTÍGIOS . . . . .	214
<b>Primeira Parte:</b>	
Da Formação ao Doutorado	
Três Décadas de Energia e Resistência . . . . .	215
I    Títulos Acadêmicos:	
Formação e Aperfeiçoamento . . . . .	216
II   Teses Defendidas: Mestrado e Doutorado . . . . .	220
III  Experiências Docentes e Atividades Acadêmicas . . . . .	223
IV  Atividade Científica: Pesquisa, Ensaios e Reflexão na Área de Comunicação Social e Cultura de Massa . . . . .	230
V   Intercâmbio Culturais Internacionais e Nacionais . . . . .	237
VI  Livros Publicados . . . . .	240
VII Atividade Profissional: Experiências Jornalísticas . . . . .	242
VIII Seleção de Reportagens e Textos Opinativos Pu- blicados na Grande Imprensa Brasileira . . . . .	246
IX  Dossier de Imprensa	
Textos Assinados nos Jornais <b>O Estado de S.</b> <b>Paulo e Jornal da Tarde</b> . . . . .	247
X   Participação em Júris . . . . .	248
XI  Prêmios / Homenagens . . . . .	249
XII Referências ao Candidato e À sua Obra Publica- das na Imprensa Brasileira e Estrangeira . . . . .	250
<b>Segunda Parte</b>	
Do Doutorado À Livre-Docência	
no Ciclo da Compreensão Cultural . . . . .	251
I    Atividade Científica: Pesquisa, Ensaios, Refle- xão Crítica . . . . .	253
II   Experiências Docentes (Cursos) e Atividades Acadêmicas em Congressos, Seminários, Simpó- sios, Conferências e Encontros . . . . .	260
III  Viagens de Pesquisa . . . . .	272
IV  Atividades de Extensão Universitária . . . . .	276
V   Bancas, Exames de Qualificação e Orienta- ções de Tese . . . . .	279

VI	Orientações de Monografias: Conclusão de Curso de Graduação . . . . .	285
VII	Bancas de Concursos de Ingresso na Universidade . . . . .	287
VII	Livros Publicados . . . . .	288
IX	Produção Jornalística . . . . .	291
X	Intercâmbios Culturais . . . . .	294
XI	Referências ao Candidato e À sua Obra Publicadas na Imprensa Brasileira . . . . .	296
<b>Terceira Parte</b>		
<b>Da Livre Docência ao</b>		
<b>Concurso para Titular</b>		
	<b>Sob o Signo da Relação . . . . .</b>	<b>298</b>
I	Atividade Científica: Pesquisa . . . . .	303
II	Ensino . . . . .	310
III	Atividades Administrativas . . . . .	317
IV	Extensão Universitária . . . . .	319
V	Orientações de Graduação/Pós-Graduação, Bancas de Trabalho de Conclusão de Curso, Exames de Qualificação, Bancas de Mestrado, Bancas de Doutorado, Bancas de Concursos . . . . .	322
VI	Publicações . . . . .	329
VII	Produção Jornalística . . . . .	333
VIII	Entrevistas e Referências na Imprensa e Meios Eletrônicos à Candidata . . . . .	335

# **SINOPSE DE VIDA**

**A CAMINHO DO HEMISFÉRIO SOL**

**C**remilda Celeste de Araújo Medina nasce a 16 de março de 1942 em Portugal. Em 1953 sai, com a família, do Porto para Porto Alegre, a capital mais ao Sul do Brasil. Ao deixar o Hemisfério Norte se naturaliza definitivamente brasileira e cresce no Hemisfério Sul.

Ainda nos anos 50 completa o segundo grau e se encaminha para a área de Humanas. No início da década de 60, ingressa em dois cursos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Jornalismo e Letras. Até 1964 vive intensamente as atividades estudantis, atuando desde logo como jornalista e cooperando com programas de educação para adultos da União Nacional de Estudantes (UNE).

Sua profissionalização se caracteriza por duas opções que se projetariam nas décadas de 70, 80 e 90: por um lado, um intenso exercício jornalístico e, por outro lado, a intermitente inclinação pedagógica, projeção social da carreira individual. Em Porto Alegre, no começo dos anos 60, lança-se à atividade jornalística, na **Revista do Globo**, periódico da velha **Editora Globo**. Repórter, redatora e editora, desenvolve então funções que se estendem à própria empresa-mãe. Como secretária edi-

torial da **Globo**, empreende uma reformulação no projeto gráfico dos livros, cria uma coleção de fascículos, organiza a *Enciclopédia da Mulher* na sua versão brasileira, aprova títulos de diferentes correntes literárias, destacando-se a edição de autores novos do Rio Grande do Sul e a conquista dos direitos de publicação no Brasil, de toda a obra do escritor argentino Jorge Luis Borges.

Paralelamente, como educadora, atua ainda na mesma década no ensino de português e literatura na escola pública de segundo grau (em Camaquã, RS, e em Porto Alegre) e na escola normal (Camaquã). Em 1968, contratada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, torna-se assistente de cátedra no curso de Jornalismo, onde desenvolve os primeiros passos como pesquisadora e professora universitária. Em 1971 muda-se para São Paulo, em busca do aperfeiçoamento em nível de pós-graduação.

A partir de 1971 se radica em São Paulo e até 1975 se mantém fiel aos dois caminhos profissionais: o Jornalismo e a experiência acadêmica (pesquisa e ensino). Além de desenvolver os estudos de Mestrado na Universidade de São Paulo, fez parte do quadro de docentes do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade (1971 a 1975). Monta, nesse momento, o projeto da Agência Universitária de Jornalismo, como laboratório nu-

clear do curso e avança em duas linhas de pesquisa — a estrutura da mensagem jornalística, o que viria a constituir a dissertação de Mestrado, e a especulação epistemológica acerca da reportagem. Nasceram aí dois livros, o primeiro, em coautoria com Paulo Roberto Leandro, *A Arte de Tecer o Presente* — 1973, cujo tema é a grande reportagem — e *Notícia, um Produto à Venda, Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial* — 1978.

No mesmo período circula intensamente, como professora e pesquisadora, tanto nas universidades brasileiras, quanto em centros de estudos da Comunicação Social na América Latina. Pesquisadora do CIESPAL (Centro Interamericano de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina), sediado em Quito, no Equador, aí desenvolve investigações de análise de conteúdo, estudos de audiência entre grupos incomunicados bem como ministra cursos de pedagogia do Jornalismo. As técnicas da grande reportagem como forma de conhecimento da atualidade constituem um dos principais temas de seminários e cursos de aperfeiçoamento que leciona em diferentes regiões brasileiras. Junto ao ILET (Instituto Latino-Americano de Estudios Transnacionales), no México, desenvolve uma pesquisa sobre as revistas femininas brasileiras.

Na efervescência destes cinco anos da década de 70, trabalha no mercado profissional no **Jornal da Tarde**, na TV

**Bandeirantes**, na **TV Cultura**, na **Revista Fotóptica**, bem como publica colaborações tanto na grande imprensa quanto na imprensa alternativa. Paralelamente ao espaço acadêmico, sobretudo Universidade de São Paulo, em que pesquisa novas linhas de atuação no Jornalismo, aplica os avanços especulativos no dia-a-dia profissional tanto da *media* impressa quanto da mídia eletrônica.

Em 1975 se dá uma ruptura política, provocada pela repressão da ditadura militar, e deixa a Universidade de São Paulo. O mestrado é defendido em situação de crise, em julho de 1975, e resulta que, embora desligada da USP, se torna a primeira Mestre da área de Comunicação Social no primeiro curso implantado na América Latina. Levará para um exílio de onze anos da universidade esse troféu com sabor amargo. De 1975 a 1986, estará fora da universidade brasileira, embora mantenha contatos com a atividade de pesquisa em outros centros da América Latina. Data daí o pedido de um livro, por parte do CIESPAL, para constituir junto com outros autores, uma coleção latino-americana. Sai, em 1980, *El Rol del Periodista*, que, em 1982, é publicado no Brasil, sob o título *Profissão Jornalista, Responsabilidade Social*.

A fase mais intensa como jornalista ocorre entre 1975 e 1985, quando então trabalha exclusivamente no jornal O



**Estado de S. Paulo**, como redatora, editora e repórter especial. Voltada para um projeto absorvente, coordenar a editoria de Artes e Cultura em um período marcado pela censura, pode lançar-se a inúmeros desafios com uma equipe de profissionais que, em sua gestão, triplicou. Um extenso inventário do pensamento intelectual e das expressões artísticas, matizados por tensão política no Brasil e na América Hispânica, deu vigor às páginas editadas diariamente. Como repórter especial também levanta — da década de 70 para a década de 80 — temas como saúde mental, nutrição e subnutrição do brasileiro, AIDS e as questões contundentes como os bancos de sangue no País, patrimônio histórico e as novas noções culturais, a crise do petróleo e a América Latina, a União Soviética às vésperas da abertura (1983). Da circulação internacional nascem ainda três grandes inventários sobre os escritores vivos de língua portuguesa que se transformam em três livros, produzidos a partir da visita a sete países, contato com 124 criadores e sua obra. *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea* (1983, 567 páginas), *A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje* (1985, 635 páginas) e *Sonha Mamana África* (1987, 558 páginas) reúnem escritores vivos de Portugal, Brasil, Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde.

Com a abertura brasileira e a reconstituição dos focos mais atingidos pela repressão, volta à Universidade de São Paulo

em 1986. Deixa a militância exclusiva do Jornalismo diário e, pela primeira vez se dedica integralmente à pesquisa e ensino na Academia. Defende o doutoramento em 1986, na Universidade de São Paulo, com a linha de pesquisa que vinha desenvolvendo há muito tempo — a reversão da linguagem autoritária para a linguagem dialógica no Jornalismo. Da tese *Modo de Ser, Mo' Dizer* — se extrai uma parte que constitui o livro *Entrevista, o Diálogo Possível* (1986). Três anos depois, presta concurso de livre-docência, na Universidade de São Paulo, apresentando como tese — *Povo e Personagem* (1989) —, uma especulação de Teoria Cultural, em torno do mito nas sociedades africanas, brasileira e portuguesa que conheceu através do inventário de escritores e respectivas viagens continentais.

A atual fase, que se concentra na graduação de Jornalismo e pós-graduação em Ciências da Comunicação, se desdobra em duas grandes linhas de pesquisa: o projeto de formação do jornalista cujo suporte é a epistemologia da complexidade e a linguagem dialógica; e o projeto inter e transdisciplinar em nível de pós-graduação, que se pauta na reflexão da Crise de Paradigmas e a busca de paradigmas emergentes. Um contingente grande de alunos, tanto na Universidade de São Paulo quanto em várias universidades brasileiras onde voltou a circular tão intensamente quanto na década de 70, acompanha estas propostas em 1992, seja através de orientação direta (treze

orientados de mestrado e doutorado, seis orientados de conclusão de curso na graduação de Jornalismo e 50 estudantes de terceiro ano de Jornalismo por semestre), seja através de motivações e orientação intermitentes nos cursos de aperfeiçoamento (graduação e pós-graduação) que vem dando.

O projeto de formação de jornalistas tem se concretizado na publicação dos livros-reportagem da coleção **São Paulo de Perfil**, um por semestre, executado pelos alunos do terceiro ano de Jornalismo. De 1987 a 1991 foram produzidos dez livros que abordam temas da atualidade de São Paulo: *Virado À Paulista* (perfis de constituintes paulistas), *Vozes da Crise* (como o povo define crise), *Nos Passos da Rebeldia* (movimentos estudantis 68 a 88), *Forró na Garoa* (migração nordestina em São Paulo), *Hermanos Aqui* (migração hispânica), *Paulicéia Prometida* (migração judaica), *O Primeiro Habitante* (índios brasileiros), *A Casa Imaginária* (a questão habitacional), *A Escola no Outono* (a questão educacional), *À Margem do Ipiranga* (a periferia de São Paulo). Neste projeto de livro-reportagem, introduz-se pedagogicamente uma nova atitude de jornalista da pauta à edição, atitude essa amparada pelos suportes da linguagem dialógica do mediador social da informação e da epistemologia da complexidade enquanto visão de mundo. Os livros são lidos por estudantes de segundo grau da escola pública, o que lhe dá um significado de extensão. O projeto São

**Paulo de Perfil** conta com a dotação de uma bolsa de pesquisa de iniciação científica, um convênio com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, patrocinado pela empresa Metal Leve que doa 500 livros (da edição de mil exemplares) às bibliotecas das escolas escolhidas para a leitura dos títulos.

A Crise dos Paradigmas e a busca de Paradigmas Emergentes, temática que sustenta os dois cursos ministrados em nível de pós-graduação (Ciência da Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo), bem como no Programa Latino-Americano de Pós-Graduação da USP, ou seja Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social I e II, vem desaguar a partir de 1992, no Projeto de Pesquisa Integrado, aprovado por dois anos pelo CNPq — **O Discurso Fragmentalista da Ciência, a Crise de Paradigmas.**

Em 1990, a pesquisadora reuniu, em caráter experimental, um grupo de nove cientistas para debater a crise dos paradigmas e as possibilidades da inter e transdisciplinaridade. Um químico, dois físicos, um matemático-filósofo, um neurologista, um sociólogo-biólogo, um sociólogo, um psicólogo e um psicanalista debateram este tema e o encontro constituiu um desafio plenamente assumido no projeto que se implanta em 1992. Os anais do primeiro seminário transdisciplinar estão publicados sob o título *o Novo Pacto da Ciência* (1991), uma entre outras obras organizadas pela pesquisadora.

Esta linha de trabalho resume duas significativas vertentes de pesquisa que acompanham este itinerário desde o final dos anos 60 — ao mesmo tempo se desenvolve a virtualidade do mediador social na atualidade e a sua intervenção enquanto percepção de mundo complexa, inter e transdisciplinar. Para concretização do projeto há duas estratégias em andamento: a multiplicação de eventos transdisciplinares nas regiões brasileiras e a publicação de um periódico trimestral coordenado pela equipe que conta com dois doutores responsáveis, Cremilda Medina e Milton Greco, uma bolsa de aperfeiçoamento científico, três de iniciação e uma de apoio técnico.

*Hemisfério Sol*, o título do periódico, sintetiza a adesão definitiva ao lado do mundo que vive dramaticamente a opressão, mas banhado de luz, de forte identidade cultural.

**ON THE WAY TO THE  
SUN HEMISPHERE**

---

**C**remilda Celeste de Araújo Medina is born on March 16, 1942, in Portugal. In 1953 she departs, with her family, from Porto to Porto Alegre, a capital in southern Brazil. After leaving the Northern Hemisphere, she naturalizes herself forever Brazilian and grows up in the *Sun Hemisphere*.

Still in the 50's, she graduates from High School and sets out for the Humanities area. In the beginning of the 60's, she enrolls in two courses at the Federal University of Rio Grande do Sul — Journalism and Classic Languages and Literatures. Until 1964 she participates intensely in student activities, acting very soon as a journalist and cooperating with educational programs for adults of the Students National Union (UNE).

Her professional formation characterizes itself by two options that would be projected in the 70's, 80's and 90's: on one side, an intense journalistic practice and, on the other, an intermittent pedagogical inclination, a social projection of her individual career. In Porto Alegre, in the beginning of the 60's,

she engages in the journalistic activity, in **Revista do Globo** (Globo's Magazine), a periodic of the old Globo Editions. As a reporter, redactor and editor, she develops functions that are extended to the head-office itself. As editorial secretary at Globo, she undertakes a reformation in the graphic project of the books, creates a collection of leaflets, organizes the Women's Encyclopaedia in its brazillin version, ratifies titles of different literary tendencies, in particular the edition of new authors of Rio Grande do Sul and the attainment of the publishing rights in Brazil of the entire work of Argentine writer Jorge Luis Borges.

At the same time she actuates, still in the 60's, in the teaching of Portuguese and Literature in the public High School (in Camaquã, RS, and in Porto Alegre) and in the Normal School (Camaquã). In 1968, hired by the Federal University of Rio Grande do Sul, she becomes Assistant of Cathedra in the Journalism course, where she develops the first steps as a researcher and University professor. In 1971 she moves to São Paulo, in search of a postgraduate course.

In the same year she settles in São Paulo and till 1975 she stays faithful to both professional paths: Journalism and the academic experience (reserch and teaching). Besides developing her Master's studies at the University of São Paulo, she was



part of the board of the Journalism and Editorship Department of the Communications and Arts School of the same university (1971 to 1975). She sets up, then, the University Agency of Journalism project, as a nuclear laboratory of the course, and brings forward two lines of research — the structure of the journalistic message, which would later compose her Master's degree dissertation, and the epistemological speculation about the investigative report. Here, two books are sprung up, the first, in co-authorship with Paulo Roberto Leandro, *The Art of Weaving the Present* (A Arte de Tecer o Present), 1973, whose theme is the special report — and *News, a Product on Sale, Journalism in the Urban and Industrial Society* — 1978.

In the same period she travels about intensely, as a professor and researcher, in the Brazilian universities, as well as in Centers of Social Communication in Latin America. Researcher of the CIESPAL (Interamerican Center of Journalism Superior Studies for Latin America), located in Quito, Ecuador, she develops investigations about analysis of content, studies of audience among non-proclaimed groups, and also promotes journalism pedagogical courses. The descriptive techniques of the special report as a form of knowledge of actuality constitute one of the most important themes of seminars and perfecting courses that she teaches in different Brazilian regions. At ILET (Latin-American Institute of Transnational Studies), in Mexico, she develops a research about the Brazilian feminine magazines.

In the effervescence of these five years of the 70's, she works at **Jornal da Tarde** (Evening Newspaper), at **TV Bandeirantes** and **TV Cultura**, at **Revista Fotoptica** (Fotoptica Magazine), and also publishes collaborations in the big press as well as in the alternative press. Besides the academic activity, especially at the University of São Paulo, where she researches new lines of action in Journalism, she applies the speculative advances in the professional daily routine of the printed and electronic media.

In 1975 a political rupture takes place, caused by the repression of the military dictatorship, and she leaves the University of São Paulo. Her Master's Degree thesis is presented during a period of crisis, in July 1975, and it comes out that, although disconnected from USP, she becomes the first Master in the Social Communication area with the first course implanted in Latin America. She will take to an exile of eleven years from University a bitter tasting trophée. From 1975 to 1986, she will be out of the Brazilian university although she maintains contacts with the research activity in other Latin American centers. This date marks the request of a book, by CIESPAL, to create together with other authors, a Latin American collection. In 1980 *El Rol del Periodista* (The role of the Journalist) is published. In 1982, the book is released in Brazil, under the title *Profissão Jornalista, Social Responsibility* (Profissão Jornalista, Responsabilidade Social).

The most intense phase as a journalist occurs between 1975 and 1985, when she works exclusively at **O Estado de S. Paulo** newspaper, as a redactor, editor and special reporter. Directed towards a consuming project — to coordinate the Arts and Culture editorship/section in a period crossed by censorship — she can embark in many challenges with a group of professionals that, during her administration, triplicated itself. An extense inventory of the intellectual thought and of the artistical expressions, variegated by political tensions in Brazil and Hispanic America, gave strength to the daily published pages. As a special reporter, she raises from the 70's to the 80's themes as mental health, nourishment in Brazil, AIDS an other controversial questions as Brasil's blood banks, historical patrimony and the new cultural notions, the oil crisis and Latin America, the Soviet Union on the eve of democracy (1983). From the international issue, three great inventories about the living writers in the portuguese language are also born. They become three books, produced from the tour to seven countries and the contact with 124 authors and their work. *Trip to the Contemporary Portuguese Literature* (1983, 576 pages), *The Possession of the Land — the Brazilian Writer Today* (1985, 635 pages) and *Dream Mamana Africa* (1987, 558 pages) gather living writers from Portugal, Brazil, Mozambique, Angola, São Tomé and Prince Island, Portuguese Guinea, Cabo Verde.

With the Brazilian overture and the reconstitution of the sources most attained by the repression, she returns to the University of São Paulo in 1986. She leaves her exclusive militancy in the daily Journalism and, for the first time, dedicates herself completely to research and teaching the Academy. She defends her Doctorate thesis in 1986, at the University of São Paulo, with the line of research she had been developing for a long time — the reverse of the authoritarian language to the dialogical language in Journalism. From the thesis — *Modo de Ser, Mo' Dizer* (Way of Being, Way o' Saying) — she extracts a piece that the book *Interview — the Possible Dialogue* (1986). Three years after this, she applies for *livre-docência* (post doctoral in University of São Paulo), at the University of São Paulo, presenting as her thesis — *People and Character* (1989) — a speculation of Cultural Theory about the myth in African, Brazilian and Portuguese societies that she met during the inventory of writers and through the respective continental trips.

The present period, which concentrates itself in the Journalism Bachelorship and postgraduation in Sciences of Communication, unfolds in two major lines of research: the formation project of the journalist whose stand is the epistemology of the complexity and the dialogical language; and the inter and transdisciplinary project in a postgraduation level, that is regulated by the reflection on the Crisis of Paradigms and the

search of emerging paradigms. A big contingent of students, in the University of São Paulo as well as in many Brazilian universities where she started circulating again as intensely as she did in the 70's follow these proposals in 1992, either through direct orientation (thirteen students of Mastership and Doctorship, six senior bachelors in Journalism and 50 students in the third year of Journalism, per semester), or through intermittent motivations and orientations in the perfecting courses (bachelorship and postgraduation) that she has been ministering.

The journalistic formation project has been coming true through the publication of the story-book of the *São Paulo by Profile* collection, one per semester, performed by junior students of Journalism. From 1987 to 1991, ten books were produced, approaching themes of the São Paulo newsreel: *Virado à Paulista* (profile of São Paulo's members of the Constitutional Assembly), *Vozes da crise* (how people define the crisis), *Nos Passos da Rebelião* (students' movements from 68 to 88), *Forró na garoa* (northeastern migration to São Paulo), *Hermanos Aqui* (hispanic migration), *Paulicéia Prometida* (Jewish migration), *O Primeiro Habitante* (Brazilian Indians), *A Casa Imaginária* (the habitational matter), *A Escola no Outono* (the educational matter), *À Margem do Ipiranga* (the periphery of São Paulo). In this story-book project, a new attitude towards Journalism is pedagogically introduced, from the guidelines to

the edition, attitude which is sheltered by the social mediator's dialogical language of the present information and of the epistemology of the complexity as a vision of world. The books are read by Secondary Public School students, which gives it a meaning of extension. **The São Paulo by Profile** project counts upon the allocation of funds of a research scholarship for scientific initiation, an agreement with the Secretary Office of Education of the state of São Paulo, sponsored by the enterprise *Metal leve*, who donates 500 books (from the one thousand-copies edition) to the libraries of the schools selected for the reading of the titles.

The Crisis of Paradigms and the search of emergent paradigms, thematic that supports both courses ministered at a postgraduate level (Sciences of Communication and Arts of the University of São Paulo), as well as in the Latin-American Postgraduation program of USP, or Latin American Theories of Social Communication I and II, come to flow, from 1992, into the Integrated Research Program, sanctioned for two years by CNPq — *The Fragmentalist Discourse of Science, the Crisis of Paradigms*.

In 1990, the researcher assembled, as an experient, a group of nine scientists to discuss the crisis of paradigms and the possibilities of inter and transdisciplinarity. A chemist, two

physicists, a philosopher-mathematician, a neurologist, a sociologist-biologist, a sociologist, a psychologist and a psychoanalyst debated this subject and the meeting appointed a challenge wholly assumed in the project implanted in 1992. The chronicles of the first transdisciplinary seminar are published under the title *New Pact of Science* (1191), one among many other works organized by the researcher.

This line of work summarizes two significant slopes of research that follow this itinerary since the end of the 60's — at the same time the virtuality of the social mediator in present times and the intervention with a complex perception of the world, inter and transdisciplinarily, develops itself. For the concretion of the project there are two strategies in process: the multiplication of transdisciplinary events in brazilian regions and the publishing of a trimestral periodic coordinated by a team composed by two Doctors responsible for the project, Cremilda Medina and Milton Greco, one scholarship of scientific perfecting, three of initiation and one of technical support. *Sun Hemisphere*, the title of the periodic, synthesizes the definitive adhesion beside the world that lives dramatically the oppression, but bathed by light, of strong cultural identity.

**MEMORIAL  
AFETIVO**

**ATRAVCESSAGEM**

---



### *Atravessagem*

*Através do rio, não à margem.  
É que se fere a luta da travessagem.  
Através do rio, líquido leito,  
Arranquei meus olhos para ver direito.  
Pelo rio em chamas, ácido braço,  
Vou sem vela ou leme, por um rumo que não traço.  
Não escondo o rio que atravesso  
Nem sei direito, no meio da corrente,  
Se estou de partida ou de regresso.*

(Trova atribuída a Brasil de Santa Cruz.)  
De Sinval Medina, no livro *Memorial de Santa Cruz*,  
Porto Alegre, ed. Mercado Aberto, 1983.

## À beira mar

**C**heguei em tempo de guerra: 1942. Meu pai ia ao café **A Brasileira** no centro do Porto, tomar café amargo para trazer o açúcar que adoçava as minhas mamadeiras. Contava ele (morreu em Porto Alegre em 1988) que, aos domingos, passeávamos no seu automóvel — minha mãe, minha irmã ainda bebê, os padrinhos e eu — e só numa volta à beira mar os furos nos pneus se sucediam uns atrás dos outros.

A guerra estava no cotidiano, mas não impedia a alegria de uma menina mimada por duplos pais. Padrinho Daniel Araújo e madrinha Cremilda, que me deu o nome, concorriam com pai José Araújo e mãe Joaquina. O irmão e a cunhada de meu pai não tiveram filhos (ambos já morreram) e eu ocupava todo o espaço de um desejo nunca realizado. Os mimos se sucediam do inverno ao verão. Se os pais atendiam as necessidades básicas, os padrinhos ofereciam os luxos.

Um dia o padrinho marcou de conhecermos uma fábrica de vidro. Devia ter uns seis, sete anos. (Quando, décadas

depois, assistiu a **Coração de Cristal**, de Werner Herzog, a infância explodiu: vi-me outra vez encantada.) A mesma mágica ocorreu quando padrinho Daniel me levou a uma fábrica de papel, só para ver como se fazia. No meio da semana, se por acaso dormia na casa dos padrinhos, exigiam que dormisse uma pequena sesta depois da escola, eu fingia que, chegava o padrinho na hora do jantar e anunciava: tenho aqui bilhetes para nós irmos ao cinema hoje à noite. Oito ou nove anos e lá ia eu, imponente, assistir a um filme do neo-realismo italiano (não havia censura para faixas etárias). Voltávamos de elétrico (bonde), meia-noite, e eu continuava o filme no infinito da janela, nas águas do Douro, ao atravessar a ponte do Porto para Gaia.

As férias grandes eram o majestoso banquete do período em que fui a rainha única. Um

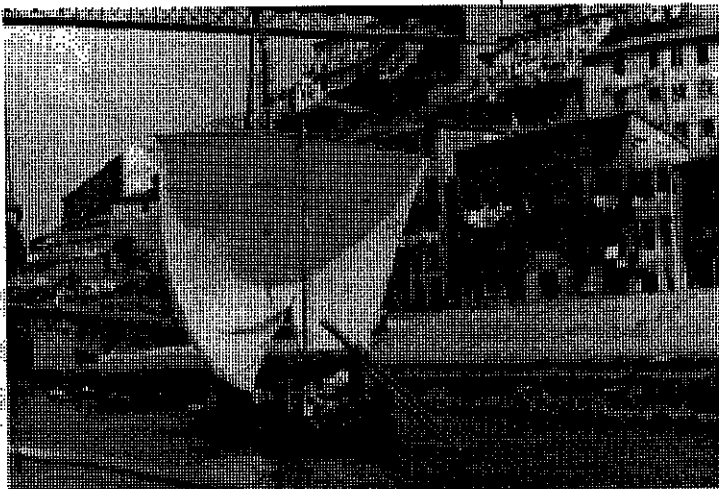
mês nas termas e um mês no mar.

Os pinhais e os ares de serra para fortalecerem e engordarem, depois a praia para gastar as energias acumuladas. Assim se pensava na família de meu pai.

Os padrinhos levavam ao campo,

o avô Armando, pai de José e Daniel e mais Artur, Lúcia e Mariazinha, além de dois outros filhos que morreram, grande

*O Douro  
e o mar do  
Norte nos  
primeiros  
horizontes*



patriarca, pastor e jornalista, sobrinho neto de Alexandre Her-  
culano, alugava uma casa de frente para o mar e para lá todos  
iam no segundo mês de férias — agosto. Nessa família nume-  
rosa, o planejamento familiar europeu não dava margem a  
grandes multiplicações: brincávamos, minha irmã e eu, com  
apenas três priminhos e fazíamos grandes castelos nas areias de  
Portugal. Maria Gualdina e Arnaldo são hoje empresários no  
Porto. Artur é médico e professor da Faculdade de Medicina em  
Lisboa. Dina Araújo, minha irmã, é palentóloga e professora da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Escola primária e família se misturaram na minha vida.

D. Emilinha, a professora da primeira à quarta série e admissão  
ao liceu, é cunhada da madrinha Cremilda. Me tratava com

especial carinho, sem confundir

a hora do rigor com outros mo-  
mentos de convivência familiar.

Numa mesma sala, por filas, en-  
sinava às quatro séries simulta-  
neamente. Em tempo integral,  
as alunas faziam ditado, escre-  
viam nas pequenas lousas reda-  
ções, apresentavam a lição de

história e de geografia, desenhavam em perspectiva objetos de  
prata que a professora trazia da casa, no andar de cima, decla-

*Areias  
de  
Portugal,  
os primos  
e o castelo  
da fantasia.*



mavam poemas para preparar apresentações, calculavam no quadro negro (negro, sim, de ardósia) os problemas de aritmética. Hoje me espanto com a eficiência de d. Emilinha. A disciplina era tanta que na hora do almoço, quando ela subia para sua casa, eu costumava liderar a orgia de teatro: a turma se fantasiava e começava a liberação de todos os impulsos reprimidos. De repente, ouvíamos passos sorrateiros na escada, era aquela confusão. Às vezes, por não sermos tão rápidas quanto d. Emília, ficávamos de castigo para pagar a indisciplina.

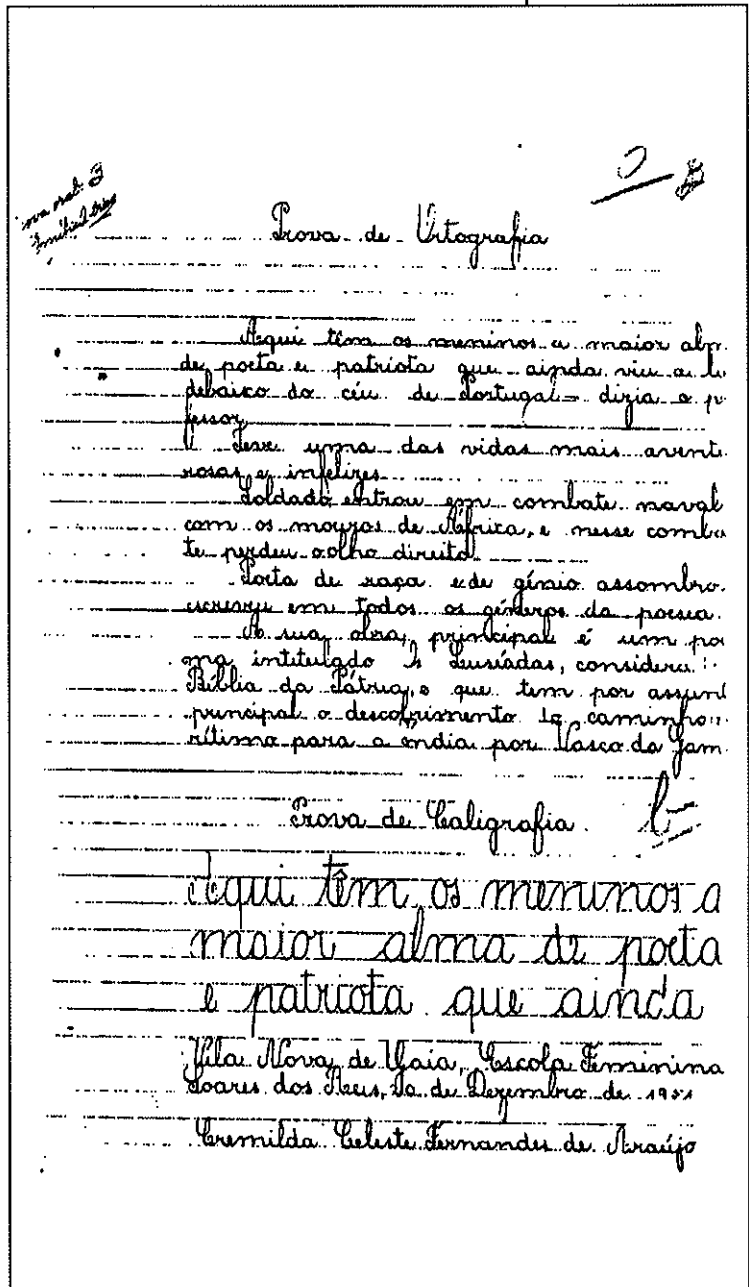
A escola, pública, também trazia o aprendizado social.

Cecília, a mais pobre, contava histórias escabrosas ou vinha com o rosto marcado de sovas. Ouvíamos, estarecidas, os horrores da miséria, entrávamos em contato com a promiscuidade sexual do cortiço, Cecília, nos sussurros, nos iniciava no mundo proibido. Embora a família da minha mãe fosse de origem rural e suburbana, a família que se impunha era a do meu pai e ali os valores urbanos bem assentados, sublinados pelo avô Armando que, aos domingos, os pregava no púlpito e nas tardes de reunião familiar na sua casa e no seu gabinete, se preciso fosse, esses valores formavam uma armadura tão pesada que a narrativa trágica da Cecília só abalava lá na intimidade do imaginário.

De qualquer maneira, a escola de d. Emilinha foi de tal forma alicerce que em todo o ginásio, já então em Porto Alegre,

leve vantagem sobre meus colegas, quase todos filhos de alemães, em matemática ou humanas, para não falar de português, é claro. Muitos e muitos anos mais tarde, em visita à velha professora (hoje praticamente paralisada por um derrame), ela me presenteou com vestígios de minha atuação na escola primária, colhidos de seu histórico arquivo. Já na década de 80, escavou, no começo da década de 50, sinais de meus primeiros vagidos...

As primeiras  
letras  
na arte  
da caligrafia



## Prova de Redação

Luis de Camões

Luis de Camões foi um grande poeta português, que escreveu Os Lusíadas e outros sonetos. Os Lusíadas são um livro em que conta a história de Portugal até ao reinado de D. Sebastião e a viagem que atingiu para a Índia, e a volta da fama. Camões, antes de D. Sebastião partir para a batalha de Aljubarrota, escreveu Os Lusíadas. Este poeta também foi soldado, mas apesar disso morreu na miséria.

Liliana Alves de Jesus, Escola Secundária de Lagos,  
15 de Maio de 2011

Luísa Maria Fernandes de Araújo

B

Prova de Aritmética  
Problema

Gastamos 0,7 de 22500,00 mais compra de outra saca de açúcar. O custo foi a preço do quilograma deste açúcar:

Indicação	Efetucação
22500,00	90806,00
90800,00	12800,00
	0000,00

Res.: O preço do quilograma foi de 12800.

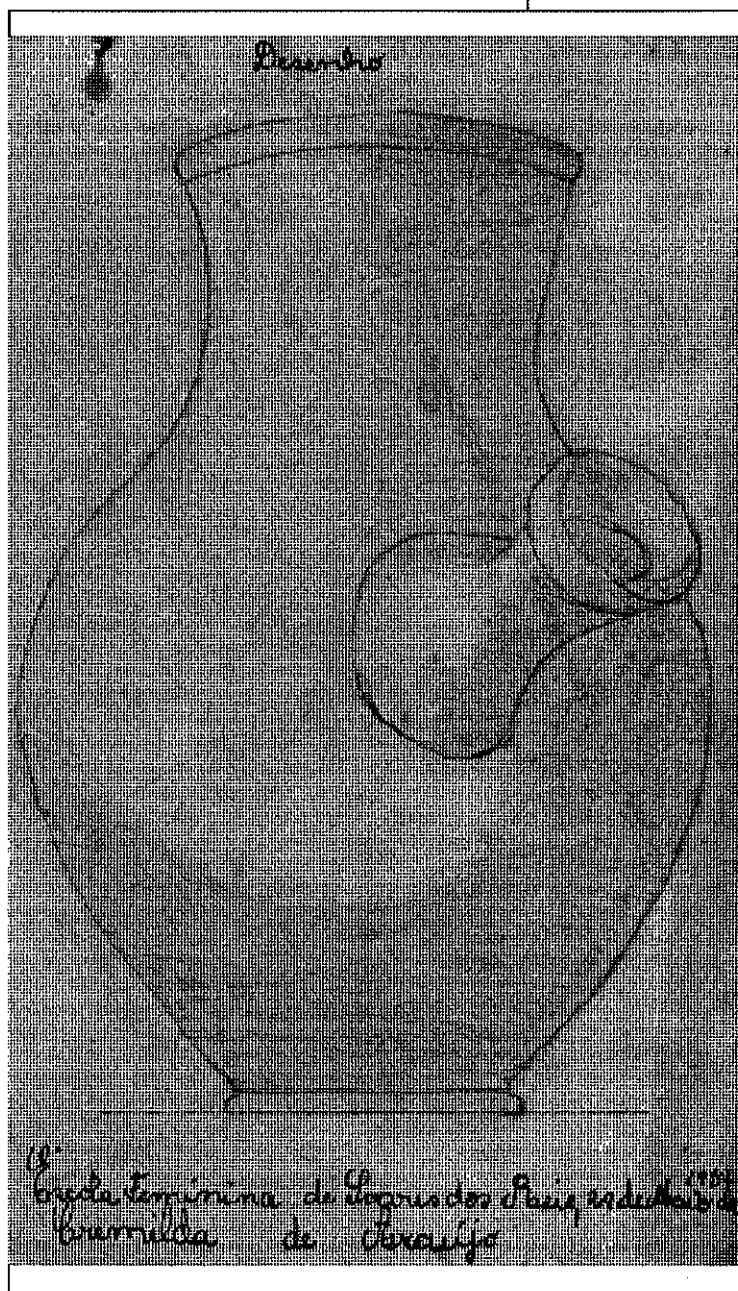
Operação  
Efetuar a seguinte operação tirando da primeira pela operação inversa.

97654,0000	100379
2185	25266,22
2904	
2510	
2360	Tirando a primeira pela operação inversa:
0160	
1020	25266,22
09267	800379
	231395,93
	11036354
	7729866
	976539,338
	100266
	976540,000



Ilha. Nova de Gaias, Lagoa. Termina de  
João das Neves, 20 de Setembro de 1901  
Linha de este Fernando de Araújo

*Desenho  
em perspectiva:  
começava  
a disciplina  
racional.  
A intuição  
sob a regência  
da mestra.  
despertava  
o aprendizado  
de luz  
e sombras*



Minha vida corria tão prazerosa que não faltava nem a viagem ao exterior. Padrinho Daniel acertou em segredo uma excursão à Espanha. Lá fomos, madrinha, padrinho e eu a Vigo e fiquei extasiada quando vi pela primeira vez uma espanhola dançando flamenco. Ganhei a primeira-boneca-que-andava e ela era espanhola, com mantilha e tudo. Todo esse encantamento não estava preparado para uma quebra abrupta. Sabia que um tio, já considerado brasileiro, vinha a Portugal após 40 anos de Brasil. Tio Emídio, irmão de vó Josefa, cunhado do patriarca, teria ido embora no início do século. Era ator e foi para o Brasil nas companhias de teatro da época. Se ligou à trupe de Dulcina, Procópio Ferreira e andou pelos palcos brasileiros até se radicar em Santa Cruz do Sul, onde conheceu uma alemã, ali se casou e se fixou no Rio Grande do Sul. Quando decidiu visitar a família, já se haviam passado quatro décadas.

Meu pai, com automóvel, se ofereceu para cicero-  
near tio Emídio em dois meses de turismo por Portugal. Sabe-se lá o que os dois tramaram. O tio, um homem da loucura artística, meu pai, um filho rebelde de família comportada, dado a grandes aventuras. O certo é que o tio foi embora e pouco depois, no dia da bodas de ouro de vó Armando e vó Josefa, lá pelas tantas, Zeca convocou pai, irmãos, cunhados, só os homens, para se juntarem no gabi-

nete de meu avô e comunicou: vou para o Brasil. A festa virou enterro, quando a notícia chegou ao gineceu e até as crianças que brincavam inocentemente no quintal viram que de alegrias as bodas acabaram em lágrimas.



*As bodas:  
a alegria se  
diluiu  
nas lágrimas*

## *Mar portuguez*

*Ó mar salgado, quando do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
Mas nelle é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa  
(Mensagem, I)

**A** menina mimada não sabia o que era dor, apesar de ter nascido na guerra. Em 1951, José Pereira de Araújo partiu, rompendo com todas as estratégias familiares para segurá-lo à pátria-mãe. A carta de chamada de tio Emílio havia sido tramada em 1950. Zeca teimou e foi na frente, preparar a casa para a mulher e as duas filhas. No começo de 1953, começaram os preparativos para nova partida. Foram sete caixotes, além das malas. Um dos caixotes, só de brinquedos das duas meninas. Padrinho Daniel, com a alma ao pedaços, providenciou tudo. A primeira perda concreta, senti na seleção do conteúdo do caixote: a bicicleta e o carrinho de vime para as bonecas não cabiam na bagagem. Eu que tivera um carrinho feito sob encomenda só para mim, idéia de meu pai, maluco por automóveis, agora não podia carregar para o Brasil nem bicicleta, nem meu automóvel (vermelho ?). . .

*Memória  
dos tempos  
de reinado  
e dos  
luxos infantis*



O pior estava por vir. As despedidas. Foram dois meses, rigorosamente escalonados em visitas que mais pareciam velórios. Eu só conhecera um enterro até então, o de minha avó Josefa. Pois as despedidas multiplicaram infinitivamente este sentimento pesado que não tinha referência. Dois longos meses de inverno, a primavera se anunciou em março de 1953, mas o degelo das almas estava cada vez mais doloroso ao se aproximar a ida para o navio da migração. Março de 1953, mês do aniversário da madrinha e do meu, chegou o adeus, como se fosse definitivo. Diante da fragilidade de minha mãe e da mana pequeninha, conheci a maturidade precoce. Ao pisarmos no navio Serpa Pinto, me senti responsável, de menina mimada, alegre, convicta do reinado, o rosto deve ter ficado grave, o choro contido, a insegurança, o desconhecido pela frente.

## A bordo do Serpa Pinto

137-1-86  
A. J.

### CARTA DE CHAMADA

JOSÉ MARIA LIMA DE BRITO E DUNHA, CHANCELEIR ENCARREGADO DO CONSULADO DE PORTUGAL EM PORTO ALGOS, ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL. - - - - -

C E R T I F I C O que, no dia três de Agosto de mil novecentos e cinquenta e um, compareceu nesta Chancelaria, o cidadão português MEYDIO CAMPOS, casado, comerciante, proprietário do "Hotel Santa Cruz", residente na Cidade de Santa Cruz do Sul, deste Estado do Rio Grande do Sul, à Rua Ramiro Barcelos, número 484, devidamente inscrito neste Consulado sob o número 11, do livro nº. de inscrições consulares, o qual se obrigou a garantir trabalho julgado suficientemente remunerador ou a prestar alimentos nos termos dos artigos 171º e 179º do Código Civil Português e a promover à sua própria custa a repatriação de seu sobrinho JOSÉ PEREIRA DE ARAUJO, filho de Armando Pereira de Araujo e de Josefa da Conceição Campos Araujo, nascido em 5 de Dezembro de 1911, na Freguesia de Santa Marinha, Concelho de Vila Nova de Gaia, Distrito do Porto, actualmente residente em Vila Nova de Gaia, à Rua Soares dos Reis, indivíduo que usava para exercer a profissão de gerente do seu estabelecimento comercial, no caso de éste por motivo de doença não poder prover à sua subsistência, a juízo exclusivo do Consulado, conforme documento que fica arquivado nesta Chancelaria. - - - - -

Em firmeza do que e para constar onde convier, mandei passar o presente que assino (depois de me ter certificado



**A**nos 50, limite das migrações conveniadas entre Brasil e Portugal. Viemos de navio ao encontro do pai que já se estabelecera no Rio Grande do Sul, por causa de tio Emídio. Padrinho Daniel caprichou não só nas providências da bagagem quanto na escolha do navio, o conforto da travessia. O Serpa Pinto era o navio do imaginário cinematográfico. Me apoderei dele, como quem conquista um sonho. Enquanto a mãe e a mana enjoavam terrivelmente, eu saía da cabine para brincar — o espaço era o navio, não importando as fronteiras de classe. dois meninos e outra menina, todos da mesma idade, fizeram do Serpa Pinto o faroestão da tela. Nos jogos dos adultos, os quatro adolescentes eram parceiros; à noite, nos bailes, aprendemos a dançar samba e a cantar *Chiquita bacana, lá na Martinica...*

A festa da passagem pelo Equador foi o coroamento. De manhã, os veteranos encheram de farinha os iniciantes, seguiu-se o batismo do mar com uma mangueira, e a entrega de um diploma — pela primeira travessia na linha do Equador, a personalidade de um peixe se fundia à identidade de uma pisceana. Os preparativos para o grande baile, à noite, começavam pela costura das fantasias. Com papel crepon, minha mãe me preparou um lindo vestido de bailarina espanhola. Eu, feliz

com essa outra identidade que acalentava desde Vigo, saí rebo-  
lante, jogando charmosamente a mantilha para trás e dançando  
samba. Isso bastou para que me elegessem nesse baile, a Rainha  
do Serpa Pinto.

Q.<sup>ma</sup> Senhora D. Gemilda Celeste de Azeijo

**Neptuno** REY DOS MARES

Senhor da agua salgada e do frasco Sub Aquatico, Fico  
suber aos que Est Certificado serem que o Nefflo  
LAGOSTINHA foi solenemente bapti-  
sido a bordo do FAVITE "Serpa Pinto" que por vir-  
tude deste Baptismo fica autorizado a cruzar todos  
os mias maritimos DOMINIOS, com ou sem linha e a  
enjoyr QUANDO E QUANTO lhe apetezer.

REGULAMENTO  
DE FUNDIÇÃO DO  
EQUADOR  
10 ABR 1953

Neptuno  
Azeijo

Novamente os mimos. Qualquer contrariedade me sacu-  
dia, pois recomeçava a eregir o reinado após a ruptura da  
infância. Na Ilha da Madeira havíamos saído para passear na-  
quele mundo de flores. Mas em Cabe Verde, ao largo de São  
Vicente, minha mãe não me deixou acompanhar um casal, de

*Atravessar  
o Equador,  
batismo  
além da dor*

barquinho, até a ilha. Os tubarões, uma ameaça feito Adamastor e a recomendação que ouvira ainda em Portugal, era de que não descesse em Cabo Verde. Chorei muito diante da contrariedade: não tinha medo do monstro, queria experimentar tudo. Esboçou-se então a noção de limites da autoridade materna, estava acostumada a driblar as proibições de uma casa pelas concessões de outra. Não tinha mais a quem recorrer para abrandar uma ordem. Talvez tenha sido o momento preciso da ruptura com o mimo.

Às 4 horas do dia 14 de abril de 1953, o burburinho no convés anunciava a chegada ao Brasil. Quis levantar e acordei a mãe, a irmãzinha, vamos lá, estamos a chegar. A madrugada foi geral, o navio se encheu de alegria, o nascer do sol, ao largo da Baía da Guanabara, se refletia nos olhos fixados em terra firme. Foi demorada a apoteose, porque só perto das 7 horas o navio atracava. Essa luz nunca vista selou o pacto com o Hemisfério Sol dentro de mim. E quando as pessoas do porto se tornaram visíveis, muitas de linho branco, lá estava o pai entre elas. O sol esplendoroso e o branco da roupa ficaram para sempre no verde e amarelo que agora substituíam o verde e vermelho.

A visita ao Corcovado, ao Jardim Botânico, sem falar de Copacabana, pelas mãos do pai entusiasmado em mostrar o seu Brasil à mulher e filhas. Por recomendação do tio Emídio, experimentado nas lides artísticas, Zeca nos levou à rádio Mai-

rink Veiga, assistir a um programa de auditório. Conhecemos uma amiga de tio Emídio, Estelita Abel. O Rio de Janeiro famoso dos carnavais, do samba, da **Chiquita Bacana**, se oferecia com um calor e uma alegria que muito prometiam. Em um avião rumamos para Porto Alegre, onde outra vez o pai fez questão de mostrar os pontos turísticos da cidade onde íamos viver. Oito dias num hotel do Rio e oito dias num hotel de Porto Alegre antes de chegarmos ao Hotel Santa Cruz, de propriedade do tio Emídio e a tia alemã Hilda (que se dizia Rilda). Santa Cruz do Sul, a última escala, nos abrigou seis meses, enquanto Zeca tratava de se instalar em Porto Alegre.

Para não perdermos tempo escolar, já que os períodos não coincidiam com Portugal, era tudo ao contrário, fui internada num colégio de freiras em Santa Cruz. Que horror. Eu, de família protestante, cheia de liberdades, inclusive usar vestidos de manga cavada, entrei num sistema que me castigava por voltar dos domingos externos, sem manga que tapasse as axilas. Ou então, no dia que troquei de termos típicos com uma colega (**bunda** em Portugal é **cu**), ela me dedou e fui de joelhos acima do milho uma hora. Outra tortura era a comida, não gostava de nada, inventava dor de barriga, ia à cantina comprar bolachas, meu pai se assustou com a conta e minha magreza no fim da provação. A essa altura odiava freiras, a Igreja Católica e a comida do internato. Para cúmulo, o Ministério da Educação

comunicou por telegrama, no fim de 1953, que não aceitava o exame de admissão ao liceu de Portugal, feito em 1952 e que eu tinha de o refazer no Brasil.

Vencida a revolta veio a ressaca. Não havia jeito de decorar os nomes indígenas da História do Brasil, nem tampouco os topônimos da Geografia que repetiam essa mesma origem cultural. Mas passei, graças às notas das outras disciplinas. A travessagem pelas provações de Santa Cruz se cumpriu e agora, 1954, era chegar a Porto Alegre e aportar na casa brasileira.

*Os trópicos  
regem  
a nova vida  
dos pais*



## Na intimidade dos anos 50

**O** batismo da instalação se deu no Natal de 1953. A família, drasticamente reduzida ao pai, a mãe e a irmã, se sentou à mesa da casa nova diante da ceia fumegante: lá estava o tradicional bacalhau cozido, as frutas secas, a aletria e as rabanadas, a sala de jantar iluminada pelas luzinhas da árvore e as neves que o padrinho Daniel tão habilidosamente acondicionara na bagagem. Tudo impecável. Mas falta o ânimo no calor insuportável, faz-se silêncio de velório e toma-se a decisão — no próximo Natal não haverá pratos fumegantes à mesa, quem sabe se substitui o bacalhau pelo peru. A família se transporta para o Hemisfério Sol e despede-se dos natais invernosos do Hemisfério Noite.

O pai, teimoso que só ele, consegue para as filhas uma vaga impossível no Colégio Farroupilha, reduto dos alemães. A escola, do primário ao científico, ali está em frente ao apartamento, que local mais cômodo e controlável poderia encontrar? Entro na cultura competitiva dos vestígios de raça superior reencenados pela colônia alemã do Rio Grande do Sul. Já então

vitoriosa do admissão brasileiro, começo o ginásio em março de 1954, disposta, aguerrida frente à enxurrada de piadas de português que tentavam me soterrar. Além da chuva de carrapichos que os meninos moleques jogavam no meu rabo de cavalo, no recreio. O primeiro resultado foi decisivo: o diretor da escola entra na sala com os boletins, canta, na ordem inversa, os dez primeiros colocados e lá estava eu entre os três primeiros. Não me lembro bem se primeiro, segundo ou terceiro porque essa foi uma situação de alternância nos quatro anos ginasiais. Dos meus dois concorrentes da maratona terrível que o sistema *pedagógico* do Farroupilha alimentava, uma delas, Bárbara Freitag (hoje consagrada socióloga, de obra internacional) se tornou imediatamente minha melhor amiga e aliada. O outro, um alemão extremamente orgulhoso, acompanhava todas as notas numa última página de caderno, em três colunas, para verificar quem dos três estava na dianteira das medalhas que, no fim do ano, seriam entregues nas formaturas do Teatro São Pedro. Obtido o passe de legitimidade entre a inteligência alemã, tratava-se de gozar o aprendizado austero. Uma das boas oportunidades eram as aulas de ginástica no clube Sogipa de Porto Alegre: antes de começarmos os treinamentos do corpo que completavam os da racionalidade, os altofalantes tocavam valsas. Se no navio da travessagem aprendera samba, na Sogipa, Bárbara me ensinou a rodopiar ao ritmo vianense. As redações de português e os

raciocínios de matemática eram outro êxtase. Eu levava vantagem no domínio da língua oficial, muitas vezes estrangeira para meus colegas que vinham de um hábito cultural de só falar alemão até os três anos. Mas o respeito que se construiu à minha volta, neutralizando a decantada **burrice** do português, foi o desempenho na matemática. Bárbara e eu, muito salientes, **ensinávamos** aos colegas nas vésperas da temida sabatina de matemática.

A história brasileira me tomou de assalto já em agosto de 1954. O suicídio de Getúlio Vargas, dramática e violentamente vivido em Porto Alegre, me iniciou aos mistérios da cena política, tão distante do imaginário das leituras literárias ou das cartas afetivas que escrevia para o avô Armando, meu guru religioso, e para os padrinhos. Esboça-se a partir daí um elo social que a princípio me intriga e depois me inquieta. Não satisfeita com o círculo familiar e de alguns amigos brasileiros de meus pais, não satisfeita com o cotidiano da escola alternado com uma ou outra festinha de aniversário nas casas alemãs, decido, por conta própria, freqüentar a Igreja Luterana. Logo aí encontro a oportunidade de relação, seja no coral para o qual maestro Leo Schneider me convida, seja pela atividade na Escola Dominical. Precocemente me entregam responsabilidades coletivas — eu, uma adolescente, cuidar de um grupo de crianças pouco mais novas. Me dão corda, deito e rolo: os anos



dourados tinham no domingo um momento culminante. Pego as crianças, faço teatro com elas, levo os meninos burgueses das famílias Renner do Rio Grande do Sul brincar no pavilhão dos doentinhos carentes da Santa Casa, promovo leituras interpretativas (a famosa livre-interpretação do texto, de Lutero, que eu levava às consequências radicais) e a Bíblia se transforma num ponto de partida de atuação social numa igreja, à época, extremamente conservadora. Durante anos, a aliança sensível do músico, maestro Leo Schneider, me manteve em tal prestígio que aos 15, 16 anos, era convocada para dar palestras. Mas lá pelo fim dos anos 50, os setores conservadores da igreja Luterana se deram conta da subversão que eu liderava com crianças e adolescentes e a crise culminou com uma convocação do Sínodo Riograndense onde eu iria ser acareada. Conhecia bem a Inquisição, a essa altura, e abandonei a confissão luterana naquele momento. (Em 1988, quando meu pai morreu, voltei à igreja pela primeira vez para solicitar um serviço religioso, e o Pastor Boll, outro de meus aliados, me entregou uma revista desse tempo com um texto meu sobre os menores abandonados.)

A adolescência portalegrense nos anos 50 recebeu outras iluminações, todas definitivas. O pai de minha mãe, bem como a mãe, vieram morrer no Brasil porque não aguentaram a separação. Vôzinho Manuel era apaixonado por música erudita e descobriu, no Brasil, a chanchada. Nós dois éramos cúmplices

nos concertos da Ospa e nas matinés de filme duplo. Não perdíamos um filme nacional. Se na infância fui iniciada ao neo-realismo italiano, na adolescência o prazer vinha do cinema-cope e das produções da Atlântida. Como a vida virou para mim, de uma infância catita e fagueira para uma adolescência muito vigiada por meu pai, alimentei a interiorização forçada, o intimismo das noites, dos domingos à tardinha, com leituras constantes. Aos 14 anos descobria Dostoievski e Tolstói e aí ninguém mais me segurava. A mãe proibia leituras após as 10 horas da noite, eu escondia a lâmpada de cabeceira debaixo das cobertas e varava a noite atropelando capítulos da literatura universal. A paixão pela arte estava irremediavelmente plantada na minha vida.

*A criação  
e o teatro  
substitui  
o catecismo*



## Iniciação à cidadania

**F**oi difícil convencer o pai de sair do Colégio Farroupilha, escola particular e de férrea disciplina, para fazer um exame de seleção para as cotadas vagas da escola pública de segundo grau, o Julinho. O Colégio Júlio de Castilhos tinha má fama entre os pais zelosos de suas filhas. Mas mais teimosa que meu pai venci na primeira grande rebeldia, passei no vestibular da escola e entro no clássico. Minha amiga Bárbara também saíra para uma escola técnico-profissionalizante, outra rebeldia que os professores do Farroupilha não perdoaram. Logo depois se foi para Alemanha onde chegaria até o doutoramento na Universidade de Berlim. Esta separação nos doeu, nós irmãs gêmeas e, no entanto, de culturas tão diversas.

O ambiente de uma escola de segundo grau, pública, na década de 50 era a pré-experiência política da universidade. A organização estudantil estava a pleno vapor, a questão social ocupava todo o tempo as discussões das lideranças e logo aderi às grandes bandeiras. Polêmica era o tom maior na sala de aula, que seguidamente ficava sem professor. Acostumada ao regime

Farroupilha, em que alguns professores (como um de geografia) ditavam aula, fiquei eufórica com a tribuna aberta em ambiente antes de silêncio monasterial. A classe que foi unida do primeiro ao terceiro clássico, além de se aprofundar em latim e literatura portuguesa (eu cheguei a traduzir dez a quinze versos da Eneida como hobby...), debatia de política a filosofia. Por exemplo, Karen Horney e a neurose do século XX mobilizava infinitas reflexões; a seca do Nordeste e a miséria, pautas diárias; ficávamos às voltas com a construção de Brasília, questionando eternamente se era ou não um desvario de Juscelino Kubistchek. A família e o casamento, o controle da natalidade, a discussão sobre os assuntos proibidos da sexualidade, enfim esses os temas que saltam do residual do Julinho, hoje uma escola fisicamente destruída. A vida estava concentrada na escola pública, principalmente pelo cruzamento de classes sociais, verdadeira iniciação à cidadania.

Para alimentar a paixão pela arte se sobressaem as aulas de literatura, já então entrelaçadas com a Aliança Francesa que frequentava desde o ginásio. A viagem ia longe, dos contemporâneos aos clássicos. Li com empenho o famoso tio, Alexandre Herculano, cruzei com Euclides da Cunha, me entreguei a Albert Camus e a Sartre, fruí Jorge Amado, a poesia simbolista francesa, mas também Cruz e Souza. Tudo desorganizado. As leituras só tomarão um rumo de história literária às vésperas do vestibular, 1960, pelas mãos da coleção Agir, os Nossos Clássicos. Na

Aliança Francesa, além de ter assimilado muito do cartesianismo francês — *numéro un, deux, trois* —, ousei mergulhos literários como comparar Pascal, Machado de Assis e Camus. No Julinho, as ousadias não ficavam atrás. O professor Casado Gomes me dava estímulos. Propus desenvolver um estudo do Camões lírico, que eu defendia ser mais importante que o Camões épico. Ele adorou o ensaio. Outra vez me presenteou um novo poeta, seu aluno na Faculdade de Direito. Tratava-se do primeiro livro de Carlos Nejar, *Sélisis*, publicado às expensas do poeta. Fiquei extasiada e escrevi o primeiro texto sobre o primeiro livro de Nejar (hoje imortal). O professor Casado Gomes publicou no **Diário de Notícias** de Porto Alegre. Esse recorte se perdeu na poeira, mas afinal são minhas primeiras letras impressas, em 1959.

Nesse caos de arte e política, filosofia e latim, que carreira escolher? O investimento que meu pai fizera (as melhores escolas de Porto Alegre para prestar satisfação à família que não aprovara a saída de Portugal) apontava para uma carreira nobre, isso nem se discutia. O irmão mais velho, radicado em Lisboa, já dava notícias que o único filho ia cursar Medicina. E eu, aqui no Cone Sul da América? Longe de mim, medicina. Mas quem sabe, matemática. Ou arquitetura. Ou Letras. Ou Filosofia pura, como se dizia. Surgiram então os testes vocacionais, experimentados no colégio estadual. Toda a minha geração foi com sede ao pote. Aguarda-

mos com ansiedade os resultados e o toque mágico de futuro resolvido. Grande frustração: no meu caso, deu Humanas, mas também Exatas e, quem sabe, biológicas.

Entregue aos próprios botões, fiz um misterioso raciocínio: se for para a matemática, vou me fechar para o mundo humano. (A matemática era o fausto da inteligência na cultura do Farroupilha.) Resolvi ter uma vivência antes de decidir o vestibular. Me atormentava a questão do **menor abandonado** (rubrica da época) e havia um comissário em Porto Alegre que falava muito na rádio sobre este problema. Resolvi procurá-lo na Delegacia dos Menores e pedir-lhe um estágio para acompanhar de dentro a situação. Ele deve ter achado muita graça, mas topou e lá andei eu vivendo ambiente de delegacia e as tragédias cotidianas dos menores carentes. Num *insight*, a decisão se fez: quero ser jornalista.

Ai que drama. Ensaiei a comunicação oficial em casa durante um longo período. Um dia, tomei aquele fôlego e disse: vou fazer vestibular para Jornalismo. Foi um deus nos acuda, rangeres de dentes, agressões e ameaças. Lá isso era curso que se apresentasse. Não foi para isso que gastei tanto dinheiro na tua educação, gritou Zeca irado. Como é que tu vais desperdiçar uma inteligência numa carreira que não existe. Olha o exemplo do teu primo que vai ser médico. Foram anos e anos de incon-

formidade. Essa decisão destruía de tal forma meu pai que eu, de pena, disse que faria dois vestibulares — um para Jornalismo, primeira opção, e outro para Letras Clássicas, para ele dizer aos amigos que filha ia para o grego e latim. Isso não o consolou, mas pelo menos atenuou a dor.

## Do outro lado da margem

**M**al havia entrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jornalismo era primeira opção, Letras Clássicas em segunda opção, e recebi um chamado do diretor, professor Ângelo Ricci, fiquei extremamente tensa, porque o conhecia, havia sido o mestre de latim mais rigoroso no colégio estadual e temi por atos que desconhecia. Ele me recebeu com seu jeito ranzinza e foi logo questionando, como você não está cursando Grego e Latim, só está fazendo as disciplinas de Português, Estética e Literaturas? E, da gaveta, puxou implacavelmente os resultados do vestibular: quem conseguiu uma nota de 9,6 em latim, não tem o direito de optar por Jornalismo, o curso mais obscuro da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Santo Deus, lá estava outro pai. Mas firmei pé: professor Ricci, quero ser jornalista, não professora de latim. Ele não desistiu fácil, mas terminou por encerrar o assunto diante da resistência marruda de minha parte.

(Dez anos, depois, 1971, quando me radicava em São Paulo, visitei o prof. Ricci no exílio. Em 1968 foi vítima de uma cassação que lhe doeu na alma e criou um calo que não superou



até morrer tragicamente em um acidente numa estrada paulista. Ele, um humanista liberal italiano, dedicara sua vida ao Brasil e recebera tal paga de país tão ingrato. Nos movimentos de 68, não permitira, como diretor da mesma faculdade, que a polícia invadisse a universidade. Foi o suficiente. Ele e a esposa, Rina Ricci, hoje professora da USP, migraram para São Paulo. Angelo Ricci, amigo de Vitor Civita, foi convidado para trabalhar na editora Abril e criar a coleção de clássicos da literatura. Cheguei então para vê-lo, no prédio da marginal, e lá estava o mesmo professor irônico, crítico e inconformado com as opções dos jovens à sua volta. Imaginem-se os jovens da geração 68. Entre os espantos do prof. Ricci, contou-me uma que lhe provocava sorrisos matreiros: no calor insuportável do prédio, era frequente as meninas da redação tirarem o jeans e ficarem de calcinha. Isso editando livros da literatura grega...)

Na Faculdade de Filosofia de 1961 a 1964 vivem-se anos efervescentes. As aulas, de Geografia Humana ou de História, de Ciência Política ou Estética, de Filosofia ou Jornalismo, de Língua Portuguesa ou Sociologia oferecem constante espaço de polêmica. A discussão humanista extravasa a sala de aula, invade corredores e centros acadêmicos, imprime-se nas publicações, um jornal semanal da UNE (**O Universitário**), o **Coruja** do centro acadêmico da Filosofia, o **Jornal Escola** do curso de Jornalismo. E ainda havia os ciclos de conferências do

ISEB, o cineclubismo, ir ao cinema e ao teatro (Arena e TBC de São Paulo), a discoteca pública onde o grupo ouvia música erudita, os seminários de marxismo que o Clube de Jornalismo (sub-centro acadêmico do curso) promovia. Loucura total de idéias. Marx e Sartre conviviam numa bela articulação entre os problemas existenciais, tão ao nosso gosto, e os problemas sociais, verdadeira missão dos que se prezavam. A utopia de Brasil e o Nordeste exorcizado. Causa espanto quando, à época, Franklin de Oliveira propõe o tema *O Rio Grande do Sul um novo Nordeste*. Ficamos revoltados com a heresia, discutimos horas a fim o livro com esse título, não tínhamos condições de compreender quão profético era.

A intensidade dos estudos e debates conceituais desagava num projeto revolucionário. Mas ao mesmo tempo, valores da órbita não social explícita também entravam com vigor na pauta: a liberação sexual, a afirmação da mulher, o questionamento da família burguesa, os filhos e o coletivismo, uma verdadeira salada russa. O grupo de estudantes de Jornalismo era muito pequeno então. Somávamos nove, e um de nós morreu no meio do percurso. Almiro, o mais velho da turma, heróico resistente de uma família muito pobre e numerosa, foi até onde deu com uma doença cardíaca congênita que hoje teria solução. Morreu em 1962 e choramos muito nosso guru autenticamente marxista que nos inspirou não só estudos teóricos como uma

prática social coerente. Neste grupo estava também um parceiro muito próximo, apesar das intermináveis discussões que mantínhamos em aula ou fora dela, que além de rigoroso estudante tocava um violãozinho, cantava com uma voz afinadíssima e escrevia poesia.



Sinval Medina, eu e mais cinco do total em que só dois eram um pouco mais isolados, vivíamos cada momento da universidade com tríplice força — racional, emocional e operacional.

Não havia como ficar alheio. Dentro do espírito da UNE, trabalha-se então na frente jornalística, na frente artística (teatro, poesia, música) e na frente educacional. Lembro das tardes de domingo, na minha casa, dando aula particular de várias matérias para os adultos que tinham dificuldade no programa regular, em que ensinava à noite, no programa do ginásio concentrado, artigo 99. Como dava o tempo para tudo isso? Hoje, essa energia é um mistério para mim.

A intensidade profissional se mescla desde o começo. Mal entro na universidade, preciso dar conta de meu próprio orçamento, sobretudo movida pela liberação feminina. Consigo

*Aspirantes  
a jornalistas  
de câmara  
a postos*

dar aula em um cursinho pré-vestibular de Porto Alegre, o **Piratini**. Trabalhei três anos à noite e deste emprego regular a partir de 1961 não tenho documento. Muitas vezes fui receber o magro ordenado e o cheque estava sem fundos. O proprietário, um professor, que já morreu, adorava meu trabalho (fui ensinar língua e literatura portuguesa), mas frequentemente me criava esse constrangimento trabalhista. E nunca assinou carteira.

*Encontro  
desigual na  
iniciação  
profissional*

Em meados do segundo ano do curso de Jornalismo, já metida em toda a imprensa da universidade, na gráfica e na rádio, comecei a procurar um lugar como jornalista estabelecida. Isso acontece na **Revista do Globo** e começo como repórter de geral, como manda o figurino. Em uma das coberturas de estréia — os jogos da Universidade em Porto Alegre — lá fui cobrir o mundo dos esportes que para mim era mais estranho do que latim. O fo-



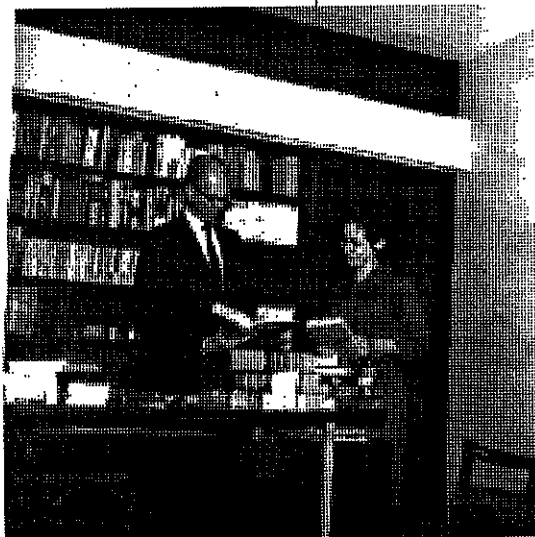
tógrafo da revista, cúmplice cruel do fechador das páginas, fixou o flagrante da foca entrevistando um jogador de basquete, o dobro da altura da repórter.

Não dura muito a alegria da reportagem, porque mal descobrem que domino a língua portuguesa acima da média dos jornalistas da redação e me metem no terrível copidesque. Claro, a alegação é sempre a carreira, a pequena promoção no salário, que era o mínimo da época, Cr\$ 18.000,00. (Apliquei-o integralmente na primeira peça de enxoval, um cobertor Parahyba, de primeiríssima, que até hoje nos acompanha no inverno, Sinval e eu, nesses tempos já definidos pelo casamento, apesar do debate quanto à sobrevivência da família no mundo contemporâneo.)

Como copy da **Revista do Globo**, o terror eram as matérias do jornalista Luis Wisznitzer, que vinham dos Estados Unidos num portunhês ou portunhol, eram extensas feito tratado e lá ficava eu horas a fio dando forma concentrada e legível ao principal correspondente da imprensa brasileira (ele escrevia para o mundo). Ainda bem que na faculdade eu continuava repórter. E foi numa dessas reportagens, por mim pautadas, que fui entrevistar José Octávio Bertaso, o responsável pela Editora Globo. Atrevida, questiono o papel da editora frente às novas gerações literárias brasileiras. José Octávio Bertaso, hoje cego, não mais com a editora nas mãos, que foi vendida às organizações Globo de Roberto Marinho, está escrevendo um livro de memórias. Numa visita a Porto Alegre, em 1992, quase trinta anos após toda essa história lembrada, pediu que eu lesse um trecho de seu livro onde fala de mim e dessa entrevista. José Octávio faz uma sutil sátira do com-

portamento profissional da jovem estudante de Jornalismo. E isso me valeu um convite surpreendente: logo depois de publicada a matéria no **Jornal Escola**, órgão laboratório do curso de Jornalismo, me convidou para ser secretária editorial e subir três andares e outros tantos cruzeiros da redação estreita da revista para o salão nobre da editora Globo. Dedico o texto seguinte à fibra de José Octávio que perdeu a visão após ter perdido seu pai, o editor pioneiro, Henrique Bertaso, que junto com Erico Verissimo fizeram a velha editora, baluarte brasileiro até hoje. José Octávio perdeu também a própria Globo e permanece ativo, lá em Porto Alegre, escrevendo essa história.

*Prêmio  
de  
Jornalismo:  
a  
Enciclopédia  
Globo*



## Em busca do tempo não perdido

**I**nício da década de 60, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atividade estudantil intensa, sobretudo na imprensa universitária. Ao mesmo tempo, o interesse pela literatura: eu cursava Jornalismo e Letras de 60 a 64, dava aulas de português no cursinho pré-vestibular e fazia reportagem nas poucas horas disponíveis. Foi nesse contexto que boleei a pauta escritores & editores e lá me dirigi, toda pretenciosa, à editora Globo, falar com José Octávio Bertaso, o jovem herdeiro de Henrique Bertaso. Ele, não menos olímpico, enfrentou uma entrevista até certo ponto agressiva que pretendia provar que os escritores são presas frágeis nas garras dos editores.

Não me lembro como saiu exatamente a matéria no **Jornal Escola** do curso de Jornalismo da UFGS. O fato é que um ano depois, quando conquistei o primeiro emprego como repórter na **Revista do Globo**, certo dia fui chamada à editora, que funcionava em outro andar do velho prédio da Rua da Praia, e José Octávio Bertaso me convidou para assumir o cargo de

secretária editorial. O salário oferecia vantagens e as responsabilidades perante a literatura estavam na medida justa de minha paixão pela Arte. Talvez José Octávio Bertaso quisesse me provar: você que veio aqui me questionar, agora vai se ver com seleção de originais, sugestões de publicação, decisões de *marketing*, preparação de livros... Senti, de imediato, o peso das cinco intensas horas de expediente.

Passados quase trinta anos, vêm à memória sensações de euforia contrabalançadas pela frustração. No cotidiano, uma teimosia que beirava a loucura. Meu ritmo interno pedia agilidade como a que seria posta à prova mais tarde, já em São Paulo, em telejornalismo diário. Mas o tempo editorial de um livro não é o do fechamento de uma página de jornal ou de um telejornal. Não me conformava com dois, três anos de parto para um título editorial. Deve ter sido por isso que inventei de lançar fascículos na Editora Globo. Mirava o exemplo da editora Abril, em São Paulo, e por que não, em Porto Alegre, com a maior editora gaúcha nas mãos, por que não se propor esse desafio? José Octávio aderiu com entusiasmo à torrente de idéias que discutíamos sem grandes hierarquias. Depois, é claro, havia a sondagem a Henrique Bertaso, o pai, e a Erico Verissimo, o pai editorial.

Erico vinha todos os sábados de manhã ao escritório de Henrique Bertaso. Eram saraus literários matutinos em que



compareciam outros intelectuais da terra. José Octávio, bom aprendiz de feiticeiro, levava os projetos editoriais para esse sofisticado colóquio. Eu me mordida de curiosidade, isolada do olimpo lá no escuro e frio departamento editorial, cercada de livros da biblioteca que tomava o centro do salão. Às vezes, vinham boas notícias da áulica reunião de sábado. Como no dia em que Erico Verissimo leu a quarta capa do romance de James Baldwin — *Numa Terra Estranha* —, que eu havia escrito e perguntou a Henrique Bertaso, quem fez este texto?, ao que o velho editor respondeu, uma menina que entrou na editora. Erico se espantou: *Escreve como um homem*. Foi o primeiro elogio profissional que recebi.

Em meio à rotina do departamento editorial, um aprendizado que me valeu para a vida inteira. Posso alinhar as lições, todas precedidas pela ética no trato como os criadores, os intelectuais que são a alma de uma editora. Me defini claramente neste sentido, mas felizmente, os proprietários da Globo — Henrique e José Octávio — não me deram dor de cabeça. Havia, na editora, uma certa aura de decência e eu pude levar questões monetárias, como aumentar um tradutor, com um à vontade que nunca mais encontrei no mercado da indústria cultural em que trabalho há três décadas. E tinha mais, por falar em tradução. Uma vez, para traduzir um texto de Rilke, procurou-se, no território nacional, o melhor profissional e ao se encontrar uma

professora do Recife que reunia as melhores condições para a empreitada, foi a escolhida e ganhou uma soma significativa, acertada em um contrato de tradução inédito para os padrões brasileiros.

Muito mais tarde, já como editora do jornal **O Estado de S. Paulo**, fiz uma grande reportagem sobre traduções no Brasil e tive a oportunidade de verificar, através de depoimentos muito especiais como o do poeta José Paulo Paes, quão diferenciado era o comportamento da Editora Globo. Peguei essa tradição e, por isso mesmo, me sentia estimulada a procurar sempre o tradutor mais competente para um bom original estrangeiro. Recordo, por exemplo, que a melhor tradução de Jorge Luis Borges no Brasil é a do poeta Carlos Nejar, em *Ficções*. Foi um desses desafios que aceitei com prazer, porque fazia parte da cultura Globo.

Falar em Borges sempre me emociona. Não só porque o conheci pessoalmente e publiquei no **Estadão** um perfil de página inteira, tecido em Buenos Aires lá por 1977, mas sobretudo porque o grande escritor argentino está ligado à minha saga na Globo. Levei quase dois anos para convencer os editores de que Borges merecia sair em português. Consegui a façanha e *Ficções* foi o primeiro texto do poeta publicado no Brasil. José Octávio se contaminou com a ousadia e pedimos os direitos de toda a obra de Borges. Mas o mercado não era receptivo à

excelência literária. A edição foi um fracasso. Já tinha me mudado para São Paulo e cada vez que ia a Porto Alegre, no Natal, José Octávio, muito bem humorado, me convidava para um jantar para comemarmos os trinta Borges que haviam sido vendidos naquele ano.

A fissura pela literatura brasileira nunca cedeu à ganância pelos best-sellers. Claro, a Globo os cultivava no rastro do êxito de Karl May ou de Agatha Christie. No entanto, a par desse fundo editorial indispensável, me foi dado espaço para cultivar a descoberta de talentos nacionais. O próprio Nejar, não como tradutor, mas como poeta, é um dos casos. Organizei, em um dado momento, uma antologia de novos escritores gaúchos, editei os primeiros livros de Tânia Jamardo Faillace. Sentia que aquela casa editorial era o ninho do futuro literário, assim como abrigava os de outra geração como Mário Quintana, Erico Verissimo, Ciro Martins e o todo o *cast* de primeira grandeza que fez o prestígio da velha Globo.

Conviver com a intelectualidade ao vivo ou por correspondência, bem como ler todas as publicações estrangeiras que me chegavam às mãos, formou o acervo de informações que sustentam a base de meu repertório. Há um traço de coerência assustador na trajetória que desemboca nos anos 80 em três livros publicados, realizando o inventário dos escritores de

língua portuguesa. Quando, por exemplo, entrevistava autores em Portugal e alguns me falavam de admiração por um poeta e professor brasileiro, Guilhermino César, que brilhou na Universidade de Coimbra, soou lá no íntimo a voz conhecida, afinal com ele convivera. Ou quando reencontrei Fernando Namora em Lisboa, nossa sintonia era ancestral — lidara com se *Domingo à Tarde* na editora Globo. Ou então se precisava falar de Erico Verissimo em Maputo, Moçambique, certamente meus olhos traíam a emoção no diálogo com os escritores africanos. Em 1991, pelos 85 anos de Mário Quintana, prestei um depoimento na Oficina da Palavra da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo em que o convívio com o poeta falou mais alto que qualquer leitura crítica de sua obra.

Não esqueço também aprendizados que, embora técnicos, nem por isso foram frios. Dediquei-me ao grafismo e dentro da pretensão e água benta que caracteriza o profissional de vinte e poucos anos, inventei de modificar capas e planejamento gráfico na editora. Meu mestre técnico foi Frederico Porta e seu *Dicionário de Artes Gráficas*, uma preciosidade nacional nem sempre referida. Depois, os livros alemães, os norte-americanos, os portugueses ou franceses que circulavam na editora. Dava prazer folhear o livro estrangeiro, não me conformava com os maus tratos no Brasil. Não sei se consegui grandes coisas, mas uma delas me salta como meta atingida: trabalhar com uma

família tipográfica nas páginas de entrada, nas aberturas de capítulo, intertítulos etc. Era um festival de famílias tipográficas e a estética do planejamento gráfico se alterou substancialmente com essa mudança.

Filigranas que povoam meu imaginário quando José Octávio Bertaso me solicitou este depoimento. Mas não estão em nenhuma gaveta fechada estes fragmentos de passado. Pelo contrário, seguidamente os ativo profissionalmente ou em conversas informais. Anos de plantio que dão suporte à etapa atual. Se sou mestre, doutora e livre-docente pela Universidade de São Paulo, faço questão de não omitir os alicerces muito sólidos que devo à Porto Alegre dos anos 50 e 60, bem como à profissionalização na editora. O próprio ritual de passagem está simbolicamente ligado à Globo. Ao me formar em Jornalismo, no dia 31 de março de 1964 (ironia do destino), ganhei o Prêmio José Bertaso pelo primeiro lugar no curso e a editora, que não tinha nada a ver com o cômputo de minhas notas na universidade, entregou a uma de suas funcionárias a Enciclopédia Brasileira Globo.

Esta era uma entre as enciclopédias que formavam um fundo editorial, também diferenciado no Brasil. O departamento afeto a esta linha era autônomo e funcionava exemplarmente com uma equipe de redatores. Mesmo quando se traduzia um texto estrangeiro, como a Nova Enciclopédia da Mulher, na qual

eu trabalhei, produziam-se adequações à realidade nacional. Até fotos locais foram introduzidas na edição francesa para *nacionalizar* a enciclopédia.

Não tenho o hábito de repisar frustrações, embora as registre. Quanto à editora, incomodava-me a morosidade das decisões, a burocratização do processo, o ritmo das publicações e a ausência de recursos para amparar estratégia de *marketing*. Diziam-me, são os limites econômicos do Rio Grande... No final de 1970 me mudei para São Paulo e, no frígido dos ovos, vim a conhecer outras limitações. Hoje vejo com mais nitidez os impasses do País e de outros países em situação semelhante. Para quem esteve na África, então nem há comparação possível. De qualquer maneira não me mudei para o Norte rico e bem estabelecido, depois de experimentar as agruras do Sul. Optei pela resistência e assumi o espaço que me reservou o Hemisfério Sol.

A minha identidade — nunca a rejeitei — cruza, na gênese profissional, com a Editora Globo. Cruza também com o clima de respeito com que fui tratada, eu que era praticamente uma adolescente. O Sr. Henrique (como o chamava) me ouvia atentamente quando apresentava uma sugestão editorial nas reuniões de cúpula. A convivência com meu chefe imediato, José Octávio, não era tão solene, mas nem por isso desrespeitosa. (Quando, na década de 70, tive contato com as duas gerações de

Mesquitas, no **Estado de S. Paulo**, já tinha como paradigma esse ambiente profissional dos Bertaso.) E foi com bom humor que José Octávio recebeu meu intempestivo pedido de demissão (nem o primeiro nem o último de longa série). Saí para não voltar, nos fins da década de 60, mas continuamos amigos. Não posso dizer o mesmo de outros chefes que já tive.

Ao acompanhar o destino da editora, uma dorzinha me atravessa: por que mudou de endereço? Meus alunos na USP vão trabalhar na editora Globo de hoje e lá começo eu a contar-lhes uma grande história. Sabem quem publicou Virginia Woolf no Brasil? Sabem quem traduziu Platão diretamente do grego? Sabem quem lançou Balzac, Thomas Mann ou a busca do tempo perdido de Proust? São exemplos aleatórios dos inúmeros títulos que fazem as glórias da tradição editorial brasileira.

## Afirmação no país negado

**D**ia 31 de março de 1964. Quisemos uma formatura separada dos demais cursos da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. Os oito novos jornalistas acertam outro detalhe: não haveria orador oficial da turma, mas todos se pronunciariam ao estilo de jogral. Chegamos *fardados* (só o ritual da toga se escapou ileso) por volta de 20 horas e fizemos a foto histórica. Nosso paraninfo, o professor de Ciência Política Leônidas Xausa, aproxima-se por último — já ali estavam os outros professores homenageados — e diz num tom grave, branco como cera: **Alguma coisa muito séria está acontecendo em Minas. Ouvimos sem entender, vamos para a solenidade com a palavra social, a crítica da miséria, a responsabilidade dos jornalistas no projeto revolucionário de Brasil.**

*31 de março  
de 1964:  
a formatura  
na URGs*





Amanhecemos no dia 1º de abril de 1964 formados e dilacerados. Uma notícia do **Correio do Povo** dava conta de que a turma de jornalistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul se rebelara na forma e no conteúdo e em ambos era subserviva. As manchetes anunciavam a realidade maior: cai o governo João Goulart. Não hesitamos, os que já trabalhavam no meio profissional nem pensaram no emprego, vamos todos para a Rádio da Universidade, nosso espaço de comunicação, e nos associamos à resistência que já então Leonel Brizola articula a partir de Porto Alegre. Os boletins vão ao ar em um raio de alcance que sequer chegava à periferia da capital gaúcha. Dura umas seis ou sete horas o Jornalismo Revolucionário, em resistência ao que então cunhamos como contra-revolução militar. À tarde do dia 1º, o exército fecha a Rádio da Universidade, somos expulsos. No entardecer vêem-se jovens descendo a av. João Pessoa, nos trilhos dos bondes, dando o grito de guerra. Entre eles o jornalista Marcos Fermann, parceiro de futebol e de revolução de alguns de meus colegas, proclama que **SÓ NOS RESTA A LUTA ARMADA**. (Que eu saiba, Marcão não passou de um pacífico jornalista que se radicou em São Paulo a partir da década de 60).

Nada voltou à normalidade, mas iniciamos a era da resistência explícita com o marco simbólico do diploma de jornalistas, assinado precisamente no dia 31 de março de 1964.

A profissionalização segue seu curso na revista e na editora Globo, continuo na Universidade Federal fazendo as disciplinas de Pedagogia pelo curso de Letras (Português) e pela Universidade de Nancy (Francês). Apesar de não ser a opção primeira, acompanho com muito interesse os cursos de Psicologia, Didática, Administração Escolar, o estágio, os trabalhos de campo. Proponho um estudo de caso em escolas noturnas e pratico as técnicas de observação; proponho uma monografia sobre crianças excepcionais e me debruço nesse lado obscuro da mente humana; lidero seminários pela facilidade de texto da jornalista nos grupos de pedagogos; enfim faço dignamente o curso de Didática, embora descarte a possibilidade de ser professora. No final de 1964, mais uma formatura, desta vez coletiva — todos os licenciados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Mas dezembro de 1964 traz outras expectativas mais decisivas. O casamento, a 5 de dezembro, assinala uma cumplidade que começa por ser intelectual e social e termina pela afetividade plena. Companheiro de lides e lutas, Sinval me acresce o Medina ao Araújo. No meio profissional gaúcho até hoje persiste a arqueologia de Cremilda de Araújo, o que não acontece em São Paulo onde Cremilda Medina sintetiza a identidade mestiça. O contexto de 64 não era favorável ao sonho revolucionário nem oferecia condições ideais para um jovem casal. E no entanto teimamos. Para viabilizar o começo, Sinval

sai de uma agência de publicidade e de um jornal, de péssima remuneração, e faz concurso para o Banco do Brasil. É selecionado entre os dez primeiros lugares e contemplado com uma vaga em Camaquã, uma cidade a cem quilômetros de Porto Alegre. É lá que nos plantamos, a primeira casa.

Assim, quis o destino, devo ser professora. Que mais fazer em Camaquã? Saio da editora **Globo** e consigo permanecer como responsável de duas a quatro páginas de literatura na **Revista do Globo**. O equilibrismo se instala no cotidiano: de segunda a quinta de manhã, aulas na Escola Normal de Camaquã quinta à tarde, um lento ônibus me leva, duas horas e meia, três, para Porto Alegre onde trabalho na elaboração das páginas de literatura da revista. A grande vantagem: partilho com as normalistas do interior do Rio Grande do Sul como texto básico de Português a literatura contemporânea, as descobertas jornalísticas daquele momento. Por isso, Ricardo Ramos e Fernando Sabino, Lygia Fagundes Telles e Osman Lins, Bernardo Élis e Murilo Rubião, Carlos Nejar e Lindolf Bell — meus personagens extraídos da atualidade literária. E depois a reflexão ensaística de **Literatura e Sociedade**, primeira edição, a paixão por Antônio Cândido.

Em 1966, poucos meses após o grande sucesso de *Morte e Vida Severina* em Nancy, comprei um disco que ime-

diatamente registrou a poesia de João Cabral e a música de Chico Buarque, levei para Camaquã e incendiei as normalistas e as freiras da instituição. (Quase esqueço de assinalar minha reconciliação com colégio de freiras.) Em um encontro de normalistas do Rio Grande do Sul, realizado em Camaquã, estreamos *Morte e Vida Severina* no mesmo ano em que o espetáculo do Tuca, de São Paulo, se consagrou no festival de Nancy, na França. A apoteose do momento não poderia ser completa se não aparecesse um sujeito no palco, com um cartão de visita do Deops gaúcho, ou melhor, o representante local da vigilância cívica. Mas estava entusiasmado: tinha adorado o espetáculo e cumprimentava a equipe...

Dois anos e meio de Camaquã foram épicos, além de pedagógicos. Nasceu Ana Flávia em 1965 e era difícil levar um carrinho de bebê a passear na cidade de 20 mil habitantes, capital arrozeira dividida em duas classes sociais — os muito ricos e os muito pobres —, duas pracinhas e poucas árvores na rua. Uma das pracinhas, situada na única elevação da terra, era povoada por uma família de macacos. O zoológico representava então a atração dos dois primeiros anos de Ana Flávia, hoje mãe de dois filhos que

*A vida  
explode os  
cliques  
da negação*



escolhe em São Paulo o lugar onde levar os meninos para tomar sol. Mas as normalistas e os alunos do científico noturno do colégio estadual faziam uma festa à parte na cidade. O teatro e a literatura nos inspiravam. Cinema era uma luta — só recorrendo a Porto Alegre nos fins de semana. Dois grupos de teatro, o das normalistas e o da equipe mista do colégio noturno punham em prática o ensino de português. E não deu outra, saíram algumas jornalistas dessa geração. Também professores muito criativas. Sobretudo amantes da literatura e outras artes. De vez em quando, nestas esquinas da aldeia global, encontro um ou outro aluno dessa época e a memória permanece fresca nos mínimos detalhes.

Era inevitável voltar para a capital, o que se deu em 1967. Ainda fui transferida para um colégio estadual de Porto Alegre, desta vez para ensinar francês, mas tratei de retomar o trabalho na editora Globo. Vivíamos sob signo dos fascículos, novidade da Editora Abril em São Paulo e foi com essa ambição e ousadia que propus o meu recomeço editorial na província. Ao mesmo tempo, as páginas de literatura da **Revista do Globo** já se haviam radicado na minha vida profissional. Não tinha nenhuma dimensão do serviço informativo que prestava, nem tampouco do significado de meus ensaios jornalísticos. Muito mais tarde, quase vinte anos depois, ao fazer o inventário dos escritores brasileiros, conversando em Goiânia com Bernardo

Élis ele foi ao baú e trouxe um recorte envelhecido da **Revista do Globo**. Qual não foi o meu espanto, quando o velho e sensível escritor goiano me disse que o que eu escrevera sobre ele tinha tocado fundo na alma e por isso guardara o texto.

Em 1967, um velho mestre do curso de Jornalismo da URGS, animador do **Jornal Escola** que recebia o alunato na casa dele à noite e nos fins de semana para fazer jornal, sondou a possibilidade de ir trabalhar com ele na universidade. Isso se concretizou e então me iniciei à vida acadêmica como assistente de catedrático. Que susto. Já domara as técnicas jornalísticas, inclusive as dos códigos não verbais, mas daí a ser professora universitária. O embate com esta cultura, já então do outro lado do balcão, me deu frio no estômago e me exigiu o compromisso com o estudo, a pesquisa. Entre as práticas de um jornal laboratório e a orientação pedagógica a alunos de último ano, terceiro na estrutura anterior a 1968, fechar páginas não era um mistério para mim. Mistério era o projeto de ensino na universidade e o projeto de pesquisa para enriquecer os manuais norte-americanos do fazer profissional. Nesta profunda e conflituosa angústia se esboçou um plano de estudo — **a estrutura da mensagem jornalística** — a semente do viria a constituir o Mestrado na USP no início dos anos 70 e hoje fixado no livro *Notícia, um produto à venda — Jornalismo na sociedade urbana e industrial*.

A vida editorial ia chegando aos seus limites, na Globo do final dos anos 60. Pressentia-se a entrega de pontos, o lado imediatista da família Bertaso não concebia o *monstrengo* editora, quando a livraria e bazar e a gráfica imprimindo nota fiscal e loteria davam dinheiro vivo. Nesses impasses empresariais, senti chegar o momento de sair para uma tentativa própria, autônoma. Entre quatro profissionais, montamos um estúdio de programação visual, **Esquema**, nos instalamos em Porto Alegre e o negócio começou a dar certo até o dia em que os abalos sísmicos da sociedade limitada perturbaram a confiança mútua. Em um ano e pouco de **Esquema**, três dos sócios decidiram fechar o estúdio por causa de desatinos financeiros do quarto sócio. Saí escaldada com a experiência decidida a não reincidir. (A única recaída que ocorreu mais tarde, em São Paulo, foi a de participar de uma cooperativa de jornalistas, para realizarmos a imprensa alternativa dos anos 70.)

Porto Alegre ia se esgotando na minha avaliação. Vim a São Paulo em julho de 1970 para conhecer estúdios de criação publicitária, em função do nosso estúdio. Por vício literário, participei nessa ocasião da Primeira Bienal do Livro, no Ibirapuera, em que Jorge Luis Borges — o autor que havia conquistado para a editora Globo — ia receber um prêmio. Vi Borges caminhando solitário nos corredores da Bienal, conversei com ele — nosso convívio havia sido por cartas ao longo de quase

dois anos de negociação. Na noite final do seminário de literatura, em que lembro a presença olímpica de Lygia Fagundes Telles e Paulo Emílio Salles Gomes (lindos de morrer), o duelo de Carlos Nejar e Mário Chamie e tantos outros deslumbramentos, fomos todos acabar em festa no Palácio dos Bandeirantes. A descoberta de outra figura carismática, cujo brilho era regado de muito vinho, me prendeu a atenção: Antônio Houaiss discorria sobre literatura e eu que lera Joice pelas suas mãos, queria descobrir os segredos de uma tradução com essa.

Em dezembro de 1970, já então com Daniel nascido, bebê de um ano, tomamos a decisão secreta, Sinval e eu: vamos para São Paulo. Na universidade havia um bom motivo: aperfeiçoamento e Mestrado. No meu coração de migrante ou mamembe, o motivo mais fundo: mudar para crescer. (Sabia que outro terremoto percorreria as famílias, especialmente o clã Freitas-Medina, já que a base Araújo, enraizada, reagia com fragilidade apesar do Zeca e sua pretensa autoridade patriarcal. Os tempos eram outros, mas de certa forma se repetiram os gritos e sussurros da despedidas atlântica nos anos 50.)



## De fusca e novas esperanças

**A**s mulheres da pequena família tomaram de assalto São Paulo em janeiro de 1971. Instalei-me, com Aninha (cinco anos), num sobradinho do Brooklin perto da única pessoa que conhecia na megalópolis. Amiga de mesmo prédio em Porto Alegre, Ana Maria Nemhé se casara com um piloto da Varig, vivia em São Paulo e me iniciou aos segredos da cidade. Na casa dela procurei emprego e moradia. Tempos épicos. À noite, voltava das incursões imobiliárias e dos trabalhos já em curso, e depois de acomodar a menina, Ana me mostrava a alternativa de televisão que ela curti: a programação da Cultura, canal 2.

*Ana Flávia  
e Daniel  
tomam posse  
de São Paulo*



Os homens vieram em seguida: Sinval transferido e o pequeno Dani, apenas desmamado. A vida para Daniel e Ana Flávia iria esboçar-se em São Paulo, mas as ligações atávicas do Rio Grande não desapareceriam. Hoje, Daniel, estudante de cinema na ECA, é conhecido por Gaúcho (chegou com um ano, mais poderia ser Bandeirante) e torce pelo Internacional. Já Ana Flávia, casada, com dois filhos paulistanos, torce pelo Corinthians. Sinval e eu, integrados ao caos, torcemos pelo São Paulo.

José Marques de Melo, chefe do departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, de imediato me convidou para trabalhar no departamento. Pensava ele, nas férias de verão de 1971, que eu poderia ser útil na formação do curso de editoração, já que vinha de uma experiência profissional de editora. Meu propósito era fazer pós-graduação (que iria iniciar) e por isso vim com bolsa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O pós não saiu naquele ano, eu me encantei por São Paulo e seus desafios completamente misteriosos para mim, pedi demissão da URGs e fui contratada pela USP. Pelas mãos de José Marques fui dar aula no curso de Jornalismo, na área de pesquisa. Era preciso. Era preciso estudar muito o que se propunha à época como Jornalismo Comparado, sob a inspiração do CIESPAL (Centro Interamericano de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina).

Mas o ordenado da USP mal dava para pagar um aluguel. Era preciso um emprego suplementar. Temporariamente trabalhei na Grunase, uma empresa de Relações Públicas, de propriedade de um gaúcho radicado em São Paulo, José Maria Eymael. (Muito nos divertimos em casa, quando anos depois, ele se candidata a governador e prefeito e eu conto aos jovens que foi meu primeiro patrão em São Paulo.) Não durou mais de dois meses minha aproximação com Relações Públicas, ainda que fosse contratada na Grunase para implantar a área de *house organ* na empresa. Uma das primeiras missões constava de visitar um cliente no porto de Santos. Lá fui eu fuquinha mumu (nomes ainda gaúchos — Mumu era uma marca de doce de leite e o Volkswagen 68 era dessa cor) saindo da Paulista, em frente ao prédio da Gazeta (endereço da Grunase), para tatear o caminho até Santos. Não sabia nada.

No terceiro mês de trabalho, apresentei um projeto de pesquisa de linguagem jornalística ao editor-chefe do **Jornal da Tarde**, Murilo Felizberto, que eu pretendia desenvolver no mestrado, e qual não foi o meu espanto, ele me convidou para trabalhar na redação. **Jornal da Tarde** era o paradigma jornalístico nacional no fim dos anos 60, início dos anos 70. Mal chegara a São Paulo e lá estava eu no templo sacro do Jornalismo e no templo sacro da Ciência. De manhã na USP, da tarde para a noite no **Jornal da Tarde**. O primeiro ano da década de 70 irradiava novos encantamentos.

Os caminhos paralelos e cruzados se desdobram então com tensão e prazer. De um lado, a pesquisa, o ensino, a pedagogia do Jornalismo através de uma Agência de Notícias (AUN); de outro lado, o mundo profissional da cidade mais efervescente, o contato com o laboratório mais criativo daquele momento histórico. Em seguida vieram duas grandes viagens — uma no território nacional, outra no continente latino-americano. A experiência da Agência Universitária de Notícias e os estudos de aprofundamento possível no discurso da atualidade redundaram num livro a quatro mãos com o parceiro de experiência, Paulo Roberto Leandro, professor que veio em 1972 compor comigo uma dupla. Atualmente, a Universidade não oferece esta possibilidade de parcerias pelo menos na ECA. Que perda. Quanto produzimos a quatro mãos. *A Arte de Tecer o Presente*, uma abordagem até hoje inédita das virtualidades da grande reportagem, enquanto interpretação do real imediato, saiu fluentemente de um espírito de pesquisa e aplicação profissional, teoria e prática sem cortinas.

O destino nacional deste livro artesanal, edição dos autores, foi fulminante: esgotaram-se em seis meses os mil exemplares, nunca foi reeditado, mas circula em xerox até hoje. A repercussão se deu também no braço da extensão universitária. Percorri todos os cursos, sobretudo das universidades federais brasileiras, expandindo as quatro possibilidades da grande re-

portagem — contextualização do fato social, enraizamento histórico, humanização e diagnóstico-prognóstico dos especialistas. Até mesmo profissionais como meus colegas do **Jornal da Tarde**, em São Paulo, ou **Jornal do Brasil**, no Rio, compraram e leram **a arte de tecer o presente**. Isso acontece entre 1972 e 1974, lembro com carinho os laboratórios de grande reportagem em Salvador ou em Florianópolis, em Juiz de Fora ou em Belo Horizonte. À vezes encontro, nas andanças de mambembe, agora já velhos profissionais que também recordam com afetividade essa dinâmica nacional.

Os pratinhos do circo sempre foram múltiplos na minha vida profissional. O mal deve estar arraigado. Mas o pior é sustentá-los rodopiando. Assim se dá nesses anos loucos de resistência e reconstrução, sempre a partir do menos alguma coisa. À distância me pasmo com a febre dos primeiros cinco anos da década 70. Aqui, escolho flagrantes, mas lá, no devido contexto, estavam todos em conexão maluca.

A América Latina, por exemplo. Que descoberta. Lá eu tinha idéia desse mundo para o qual o Brasil dá as costas? A oportunidade nasceu do CIESPAL, em Quito. Em 1972, como bolsista de um curso de especialização, passei três meses fora do Brasil e conheci o Equador, Colômbia e Peru. Peguei o gosto. Depois, como pesquisadora, voltei algumas vezes ao Equador

para participar de pesquisas-piloto dentro da proposta voltada para os incomunicados da América Latina, dei cursos, inclusive o primeiro de Metodologia de Ensino Superior para professores de Jornalismo do Continente. Atuei em outras pesquisas na Colômbia, Peru e México, participei de encontros sobre a Nova Ordem da Informação na Costa Rica. O conteúdo intelectual dessa vivência no âmbito marcadamente sociológico da informação é fundamental no repertório que fui ampliando. Mas o conteúdo afetivo talvez seja mais decisivo. Minha integração ao horizonte americano me proporcionou a interação à generosidade indígena. ou seja, largo horizonte que se opõe à mesquinhez, e generosidade que se opõe ao ego e etnocentrismo. São dois traços da América e nos vêm como fertilidade cultural pelo sangue dos índios. Conheceria mais tarde um pouco da alma africana, a européia me corre nas veias, e do balanço, entrego minha própria alma à ancestralidade americana.

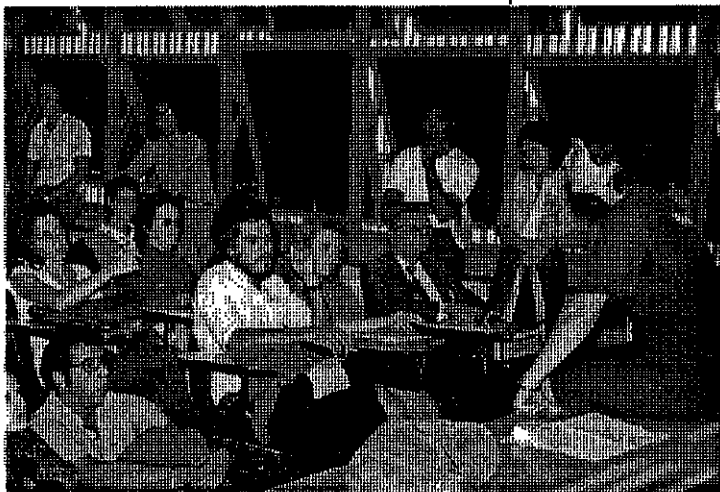
A Escola de Comunicações e Artes dos anos 70 é um laboratório riquíssimo. O Departamento de Jornalismo e, em seguida, Editoração constituía a casa segunda do trabalho, da família, da paixão pelos projetos. Uma geração totalmente entregue à criação de um curso, ou melhor, dois cursos, não usufruía de contratos em tempo integral, mas sim, trabalhava em tempo integral. De manhã que se prolongava até a tarde, os laboratórios, a coordenação pedagógica, o convívio constante

com os alunos (que nos fins de semana faziam serestas e festas nas nossas casas), a partilha de todos os departamentos. Se alguém acha esta referência idealização da nostalgia e de viuvez da velha ECA, conto apenas uma historinha que bem ilustra a cultura promíscua da época. A sala da Agência Universitária de Notícias, do Departamento de Jornalismo e Editoração, se situava frente ao Departamento de Música e do lado do Departamento de Artes Plásticas. Como sala de redação é um atrativo sedutor, frequentemente Willy Correa, brilhante compositor de música contemporânea, vinha terminar discussões acaloradas com o maestro Olivier Tony no meio dos repórteres da AUN. Ou então entravam os artistas plásticos na mesma sala para mostrar seus trabalhos aos jornalistas. O cartunista Laerte, hoje famoso, era um desses alunos que frequentava a AUN.

O mundo estava mais entrelaçado. A memória me traz um flash de Quito, na catedral de São Francisco, durante um recital dedicado às comemorações do quinto centenário das fundações espanholas da cidade. No programa, interpretado por uma orquestra de câmara alemã, a primeira parte trazia música quinhentista, a segunda parte abriu, para minha surpresa, com uma peça do brasileiro Willy Correa, meu vizinho na ECA.

Toda essa efervescência criativa se refletiu também no primeiro pós-graduação de Ciências da Comunicação na Amé-

rica Latina, finalmente aprovado nos círculos áulicos da Universidade de São Paulo. Fomos compelidos a cursar quatorze disciplinas em nível de Mestrado, como passe para fazer jus a essa etapa então nobre na preparação intelectual. Nossos professores se improvisavam nos mistérios da Comunicação, mas havia improvisos de alta densidade científica e lúcida oportunidade histórica. Lembro, por exemplo, de Egon Schaden que fez um esforço inédito internacionalmente para implantar na ECA a Antropologia da Comunicação. Discutiu com Macluhan no Canadá, com estudiosos alemães, e chegou à definição de cursos surpreendentes como o que propôs no pós da ECA — *A Idéia de Progresso*. Há vinte anos, Schaden desmontava o discurso da modernidade e da modernização... Não posso deixar de registrar este fato em homenagem a um professor que se foi (Egon Schaden morreu em 1991), mas está lembrado nos cursos de pós-graduação em que eu hoje refaço esse percurso de desconstrução da idéia positivista de Progresso.



*ECA nos  
fundamentos:  
ambiente  
de ebulição  
intelectual*

Um grupo de choque trabalhou muito unido no primeiro pós-graduação, com seus ensaios e erros, como era natural. Paulo Roberto Leandro, Sinval Medina e eu estudávamos juntos



e fazíamos alguns trabalhos de grupo. Foram profícuos os aprofundamentos de Semiologia para as aulas de Eduardo Peñuela, pioneiro na área. Os estudos de História inspirados pelas aulas de Vergílio Noya Pinto, os trabalhos de campos da Antropologia Visual para Egon Schaden, a pesquisa inédita sobre João do Rio para o curso sobre o teatro de Paulo Barreto, ministrado por Décio de Almeida Prado, a especulação de teoria da interpretação no teatro de Nelson Rodrigues nas aulas de Sábado Magaldi. O garimpo de quatorze disciplinas resultava tormentoso, mas a estratégia adotada pelo trio afinado era negociar estudos de acordo com nossa área de interesse. Todos os professores seguros aceitaram. Não se pode esquecer aqui outra homenagem póstuma: a comunhão cultural, via cinema brasileiro, com Paulo Emílio Salles Gomes.

Parece um caleidoscópio, mas o Mestrado que cumprir me deu aberturas e aprofundamentos indiscutíveis, justamente por ser um pós-graduação onde o quadro composto de visões e informações éramos nós que traçávamos. Assim, à minha formação humanística de Faculdade de Filosofia, carregada em Sociologia, História, Teoria Literária e Linguística, e aos estudos pessoais de Epistemologia e Teoria da Interpretação (**A Arte de Tecer o Presente**, Marx, Nietzsche e Freud), o repertório incorporou Teoria Cultural e Semiologia. As Ciências da Comunicação desbordaram o campo estreito das técnicas e tecno-

logias, ou a explicação funcionalista. Por isso, nas andanças da América Latina nos anos 70, onde estava, introduzia um questionamento crítico à visão hegemônica sociométrica, estrutural-funcionalista, quantitativista, tecnológica e tecnicista. Devo isso à fértil e dispersiva inquietude da ECA antes que a repressão política a massacrasse.

Um pratinho do circo não pode ser omitido. Após a experiência de **Jornal da Tarde** que durou quase dois anos, vieram a **Revista Fotoptica** e o telejornalismo (Bandeirantes e TV Cultura). Fazer uma revista ensaística de fotografia, junto com o parceiro da ECA, Paulo Roberto Leandro, era um exercício lúdico, só perturbado pelas contingências empresariais: entre o sonho e a viabilidade comercial, há sempre as muitas pedras do Drummond. Mas lá se ia criando, com o apoio do empresário, Thomas Farkas, proprietário da Fotoptica e companheiro da ECA, e o apoio do executivo mas também fotógrafo Henrique Macedo. Havia números da revista que eram verdadeiros êxtases coletivos, como o número de fotógrafos lambelambe e o número em que a câmara tirateima foi conduzida por crianças e o texto da revista também. Ao lado das informações técnicas e mercadológicas, tínhamos um espaço (o miolo da revista, formato grande) livre para a imaginação criadora.

Em 1974 e 1975 descobri as possibilidades da televisão e aquela minha antiga paixão pelo cinema, pela imagem, pela diagramação, montagem e *design* aflorou na edição de telejornalismo. Em uma empresa como a Bandeirantes nos anos 70 (não é substancialmente diferente de hoje) havia suficiente desorganização administrativa para dar passe livre à criação. Aprendi a editar em televisão no tempo do filme em que o videoteipe estava reduzido aos serviços internacionais. Era uma festa inventar no dia, tendo que fechar jornal para hoje, não para amanhã. Aprendi também a domar com precisão o tempo, o terrível *dead line*, **linha morta** na gíria de redação. Inventar, nessa época e com os poucos recursos disponíveis, exigia uma teimosia de mula e sobretudo um entrosamento humano com todos os técnicos envolvidos. Era o que não faltava na Bandeirantes de 1974, do montador (Olímpio) ao editor-chefe (Odair Redondo), do sonoplasta ao apresentador do jornal (José Paulo de Andrade), qualquer loucura era possível pela boa vontade dos homens mal remunerados. Foi assim que se fez o primeiro programa especial sobre índio, com a visão da história dos vencidos, e o resgate da face esquecida. Ao mesmo tempo, publicava no Jornal da Tarde uma reportagem sobre os fenícios da América, os otavaleiros do Equador. E também nessa época editava, durante uma semana, na Bandeirantes, o Primeiro Parlamento Indígena da América Latina, em que os líderes do

Continente diziam o que só na ECO-92 vimos sublinhado pelo planeta, pelo menos maciçamente pelo Sul.

(Nesta cobertura, a equipe da Globo voltou do Paraguai no mesmo dia em que lá chegou, porque o Primeiro Parlamento Indígena — 1974 — não dava boa imagem. A boa imagem dos critérios então vigentes era índio com plumagem e semi-nu; como os índios latino-americanos estavam vestidos com seus ponchos predominantemente cinzentos, não tinha imagem. A Bandeirantes ficou e o repórter, Paulo Roberto Leandro, conviveu uma semana com os líderes-sábios da América Latina. Em todos os jornais da noite foi ao ar, durante uma semana, de oito a dez minutos de matéria especial que eu editava. O filme da reportagem saía do lago de Ipacarái para Porto Alegre, de Porto Alegre, a sucursal mandava para São Paulo, um carro ia buscar a Congonhas, o filme era revelado e editava-se o bloco especial para o mesmo dia.)

Em 1975, passei para a TV Cultura para ser editora de reportagens especiais (diárias) quando Walter Sampaio era o editor-chefe. Mas já então vivíamos os tempos pesados da nova onda de repressão que visava os jornalistas e seus ambientes. De 1973 a 1975, embora a paixão fosse impulsiva, não se tinha mais sossego na resistência. O sistema de informantes da polícia ameaçava o cotidiano. Na ECA, o diretor Manuel Nunes Dias

conversava por telefone na frente dos professores acusados, com fontes ocultas... Nas redações havia sempre desconfiança com relação a um pseudo-colega. Nos bares, se olhava à volta. E quando tentávamos as alternativas — criar uma cooperativa de jornalistas para fazer uma revista, **Brasil Reportagem** — esbarrávamos nas limitações empresariais. O ano de 1975 foi arrasador e cruel. Custa a todos que viveram as situações-limite, repassar essas páginas.

## O sonho outra vez escuro

**E**m 1974 o cerco aos redutos de informação apertou. Tanto nas empresas quanto no curso de Jornalismo da ECA. Sucedem-se perseguições no varejo e no atacado. Nessa época um arquiteto da FAU defende a primeira tese crítica ao Plano Nacional de Habitação. A Agência Universitária de Notícias cobre o assunto e a imprensa nacional aproveita a reportagem do boletim semanal da USP, realizado pelos alunos de Jornalismo, sob a coordenação de Paulo Roberto Leandro e eu. O boletim era entregue de quinta a sexta-feira nas redações de São Paulo, sucursais do Rio e enviado por correio para os jornais do interior do Estado. No fim de semana saíram várias matérias e segunda de manhã eu era chamada à diretoria da ECA. Manuel Nunes Dias, o diretor, me mostrava agressivamente um telegrama do presidente da República, Ernesto Geisel, acusando a AUN de órgão de imprensa atentatório à Segurança Nacional.

Episódios dessa natureza se multiplicaram semanalmente na ECA. Cassações, a prisão do Prof. Dr. Jair Borin no próprio recinto da Universidade, instrumentos da ditadura como

o 477 aplicado ao Prof. Dr. Jorsé Marques de Melo. No final de 1974 se desencadeou um processo contra o Prof. Sinval Medina, criador e coordenador do curso de Editoração, em 1973. Cassado num processo *sui generis* — cancelamento do contrato depois de uma escandalosa reprovação no exame de qualificação de Mestrado —, saiu da Universidade no mês de abril de 1975, acompanhado de três companheiros que, em protesto, pediram demissão da Universidade de São Paulo. O Prof. Walter Sampaio, chefe do Departamento de Jornalismo e Editoração, o Prof. Paulo Roberto Leandro e eu, ao assumirmos essa atitude política contra o arbítrio (reconhecido posteriormente já que Sinval Medina foi anistiado junto com os demais cassados), provocamos, sem o desejar, a primeira greve universitária desde o Ato Institucional nº 5. Os estudantes da ECA entraram em greve contra o que chamaram de **Delito Medina** e o problema situado se alastrou por toda a USP. O movimento atingiu significação nacional, ultrapassando a raia da ECA e do Departamento de Jornalismo e Editoração.

**O Estado de S. Paulo** e o **Jornal da Tarde** não quiseram saber se se tratava ou não de questão localizada e publicaram editoriais atribuindo a responsabilidade da greve da USP aos quatro professores agitadores. O que nos valeu uma ordem de prisão. O casal *estrangeiro*, sem família em São Paulo, distribuiu as crianças em casa de amigos e foi recolhido ao

abrigo de Walter Sampaio para que a prisão se desse sob o seu amparo, ele que também estava entre os quatro. Walter Sampaio soube da ordem de prisão nas mãos do delegado Romeu Tuma, através de um jornalista que trabalhava no DEOPS. Por despreendimento, foi à delegacia prestar um longo depoimento em que contextualizava as arbitrariedades da ECA no terror da gestão Manuel Nunes Dias e desvinculava a greve geral do movimento dos estudantes da ECA provocado por nossa saída. Enfim, Romeu Tuma engavetou a ordem de prisão.

Desempregados e marcados, fomos todos à luta. Em maio de 1975 trabalhava na TV Cultura e na Sociedade Brasileira de Física, preparando a comunicação interna e externa de um grande congresso nacional. Ainda dentro da USP, conhecia físicos como Ernst Hamburger, Amélia Hamburger, José Goldemberg (já cruzara com este pesquisador nos ambientes jornalísticos e nas notícias nucleares que ele polemizava). Se já havia trabalhado com textos dos novos físicos, o convívio direto foi gratificante. A cultura humanizada do Instituto de Física era também um bálsamo para aquele momento de rangeres de dentes.

Não durou a trégua. Em outubro de 1975, Walter Sampaio havia sido substituído por Vladimir Herzog na direção do telejornalismo da TV Cultura, eu continuava bem situada como editora e Vlado encaminhou à administração da Fundação



uma promoção de três mil cruzeiros para o cargo que ocupava, editora nacional. Uma festa, esse aumento. Mas em vez de promoção a mensagem que veio do Palácio dos Bandeirantes ordenava minha demissão. Vlado ficou muito perturbado e foi tentar investigar os motivos: lá encontrou os episódios policiais de maio do mesmo ano. Estavam acontecendo coisas estranhas na TV Cultura. A mais significativa foi a emissão de especial da BBC sobre os vietcongs. Eu estava na emissora preparando uma reportagem sobre detergentes biodegradáveis, grande novidade em 1975. Um colega meu, Fabbio Perez, hoje da chefia do Jornalismo na TV Globo, editou um compacto desse documentário no jornal do meio dia e depois, à noite, a matéria foi mais tratada pelo editor de internacional, Roberto Dupré. Casualmente acompanhei todo o percurso, eu lá às voltas com os meus biodegradáveis. Tão logo foi ao ar este documentário da BBC, uma estranha repercussão começou a ser explorada pelo jornalista Cláudio Marques na coluna que escrevia no *Shopping News* e *City News*. Passou a acusar sistematicamente a TV Cultura de *TV Viet-Cultura*.

Uma semana após a minha demissão, Vladimir Herzog estava morto no DOI-CODI. Mas essa história é de domínio público. Eu, novamente desempregada, fui ao cinema naquele sábado ver o filme *Ensina-me a Viver*, na primeira sessão da tarde. Ao entrar em casa por volta de 4,30, logo em seguida entra

Paulo Roberto Leandro, de olhos esbugalhados e diz:

— MATARAM O VLADO.

Não tive forças para o velório, mas na missa de sétimo dia na Catedral juntei-me à multidão que furara o esquema policial de isolamento da Praça da Sé, a **Operação Guttemberg**... Chegamos a pé ou de metrô, não conseguimos todos entrar na catedral onde se rezaria uma missa ecumênica, ficamos ali na Sé cercados por metralhadoras, todas as janelas à volta estavam engalanadas de armas apontando para nós. Naquele dia histórico, 25 de outubro de 1975, instalavam-se as pressões definitivas para a abertura democrática.

*Pessoalmente,  
estava acabada.*

**E**m novembro de 1975, caminhava pelo centro da cidade, feito zumbi, e encontrei um grande amigo de rodas de samba. Leônidas Casanova, professor da Faculdade de Educação da USP e redator de editoriais no jornal **O Estado de S. Paulo**, viu meu estado de depressão e se ofereceu para intermediar um possível trabalho no jornal. Em poucos dias, Oliveiros Ferreira, editor-chefe de **O Estado**, me convocava à redação. No salão nobre, ainda na sede antiga da Major Quedinho, explicou, sinceramente solidário, que não tinha o melhor para me oferecer (uma vaga no Suplemento Literário), mas eu podia começar no copidesque do jornal.

Antes do fim do fatídico 1975, estava recomeçando a vida profissional.

## The Mesquita Company

**D**ez anos de dedicação exclusiva ao Jornalismo diário: de novembro de 1975 a agosto de 1985. Esta etapa começa no centro da cidade, na Major Quedinho, mas já em 1976 se desloca para a Marginal do Tietê, nas novas instalações da empresa **S.A. O Estado de S. Paulo**. O Brasil na crise do petróleo, na crise da ditadura militar, a empresa na convalescência da censura, na crise de crescimento. São momentos épicos em que poucos focos da indústria cultural brasileira ousam desafiar o governo. **O Estado de S. Paulo**, com certa autonomia econômica em relação ao poderoso anunciante — o Estado —, se constituiu numa das raras ilhas em que a oposição à arbitrariedade podia ser praticada no Jornalismo.

Foi nessas brechas que se armou minha militância profissional dos anos 70 aos anos 80. Estranhamente tal oportunidade política se deu através de uma editoria de artes, cultura e espetáculos, onde passei nove e meio dos dez anos de contrato. Em dezembro de 1975, trabalhava há menos de um mês na *senzala* do jornal — éramos quatro copidesques que reescreviam

o noticiário de todas as editorias, média de 700 linhas por noite —, quando me chamaram para ajudar em um fechamento da editoria de Artes. Era um sábado de tarde, a equipe estava a meio vapor por revezamentos de fim de semana, e morrera Erico Verissimo. Quando cheguei à editoria, na sala contígua ao salão geral, uma estagiária, dessas que cobrem férias de jornalistas, estava submersa em recortes do arquivo do jornal. Escabelada, tentava armar a biografia de Erico. O editor me pediu para dar uma mão, já que era gaúcha. Disse-lhe que podia me passar a biografia e que liberasse a pobre menina dessa tarefa inglória (ela nunca lera um livro de Verissimo). Para mim, que convivia com o escritor e o amigo, tratava-se de passar além da dor e... escrever. O perfil do autor de *O Continente* saiu que nem manteiga no pão, 180 linhas em duas horas. Para quem não conhecia meu passado, foi um espanto. Isso me valeu, infelizmente porque às custas da morte de um grande homem, um convite para trabalhar como redatora na editoria.

São os acasos. Saí da senzala, não sem liderar a revolta junto ao editor-chefe, e fui para a editoria de Artes. Pouco tempo depois, atendendo aos reclamos do navio negreiro, as editorias passaram a ter copidesques próprios. Da recuperação pelo trabalho — assim encarei o pós-depressão de outubro de 1975 — fui requisitada para uma redação mais criativa, para edições especiais do jornal e para reportagens e edições específicas da

editoria de Artes. Tanto os problemas do solo criado em São Paulo (uma mesa redonda que editei) quanto uma efeméride de Picasso caíam nas minhas mãos agora totalmente disponíveis para a autoria individual. (Afastei de minha subjetividade a mágoa, a viuvez da Universidade de São Paulo, esqueci até o Mestrado, ritual tão amargo em plena greve da USP, em julho de 1975.)

Com tal avidez de trabalho jornalístico, sobretudo a disciplina férrea que a cura dos males me impusera, não foi difícil ocupar o segundo lugar da hierarquia, mesmo sem ganhar como subeditora. Em seguida fui convidada a assumir a editoria de Artes. Aceitei com uma condição: ampliar a equipe e montar um projeto novo. Deram-me esse aval e então iniciei, junto com uma equipe multiplicada por três para dez profissionais contratados e 25 críticos colaboradores — além de correspondentes e sucursais — um plano de resistência cultural. Ao longo de oito anos este projeto seguiu firme com o apoio irrestrito da empresa, embora em muitas oportunidades as pressões políticas tentassem desmontá-lo e mais do que essas forças, as pressões internas da competição jornalística, do jogo de poder, atrapalhassem e muito o cotidiano da luta. Este é também um tempo em que minha condição de mulher me sobrecarregou, uma vez que era a única voz feminina entre as chefias dos dois jornais, da agência **Estado** e da rádio Eldorado. Em duas reuniões de pauta por dia, a afirmação de uma editora perante editores acumulou um desgaste sem trégua.

Apesar de tudo, eis um tempo de grandes possibilidades. Todas de roldão, quase impossível narrá-las pelo fluxo de consciência. A resistência cultural fez da editoria um espaço jornalístico nacional de liderança. Criaram-se estruturas da grande cobertura, dos inventários às polêmicas envolvendo indústria cultural, política e criação. A geopolítica da Arte se deslocou do colonialismo mental para a descoberta do local, do regional, do nacional, do latino-americano e, por que não? — do mundo. A criação miúda foi tão valorizada quanto a criação graúda. Estilhaçou-se a hierarquia (tradicional no **Estadão**) entre cultura de elite, cultura popular e cultura de massa. Da arte consagrada, em geral no Primeiro Mundo ou no Norte ou mais precisamente em Paris, Berlim, Nova York e Londres, passamos a operar com a noção da **arte necessária**. A dimensão criativa do homem nunca era questionada, o que se polemizava era a distribuição da renda cultural, a infra-estrutura, os equipamentos de acesso e multiplicação. Cultura não era mais sinônimo de produção artística dos *in*, mas a produção simbólica em que o humano se manifesta.

Tudo isso no caos do jornal diário. Num mesmo fim de tarde chegava a notícia da morte de Vinícius de Moraes junto com a estréia do regente da orquestra de Paris, Daniel Barenboim em São Paulo e todo o noticiário, serviços e críticas do dia. Morre Jean Paul Sartre e é preciso traduzir 400 linhas do último

depoimento do filósofo a um discípulo para ser incorporado à edição. Nas páginas de domingo, em que se pautam as especiais, alinham-se página a página uma mesa redonda sobre direitos autorais, uma grande reportagem sobre patrimônio histórico, uma avaliação crítica da música sertaneja, uma enquete junto a dramaturgos para sondar a quantas anda a criação brasileira. Estréia **Macunaíma**, de Antunes Filho, todos os críticos — de teatro, balé, literatura, música, artes plásticas — vão assistir, voltam para o jornal, e fazem um debate incorporando à mesma página especial os diferentes olhares. Os serviços informativos são ampliados: introduz-se rádio e televisão, filmes na tevê, roteiro de museus e parques para fins de semana, programação infantil, roteiros de livros e de discos. Valoriza-se então o jornalista (raro) de gosto apurado pelos serviços, que escreve um guia com o mesmo sentido crítico de uma grande reportagem.

A saga da editoria no fim dos anos 70, início dos anos 80, é assinalada pela paixão e pela polêmica. Coletivamente a equipe constituía um laboratório, uma catarse em que édipos e demais tumultos pessoais vinham à tona. Ao se eliminarem os cargos burocráticos — nos serviços informativos —, bem como as funções industriais dos redatores (copidesques), todos, da editora ao recém-contratado, exercem o mesmo papel — ser jornalista em tempo integral. Até mesmo a fronteira rígida entre críticos e repórteres é abolida, através de reuniões mistas, em



que os colaboradores ganham as horas de trabalho que dedicam a essa tarefa interativa uma vez por mês. Não tenho notícia de tais práticas jornalísticas em outras empresas, em outras editorias. O resultado vinha carregado de energia e, por outro lado, era uma constante descarga de emoções.

O flanco polêmico se alimentava do confronto com a censura, do confronto com a corrupção ou a omissão no âmbito oficial, do confronto com as prepotências. Saltam exemplos aleatórios: fizeram-se grandes coberturas em relação à censura às artes (literatura, cinema, teatro etc) em que o jornal e a editoria puxavam a pauta nacional e, por isso, as vozes desafiadoras da sociedade brasileira nos passavam graves informações, denúncias. A corrupção na Embrafilme, assim como a omissão do Estado brasileiro em relação à produção cultural foram outros carros-chefes. O contraponto que se estabeleceu com os arautos da morte da literatura brasileira ou de qualquer outra manifestação tupiniquim selou a editoria: tanto críticos quanto repórteres nunca comungaram dessa mentalidade colonizada. O Brasil era sujeito e não objeto descartável. A descoberta de um crítico de poesia, de um crítico de literatura e de teatro para crianças motivava a equipe que não apenas amava Eliot como tinha paixão por José Paulo Paes, vibrava com a Alice do Lewis Carroll da mesma forma que respeitava a obra Ana Maria Machado, cultivava o clássico conto de fadas, O Chapeuzinho

Vermelho, e se emocionava com O Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque de Hollanda. *A verdadeira Internacional é a das artes*, me disse certa vez o escritor português Vergílio Ferreira.

No percurso artístico não desprezei temas outros que envolviam a política, a economia, a história contemporânea. As artes me abriam possibilidades de viagem, de cruzar os céus, e aonde fosse sempre me tocava uma pauta inter-editorial (neologismo jornalístico, já que as vivências são quase demarcadas pela divisão industrial do trabalho em editorias). A empresa aceitava de bom grado matérias internacionais sem ônus. Assim cobri crise do petróleo na América Latina, cidades-monumento e patrimônio histórico mundial na Unesco, o sistema militar na América Latina, a migração vêneta para São Paulo, a visita de presidente Figueiredo ao Peru e quantos outros assuntos que se proporcionassem na caminhada.

A fidelidade ancestral aos artistas em nenhum momento de minha vida foi descuidada. Nem a embriaguez do dia-a-dia conseguia neutralizar essa comunhão. A editoria me dava muito trabalho, muita perturbação de ordem administrativa e funcional, muitos conflitos internos, mas era me ver feliz e me forçar uma saída à rua para encontrar um criador. No setor encarregado de tráfego (que programa o transporte para a reportagem), nas primeiras vezes que lá cheguei para pedir carro, os colegas

estranharam aquela idiossincrasia — nunca haviam visto editor frequentar aquele ambiente. Com o tempo se acostumaram à estranha editora—repórter. De tantas vezes que saí da claustrofobia da redação e da chefia, lembro especialmente uma.

Consegui furar o cerco de Carlos Drummond de Andrade, que nunca dera entrevista a jornalistas. Aproximava-se o aniversário de 50 anos, de *Alguns Poemas*, primeiro livro do poeta publicado em 1930, e desejava com toda a força da teimo-



sia publicar um depoimento de Drummond. Batalhei muito esta página especial e finalmente José Mindlin, amigo íntimo de Drummond, facilitou abordagem. Fui de perna bamba para o Rio de Janeiro, cheguei a sua casa, sentei em sua sala, conversamos horas a fio, eu, em estado de êxtase, ele, ora bem humorado ora grave nos mergulhos existenciais. Voltei no mesmo dia para São Paulo (sábado), passei a noite escrevendo, segunda-feira de manhã fui para o jornal, digravei a página, quando a página estava composta, desci para a gráfica acompanhar a arte final, revisar a palavra. Estava lançada a sorte, parecia minha estréia na profissão. Terça-feira, primeiro dia do mês de abril de 1980, comemorativo dos 50 anos da poesia de Drummond, o jornal

*Tensão  
e êxtase  
no diálogo  
possível.  
Com Drummond*

saiu às ruas com a voz do poeta. (Nunca tive tanta repercussão de um texto assinado. Mas o retorno que me desestruturou foi o cartão de Drummond.)

Rio, 5 de abril, 1980.

Para Gemilda:

Apesar de papava você não quis ligar o gravador. Para quê, se a sua memória excepcional e o sua acuidade jornalística valem mais do que essa enferrujada máquina?

Fiquei admirado com a rapidez da feitura do texto. E encantado com a simpatia, a bomna face da entrevistada, ao longo de um diálogo que nem uma vez me pareceu importante ou tendencioso: pelo contrário.

Obrigado, amiga! por tudo por a tua presença em uma casa tão boa. Deves agradecer as lindas flores e as lindas palavras.

Carinhosamente, o velho de vellos

Drummond

## *Porcelana quebrada*

**T**ão logo me apercebi dos novos tempos que se avizinhavam, os tão tortuosamente construídos tempos de abertura, comecei a me preocupar com uma grande virada na filosofia de trabalho. O Jornalismo deixaria o confronto com o inimigo comum e teria de descobrir uma outra proposta. Fez parte desse esforço o inventário das literaturas de língua portuguesa. A especulação que então se esboça, pretendia, via escritores vivos, compreender quem é o português pós-ditadura, o brasileiro pós-ditadura, o africano pós-independência de Portugal. Tratava-se de um projeto de escavação mais profunda do que a princípio imaginara. Buscas que teriam reflexos numa nova etapa profissional.

Sem apoio a tal empreendimento, fui por conta própria, em férias do jornal, realizar o inventário português. Em 40 dias de violência concentrada, fiz trinta contatos com os escritores contemporâneos, quase todos desconhecidos. Abril de 1982, perplexidade e cansaço. Fadiga de tanto ler, tanta percepção mobilizada, tantos quilômetros rodados em Portugal. (Batia no

peito e falava alto, sozinha nas ruas estreitas de Lisboa: este trabalho não é mais para a minha idade. Acabara de completar 40 anos.) E perplexidade porque me projetei no fundo do poço: entender o português contemporâneo, seus impasses, um pé na Europa e outro pé penço no mar, como me disse nessa ocasião José Saramago, era, acima de tudo, entender minha ancestralidade, minha inconstância na Viagem.

O jornal ranzinhou com o espaço que esse primeiro inventário tomara em edições dominicais, mas ao constatar a repercussão da série, lançada em meio de 1982, rendeu-se à evidência da oportunidade histórica de estreitar tais laços de língua e literatura. Assim, a série não só saiu na íntegra como foi desaguar em um livro que a editora Nórdica contratou. No ano seguinte já se acumulavam duas missões, lançar a *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea* com a vinda de doze escritores portugueses ao Brasil e iniciar o troco para Portugal, ou seja, traçar o inventário dos escritores brasileiros na série seguinte, bem como o livro *A Posse da Terra*. Estava em movimento uma bola incontrolável. Muitas vezes me arrependi dessa maluquice desproporcional em que fiquei entregue às minhas próprias forças enquanto repórter, redatora da escrita sobre escritores, administradora e animadora de intercâmbios, responsável maternalmente por caravanas de artistas (como é natural, bastante egocêntricos). Portugal se encantou com a

aproximação cultural e aceitou de bom grado receber os escritores brasileiros por ocasião do lançamento do livro, por sinal editado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda. A série jornalística foi um feito para **O Estado de S. Paulo: Escritor Brasileiro Hoje**



saiu concomitantemente no Brasil e em Portugal. **O Estado** negociou, pela primeira vez, uma série bilateral com o tradicional jornal do Porto, **O Comércio**.

As láurea (e medalhas propriamente ditas) deste trabalho que culminaria em 1987 com *Sonha Mamana África*, estão soterradas no meu subconsciente por todas as pedras que o querido Drummond imortalizou. Só consegui exorcizar os pesadelos na tese de livre-docência (1989), *Povo e Personagem*. Aí fiz a descida aos infernos e de lá trouxe à tona aquela compreensão de ser contemporâneo nestas sociedades em que trabalhei tão duramente. Sobretudo na África, em 1986. Assim como os povos de língua portuguesa atualizam dramaticamente o mito do eterno retorno, eu, nesse mergulho, plasmei meu caos num devir de cosmos.

*A austeridade  
da Universidade  
de Coimbra  
abre sua  
biblioteca  
aos brasileiros*

Mas a empresa jornalística e as estreitezas da mediocridade não entenderiam nunca essa busca de medula. Em 1983, fui a Portugal organizar a vinda dos escritores ao Brasil e de Lisboa segui para Moscou. Fiquei vinte dias na União Soviética, cobrindo o festival internacional de cinema e sentindo a Rússia às vésperas da abertura política (o que por sinal registrei com antecipação). À luz de verão que quase beirava a meia noite, inspirada nos reflexos despoluídos do rio Moscou, intuí uma reformulação para a editoria de artes. Queria, na volta a São Paulo, retomar uma velha batalha — conquistar um caderno de artes. O editor põe e a empresa dispõe. Ao chegar, após mais de um mês de ausência, a política interna havia corrido solta e pressenti as dificuldades. A começar pelo desgaste que foi publicar um farto material da União Soviética. Já entráramos na abertura política e de repente o jornal saía das barricadas contra a censura e as substituía por um constrangimento interno.

Como implantar um novo plano, outra filosofia jornalística se a redação se movia para trás, dava espaço aos conquistadores do poder. Há muito passara da idade ingênua, mas não deixara de ser sonhadora. Mas o sonho então quebrou: o jornal tinha outro plano para mim. Seria a partir de outubro de 1983 repórter especial, porque essa constitui uma oportunidade nobre, me disseram. Repórteres especiais, ao todo três no jornal. O projeto de reestruturação do caderno de artes que nascera no



brilho das cúpulas da Praça Vermelha, momentos antes, se esboroou irremediavelmente. E assistiria, a partir daí, à reversão da arte necessária para a arte colonizada pelos lobbies no quase imediato Caderno 2.

Quase dois anos, andarilha como me é natural, transitei nas pautas especiais. Fiz o inventário da subnutrição em São Paulo, êxtase e agonia de Tancredo Neves, saúde mental e inflação, AIDS e bancos de sangue. Matérias de violência urbana, plantão de 24 horas na delegacia mais violenta de São Paulo, em Santo Amaro. Ao mesmo tempo, as viagens artísticas prosseguiram. Estranho encontrar no Rio de Janeiro um assessor do governador Brizola que elogiasse a reportagem de nutrição e ao mesmo tempo, estar no Rio a convite de um evento literário com Mário Vargas Llosa. Disparates da profissão. O certo é que ia se acumulando o amargor típico dos desperdícios de energias. Vinha-me o ditado português — jogar pérolas a porcos.

Nessa época, 1984, re-tomei o contato com a Universidade de São Paulo, outra vez a convite do velho companheiro,

José Marques de Melo. Ele voltara à ECA, o movimento de

*Nutrição e  
Vargas Llosa  
no mesmo  
banquete  
jornalístico*



anistia se consumava e me convidou para dar cursos de especialização. Entre 1984 e 1985 sucederam-se, a pedido dos jornalistas que frequentaram o primeiro curso, mais três sucessivos. A primeira vez que voltei à USP depois das tristezas da década de 70, foi por ocasião dos 50 anos da criação da universidade. Júlio de Mesquita Neto e Oliveiros Ferreira me chamaram para essa outra missão — reconstituir a história e o destino da missão européia que trouxe para o Brasil, em 1934, uma nova idéia de universidade. Ao realizar essa reportagem, ouvindo os mais eminentes pesquisadores, herdeiros da primeira geração, compreendi por *insight* o espírito da USP, uma alma que nem uma gestão desastrosa como a de Paulo Salim Maluf como governador, nem a ação da ditadura conseguiram dissipar.

Janeiro de 1984 e os cursos de especialização no Departamento de Jornalismo e Editoração, de março do mesmo ano a dezembro de 1985, me sinalizaram o futuro. vislumbrei minha ligação atávica com a USP e aquilo que ela tem de mais próprio, a pesquisa.

## A cor do pôr do sol

**S**e, por um lado, a reaproximação com a Universidade de São Paulo fazia despertar antigos desejos, pesquisa, ensino, por outro lado o ambiente na redação de **O Estado** atingira alto grau de poluição. Como repórter especial não tinha sossego para me dedicar aos temas que pautava, porque era usada como coringa de redação: faltava um editor por qualquer motivo, ia lá e substituía; escasseava a mão de obra para reportagens de última hora (por exemplo, achar um judeu de campo de concentração que vivesse em São Paulo para a cobertura Mengele), lá ia eu resolver o assunto; era preciso fazer um trabalho de uma semana com violência urbana, interrompia uma pauta de ferrovias e ia para as delegacias... Aí veio o ciclo histórico da eleição e agonia de Tancredo Neves e foi um inferno. Editora, redatora, repórter, o jornal contava comigo para qualquer frente.

A decisão de deixar o jornal se configurou gradualmente nessa violentação diária. O cotidiano não me permitia aprofundar a pauta jornalística. O ambiente empresarial era pura política competitiva, jogos cínicos e rasteiras (na realidade,

desagregava-se uma cúpula jornalística e logo em breve entraria outro grupo). Em junho de 1985, estava eu lotada na Política, subeditando as eleições diretas para prefeitos no Brasil, caíam nas minhas mãos telegramas (telex) do País inteiro e eu dava articulação, forma às tendências nacionais. Em início de agosto fiz uma última página do **Estado**, toda elaborada com o mapa do Brasil, setas puxando informações em forma de pequenos boxes, ensaiando um mapeamento geral da pluralidade partidária, a nova experiência nacional. Compus o quadro de informações sobre os candidatos a prefeitura com o rigor e isenção possíveis. Havia, no alto da página, um *lead* (lidão ou cabeça de matérias), amarrando essas tendências nacionais: a indefinição que, naquele momento, era palpável e a ênfase que se deslocava para o pluralismo partidário. Saí à 1,30 da madrugada e quando acordei no outro dia, na hora do café da manhã me chamou a atenção nessa página do jornal impresso uma mudança visual das massas de texto. Tenho por hábito me desligar no dia seguinte dos textos publicados com minha assinatura, mas naquele caso soou o sinal de alarme. Verifiquei e o sangue subiu à cabeça: haviam mudado o texto que se referia à prefeitura de São Paulo, manipulando as informações equilibradas que eu tinha editado e deslocando o pêndulo para Jânio Quadros em detrimento de Fernando Henrique Cardoso.

Fui para a máquina de escrever no meu quarto e redigi uma sintética carta de demissão. Ninguém mais me seguraria: às 14,30, quando Júlio Mesquita Neto já se encontrava na sua sala, na diretoria da **S.A. O Estado de S. Paulo**, pedi licença, entrei e entreguei a carta (ele pensava que era um convite para algum evento cultural e acho que nunca me perdoou o atrevimento). Em seguida, distribuí cópia da carta à hierarquia de poder que se sucede ao dono da empresa. Peguei meus pertences mais pessoais e saí da redação onde vivera dez anos de intensidade, talvez a energia mais tensa de minha vida. No dia seguinte me comuniquei com o Departamento de Pessoal e acertei os detalhes. Quando voltei à redação para retirar a verdadeira mudança, umas dez caixas de livros, papéis arquivo, discos, cartas, objetos de arte conceitual, quadros etc, a cultura do espanto e da inveja se implantara naquele ecossistema tão desequilibrado, como aliás, é característica dos ambientes das empresas na crise do capitalismo. Colegas meus estavam perplexos com a decisão, outros tantos destilavam ódio por não poder fazer o mesmo. O editor-chefe estava na China (Miguel Jorge só falaria comigo seis meses depois), Júlio César Mesquita, filho de Júlio Neto, já à frente do jornal, se despediu com o aprumo aristocrático da família, sem manifestar sentimentos negativos, respeitoso. E, no frígido dos ovos, foram os contínuos, ascensoristas, motoristas e secretárias da empresa que me mimaram e

até hoje me oferecem o maior carinho quando, por algum motivo, visito o jornal. Os contínuos cuidaram da escandalosa mudança e por anos um deles, Hélio Conegundes, vinha trazer à minha casa a correspondência, sobretudo dos artistas locais, nacionais e internacionais.

(A solidariedade dos frágeis sempre me emocionou. Esse episódio do **Estado** me fez lembrar outro, em 1975, na ECA. Defendi meu mestrado já afastada da Universidade, em julho. Com ordem de prisão e a greve histórica em processo, o ambiente exalava riscos. Entrei na ECA — nesse momento, um só prédio — e as pessoas (muitos, colegas meus) se escondiam sorratamente. Tive a sensação de leprosa. O auditório da ECA estava preparado para a solenidade, pois se tratava da primeira defesa do primeiro pós-graduação da América Latina em Ciências da Comunicação. Da ECA quase ninguém compareceu, o auditório estava povoado de amigos e, acintosamente, os três que comigo formavam o quarteto maldito se postavam frente à banca e atrás do diretor afrontoso, Manuel Nunes Dias. Sinval Medina, cassado, Walter Sampaio e Paulo Roberto Leandro representavam ali a resistência e a coragem — nós quatro com uma ordem de prisão na gaveta do delegado Romeu Tuma. Pois aí se pintou a cena mais emocionante da história. Uma antiga funcionária da ECA, d. Terezinha, adentrou no recinto com uma bandeja e três cafezinhos. Honradamente ofereceu em voz au-

dível no auditório: Prof. Walter, um cafezinho, Prof. Sinval, um cafezinho, Prof. Paulo Roberto, um cafezinho ... Poucos momentos depois, meu orientador, Júlio Morejón, abriu a sessão fazendo um discurso político e novamente citando os quatro, enquanto perda para a Universidade de São Paulo. Em seguida o diretor se levantou e abandonou o auditório.)

Minha saída do jornal diário em tempo integral, em agosto de 1985, confluíu para a volta à universidade, no que ela tem de mais irreversível — o estudo, a pesquisa. Caminhava eu pela Cidade Universitária antes de ir para o curso de especialização que estava coordenando na ECA e me veio uma frase: **Modo de Ser, Mo’Dizer**. O insight me deu a chave do doutoramento. No mesmo momento, conversei com Eduardo Peñuela que me convenceu que devia voltar — e em tempo integral — para a universidade.

As pessoas que me conheciam não queriam acreditar que eu fosse feliz fora de uma redação jornalística. Ao longo dos últimos oito anos, sempre alguém me pergunta: mas, afinal, você não sente falta da militância jornalística? A mutação de meu tempo interior — do cronômetro que atropela minutos, para a regulagem de vários tempos e sobretudo o tempo mítico em conflito com o tempo jornalístico — deve ter se processado na rede invisível do inconsciente. Mas pelo menos um instante de

lucidez balizou a nova etapa de minha vida. Em setembro de 1985, andava calmamente pelo meu bairro às 6 horas da tarde e percebi, apatetada, a cor do pôr do sol refletida nas folhas das árvores, nos tetos e telhados, no rosto das simpáticas pessoas, operários da construção civil que paravam para bater papo nesse fim de jornada. Me dei conta quão distante estava do Hemisfério Sol àquela hora de fechamentos de jornal, banhada agressivamente pela luz de lâmpadas fosforescentes. Seria isso um sinal de atrofia? Recolhi no fundo da alma este sinal e me convenci da re-humanização do projeto de trabalho, tão produtivista quanto manda o figurino industrial selvagem.



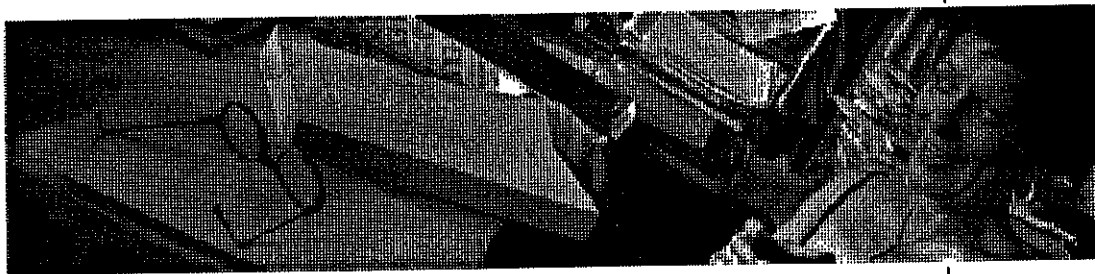
## Em busca da serenidade

**D**elineou-se, então, não a idade da razão segundo as Luzes, mas a idade da emoção segundo o Hemisfério Sol. O prazer e o desejo procuram a comunhão com o pensar e o agir. O doutoramento na Universidade de São Paulo não rezou a cartilha da angústia acadêmica, mas se pautou pela humanização. O **Diálogo Possível** pode traduzir um projeto de pesquisa para efeitos formais, mas, para além da Ciência Normal de Thomas Kuhn, é uma resposta profundamente enraizada no que preservei de humano na caminhada técnica e profissional.

O pôr do sol em Higienópolis me inspirou poeticamente e lá colhi a experiência dialógica da tese *Modo de Ser, Mo, Dizer*. Fui fiel ao mote inaugural porque ele corporificava uma busca incessante pela interação social criadora. Tudo o que fiz na vida privada e na vida pública foi transitar em estado de abertura, tal qual um vaso comunicante, na definição de Abraham Moles. Como me postar do lado frio das novas tecnologias, fazer da minha vida um constante **acessar** ao computador, se o batismo de fogo que me persegue é o **signo da relação**, um signo que acontece na vida?

O retorno à universidade vem num verão quente, janeiro de 1986. E não por acaso: verão, estação madura, quente de explosão dos significados. Não me interessa, a partir de então, os tópicos da formalidade científica, a aparência e o aparato de auto-afirmação. O poder, esse nunca me motivou. As experiências de poder que tenho nas mãos por circunstância histórica, as socializo de igual para igual, ainda que tenha tido *subordinados* muito mais jovens que eu. Esse pacto — fugir do poder, como o diabo da cruz — ficou explícito quando voltei ao departamento, à unidade, à instituição. Opção de vida a que tenho direito e passe firmado. Penso que compromissos sociais, já os cumpro desde sempre, até mesmo quando, na década de 60, fui fazer estágio numa delegacia de menores.

*O entusiasmo  
marca  
todos os  
recomeços*



A academia me recebeu com apreço e afetividade. Desde o Instituto de Física onde trabalhei na década de 70, até os cursos de Letras e Ciências Sociais, os elos espalhados na Economia ou na Arquitetura, na Educação ou nas Artes se soldaram como nunca. Convergiam para meu relacionamento na USP tanto a vivência de pesquisa dos anos 70 quanto a

vivência de Jornalismo. Em 1974, por exemplo, havia construído um grande perfil de José Goldemberg, naquele momento um físico que assumia ousadamente uma posição crítica ao projeto de energia nuclear da era Geisel. Conhecia o físico como jornalista e como jornalista lhe propus um trabalho mais denso e extenso, que, por sinal, nenhum grande veículo quis publicar. Ninguém bancava o risco político. Pois quando voltei à USP cruzam-se os traçados pessoais e em seguida Goldemberg assume a Reitoria. Para mim, não para as outras pessoas, não era de estranhar que na primeira vista oficial do reitor à ECA eu lhe entregasse, entre sorrisos cúmplices, umas fotos 3x4 que não lhe devolvera desde aquela época.

Senti-me então reintegrada, mas não era mais o tempo ancestral da ECA. Geográfica e culturalmente a situação mudara. Após as mazelas da repressão, esta como qualquer escola, procurou caminhos de resistência e construção. Entre acertos e equívocos, como é natural no redirecionamento. Sintonizei com o espírito humanístico e artístico, criei antídotos aos discursos oficiais e absolutistas que reduzem a história a projetos de modernização. No departamento de Jornalismo e Editoração em que me integrei, a cultura interna é muito sensível a esse canto de sereia, muitas vezes vocalizado pelos focos de indústria cultural, mercado de trabalho imediato dos cursos. Como conheço intimamente esse mercado e como me libertei de suas falácias

através da pesquisa e do estudo, tive de criar novo espaço de resistência, no ambiente, afinal, integral da minha vida laboriosa e reflexiva.

No curso de graduação esse espaço foi o **Projeto São Paulo de Perfil**.

Em 1980 conheceu um jornalista em Nova York, com um histórico profissional semelhante ao meu. Após cansar da grande imprensa, decidiu criar um projeto autônomo, subsidiado por uma fundação norte-americana. Agregou-se a um grupo de artistas do East Side e montou uma coletânea de história imediata. Cada pequeno volume da série traça a biografia de um habitante comum de Nova York, aquele personagem anônimo, em geral periférico da história oficial. Esses perfis, com periodicidade trimestral são incorporados à escola básica (tiragem de dois mil exemplares) e os alunos do East Side, quase sempre portorriquenhos e imigrantes latinos de outras origens, lêem relatos de quem faz a história dos Estados Unidos e não está presente nos manuais.

Esse projeto caiu fundo no meu subconsciente, aguardando a oportunidade de se refratar em São Paulo. Em 1986, no curso de Jornalismo da USP, decidi socializar a idéia na série **São Paulo de Perfil**, que foi acoplada às disciplinas Redação Jornalística II (Oralidade) e Redação Jornalística III (Interpre-

tação), ambas no terceiro ano do curso. A série de livros-reportagem completou em 1992 doze exemplares desde 1987, quando foi implantada. Um livro por semestre letivo, rigorosamente periódico e impresso na gráfica da ECA, com todas as barreiras por demais conhecidas no âmbito de qualquer universidade. A série se tornou auto-sustentada, catalizou um programa de bolsas de iniciação científica junto ao CNPq, um convênio com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo para extensão junto a escolas de segundo grau, em que os livros são trabalhados, e patrocínios externos à Universidade que favorecem a distribuição de 500 dos mil exemplares à escola pública. Os fundamentos do projeto se ampliaram em relação à coletânea de história imediata de Nova York: na anatomia da série **São Paulo de Perfil**, narrada a seguir, entram traços de pesquisa jornalística, metodologia de ensino de Jornalismo, e extensão à comunidade, na medida em que o livro-reportagem sobre temas da atualidade, o rosto de São Paulo, motiva a leitura na escola e motiva também a iniciação à cidadania numa faixa etária em que o adolescente (16 anos) começa o exercício democrático do voto.

A coleção composta de duas grandes temáticas, ora traçando o perfil de determinada migração, ora abordando um grande problema do cotidiano paulista, tem a seguinte trajetória:

1. **Vira à Paulista:** perfil de 17 constituintes de São Paulo, 1987.
2. **Vozes da Crise:** relatos populares e definição local de crise, 1987.
3. **Nos passos da rebeldia:** movimentos estudantis de 60 a 80, 1988.
4. **Forró na Garoa:** migração nordestina em São Paulo, 1988.
5. **Hermanos Aqui:** migração hispano-americana em São Paulo, 1989.
6. **A Casa Imaginária:** a questão habitacional, 1989, o único exemplar da coleção que tirou duas edições.
7. **Paulicéia Prometida:** migração judaica em São Paulo, 1990.
8. **À Margem do Ipiranga:** as periferias mais afastadas da cidade de São Paulo, 1990.
9. **A Escola no Outono:** a questão educacional, 1991.
10. **O Primeiro Habitante:** situação das comunidades indígenas no Estado de São Paulo, 1991.
11. **Farra Alforria:** o lazer na cidade de São Paulo, 1992.
12. **Ainda sem título:** migração italiana em São Paulo, em edição, 1992.

## Na mira do diálogo social

A linguagem jornalística se empobreceu nos últimos dez anos. Esta deterioração do caráter dinâmico dos códigos da notícia e da reportagem se remete aos contextos empresariais que estabeleceram rotinas industriais onde o ritmo e a tecnologia de edição visam apenas o desempenho de distribuição dos veículos. A linguagem jornalística que apontava, até os anos 70, para uma sadia criatividade, se reduziu a fórmulas repetitivas. E a principal vítima deste empobrecimento é a grande reportagem ou a entrevista em profundidade.

Não se trata apenas do acabamento da linguagem, mas sobretudo dos sintomas de um conteúdo monológico, crivado de fôrmas ideológicas, do autoritarismo. O Jornalismo diário apresenta este panorama tanto na mídia impressa quanto na oralidade da televisão e do rádio. Impõe-se à pesquisa universitária no curso de Jornalismo a oxigenação da linguagem que, em tese, deve ser dialógica. O piloto de meu projeto de pesquisa — **O Diálogo Social** — foi objeto de minha tese de doutoramento, defendida em maio de 1986. **Modo de Ser, Mo’ Dizer** aponta

para uma nova linguagem jornalística. Após a defesa da tese, este piloto experimental foi incorporado à formação de jornalistas na Universidade de São Paulo, através das disciplinas Jornalística II – Oralidade e Reação Jornalística III – Interpretação.

Concebo a pesquisa universitária estritamente ligada ao ensino e à extensão, aliás, alicerces da academia. Desta forma, o projeto-laboratório São Paulo de Perfil, montado em 1987 e que gozou do reconhecimento imediato do CNPq, ao proporcionar a concessão de uma bolsa de iniciação científica em 1988 e duas em 1989, está agora em fase de expansão, justamente numa etapa crucial de avaliação crítica dos avanços da linguagem experimental.

O Diálogo Social na informação jornalística se substancia em todas as etapas do processo. Da pauta à redação e à leitura ativa, a nova linguagem em pesquisa exige reversões do padrão técnico tradicional.

O processo jornalístico se inicia na pauta. E esta está emaranhada em vários outros processos, que procurei desvendar em minha tese de doutoramento. Há uma sabedoria oral, já folclórica, do que é ou não notícia, do que pode (e como pode) integrar a pauta do dia. Otto Groth sistematizou o conhecimento empírico do pauteiro, com princípios do Jornalismo: atualidade, universidade, difusão e periodicidade. Mas nem todos os fatos



que atendam a estes requisitos acabam se tornando pautas jornalísticas... A limitação de tempo/espço exige uma seleção que é influenciada principalmente por três atuantes da comunicação coletiva: proprietários ou coordenadores dos meios, produtores e consumidores.

Atrás de muitas matérias pode-se visualizar o interesse dos proprietários dos meios de comunicação, a oferta na sociedade capitalista. Eles se interessam fundamentalmente pelo lucro e por isso estimulam a diminuição de custos, limitando o espaço; reduzindo o número de fontes, incentivando o trabalho com o material que está à mão (muitas vezes *press-releases* promocionais, esquemamento de matérias). Os proprietários ou coordenadores de pauta espelham interesses específicos das categorias sociais e políticas às quais pertencem e às quais interessam mais ou menos a divulgação de determinado acontecimento.

Outro atuante na comunicação coletiva é o produtor jornalístico, cuja criação e iniciativa podem reformular/reorientar pautas. A sua influência persiste no ideário profissional dos estudantes de Jornalismo, mas é cada vez menos frequente na prática de trabalho das empresas jornalísticas.

Sem a demanda por informação, sem o interesse público, a comunicação coletiva não se realiza. A falta de canais de participação para o consumidor, porém, possibilita a **ditadura**

**da oferta**, em que os grupos proprietários, coordenadores ou orientadores dos meios exercem sua tirania.

Na gênese da pauta há priorização, por seus elaboradores, de três tipos de conteúdos: as fontes arquetípicas, lidertípicas ou osmotípicas. A contribuição vem de Jean Lohisse (*Communication Anonyme*, Editions Universitaires, Paris, 1988). Segundo o teórico belga, os conteúdos comuns da cultura de massa representam a perene herança de temas arquetípicos. O melhor exemplo que se pode dar, no contexto brasileiro, são os ingredientes básicos dos tramas da telenovela, tão bem sucedida no Exterior como aqui. Os centros produtores mais avançados, nos países altamente industrializados, geram, a todo instante, conteúdos lidertípicos. É o caso do *rock* nos Estados Unidos ou na Inglaterra. A exportação é inevitável, a importação nem se fala. Pode demorar um, dois ou dez anos mas a *moda* acaba chegando. O consolo são os conteúdos osmotípicos, resultado da dinâmica de trocas culturais. Por mais dependente que seja o Brasil do colonialismo dos lidertipos, já vai implantando sua marca em osmotipos: dizem os músicos norte-americanos que do encontro da bossa-nova com o *jazz*, não deu samba, mas uma cruz interessante.

Enredando ainda mais a pauta, há o interessante fenômeno das fontes consagradas. Basta um assunto ganhar dimen-

são nacional para algumas fontes adquirirem seu monopólio. Atropelados pelo tempo, muitas vezes os jornalistas optam por discursos repetitivos, mas legitimados como confiáveis, e descuidam a investigação de novos discursos.

O enriquecimento de uma pauta exige uma preocupação maior com a demanda social. Passa pela descoberta do produtor cultural de conteúdos arquetípicos e osmotípicos. E também pela transformação da mentalidade do profissional, que deve se esforçar por se libertar de visões reducionistas — causa e efeito, razão e consequência, bem e mal, entre outras — e aprender a complexidade dos acontecimentos.

Escolhida a pauta, o repórter sai da redação e ganha o mundo. Aí, novamente, entram em cena várias atitudes introjetadas com a profissionalização. Tentei abordá-las (refleti-las) em meu doutoramento.

Um território pouco explorado na Academia é a observação jornalística. Ela tem especificidades em relação à observação psicológica e científica nas Ciências Sociais e a ausência de pesquisas na área deixa o profissional sem subsídios.

O jornalista deve desenvolver as habilidades de observador em relação a três aspectos. Precisa captar conceitos, que são instrumentos de compreensão da complexidade do mundo

moderno. Na decifração de conceitos o jornalista utiliza, basicamente, a apreensão lógico-analítica.

O universo mítico e emocional também exige sua presença nas matérias jornalísticas. Para isso, o jornalista usa a sensibilidade, capacidade cerebral intuitivo-sintética.

No momento de complexidade social que a maioria dos países já atingiu, o trabalho jornalístico vai da investigação dos elementos tais subjetivos à busca da elucidação dos comportamentos sociais. Análise e síntese, lógica e intuição, juntas, são indispensáveis para a apreensão dos comportamentos coletivos.

Em uma pesquisa que realizei junto a estudantes de jornalismo da Universidade de São Paulo pude constatar a predominância da observação conceitual. Esta ainda é a mais (se não a única) estimulada nos cursos de Jornalismo, o que deixa o futuro jornalista inapto para lidar com mitos, arquétipos e emoções e apenas parcialmente capacitado para o desvendamento da complexidade social.

Na prática profissional, a relação entrevistador e entrevistado é uma das mais cristalizadas. As atitudes autoritárias, agressivas ou arrogantes do jornalista inibem a fluência, a troca de experiência. Por isso descarto *entrevista* ao me referir ao encontro ideal entre repórter e fonte. Isto é: diálogo.

A maior ou menor comunicação entre entrevistado e entrevistador está diretamente relacionada à humanização do contato interativo: quando ambos saem alterados do encontro, a técnica foi ultrapassada pela intimidade entre o EU e o TU. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada auto-compreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível.

A entrevista já foi pesquisada em vários ramos das Ciências Humanas. nas suas diferentes aplicações é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando isolamentos grupais, individuais, sociais: pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.

O psicólogo social Charles Nahoum (*L'entretien Psychologique*, Presses Universitaires de France, Paris 1985) deixa entrever os limites do desempenho frio do entrevistador: a entrevista é uma situação psico-social complexa, em que as diferentes funções, embora analisáveis formalmente, são dificilmente dissociáveis na prática profissional. Já A. Garret, em *A Entrevista, seus Princípios e Métodos* (Livraria Agir Editora, Rio, 1931), amplia o âmbito dessa prática humana: todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas. Admite também que qualquer dessas situações contém aspectos objetivos

e subjetivos. Um ponto básico de sua teorização é projetar corajosamente a técnica para a Arte da entrevista. Garret identifica no entrevistador, acima de tudo a arte de ouvir, perguntar, conversar.

O filósofo Martin Buber elevou a complexidade psicossocial da entrevista a um nível ontológico. Quando o autor estabelece uma divisão clara entre o propagandista e o educador, salientando neste último as virtudes possíveis do diálogo, está abrindo nossos olhos para a mais profunda eficiência da entrevista. O propagandista (e a propaganda) se impõe ao interlocutor, não crê sequer na própria causa, pois não confia na possibilidade de que ela atinja seu efeito pelas próprias forças, sem os métodos de que se vale. Já o educador (e a Educação) proporciona a abertura, crê na força primitiva que se espalhou e se espalha em todos níveis da relação EU-TU. Justifica esta bipolarização: *Esclareci em dois exemplos extremamente antitéticos o caráter das duas atitudes básicas e a relação que entre elas existe. Mas, onde quer que os homens mantenham relações entre si, uma ou outra atitude é encontrada em maior ou menor escala* (Do *Diálogo e do Dialógico*, ed. Perspectiva, São Paulo, 1982, pg. 151).

A entrevista não impositiva, não diretiva, é resgatada com ênfase pela contribuição teórica de Carl Rogers. Edgar Morin, na década de 60, retoma esta contribuição. Para Morin há quatro tipos de entrevistas:

- 1) **A entrevista-rito.** *Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem nenhuma importância senão a de ser pronunciada hic et nunc. Um exemplo típico são as palavras dos campeões no final dos jogos, das missas após ter ganho o troféu, um ator com o Oscar na mão. As próprias palavras da entrevista-rito são rituais. Elas completam a cerimônia.*
- 2) **A entrevista anedótica.** *Muitas, a maior parte sem dúvida, das entrevistas de vedetes são conversações frívolas, ineptas, complacentes, onde o entrevistador busca a anedota picante, fazer perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, onde entrevistador e entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no meio dos mexericos.*
- 3) **A entrevista-diálogo.** *Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema.*
- 4) **As neoconfissões.** *Aqui, o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo. Mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior. Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social.*

Morin mostrou seu entusiasmo pelos dois últimos tipos. É no sentido de realizá-las bem que o profissional deve investir.

O repórter volta à redação. Conversa com as fontes, coletou dados, e agora deve ordená-los de forma comunicativa. Para isso, e *facilitando seu trabalho*, há vários modelos tradicionalmente limitados. Os manuais de redação insistem em preservar estes modelos, alegando sua praticidade. Mas depois de regressar de um encontro, onde aconteceu um diálogo, dificilmente o repórter ficará satisfeito com a estruturação narrativa-padrão do Jornalismo, que apaga os traços de humanidade da melhor história. E buscará uma nova frase, de uma densidade expressiva.

A maioria das notícias segue o modelo lógico-linear vulgarmente conhecido como pirâmide invertida. Começa-se por um *lead* (parágrafo de abertura) que responde às principais perguntas sobre o fato social selecionado como pauta, prossegue-se linearmente, no desenvolvimento dos detalhes, acumulando declarações a propósito de cada um desses dados, acaba-se a matéria pelas informações secundárias: daí, a pirâmide invertida.

Em contraposição ao modelo anterior, há o de uma estrutura narrativa complexa. Nele as informações não estão sob o jugo rígido de uma forma/fôrma. Teóricos como Abram Moles já chamavam a atenção para a estrutura de idéias (informações) na percepção contemporânea. Se a via clássica de pensar e



representar a informação foi solidamente estabelecida desde a tradição aristotélica, passando pela escola cartesiana e desembocando no cientificismo do século XIX, o meio ambiente moderno estimula a fragmentação. Moles conceitua assim esta oposição: tradicionalmente pensamento linear, atualmente o pensamento-mosaico, pós-cinema, televisão, luminosos e sinais urbanos de publicidade, de trânsito. O homem contemporâneo está sob permanente estimulação mosaico; e pensar linearmente, como na pirâmide invertida, é uma prática que quase se isola no mundo letrado e na disciplina científica.

Tanto a entrevista pergunta – resposta (**P-R**) quanto a de narração indireta, em terceira pessoa, podem ser enriquecidas, se conduzidas fragmentariamente. Uma entrevistado cujo universo de pensamento, emoções e comportamento não se submete à linearidade de um questionário rígido, proposto pelo entrevistador, renderá mais se a conversação for, já no momento de captação, livre, solta. Para representá-la em um texto, sempre haveria a opção de *reordená-la* a fórceps e, muitas vezes, se procede assim. Haverá, no entanto, entrevistas que imploram uma estrutura mosaico, ao sabor de um diálogo fluente, desarmado, que já aconteceu. O leitor se funde na coerência interna do entrevistado, não precisa, neste caso, do **didatismo** escolástico do jornalista.

O jornalista tem uma bela história, densa, emocionante. Para lidar com este material, transformá-lo em texto, precisa dominar algumas ferramentas. Os manuais de redação pensam que resolvem o problema criando normas (regras) que, geralmente, limitam ainda mais a criatividade e que têm pouco valor em situações concretas.

Detectei alguns problemas nos textos jornalísticos comuns; os ruídos na micro-estilística da frase comunicacional, registrados no meu livro *Notícia, um produto à venda* (ed. Alpha Omega, SP, 1978, p. 181).

- 1) Frase muito extensa, processo de subordinação acarretando, às vezes, desconexão (ausência da oração principal). Leitura muito difícil.
- 2) Problemas de estruturação da frase que acusam falta de clareza e precisão das informações aí articuladas.
- 3) Intercalações excessivas, quebrando a idéia principal.
- 4) O uso abusivo dos parênteses, mesmo problemas das intercalações excessivas.
- 5) Falta de fluência por inadequação do vocabulário.
- 6) Acréscimo à frase (geralmente orações subordinadas de gerúndio) e que *descalibram* as orações principais.
- 7) Desconexão de tempos verbais, uso de presente histórico e passado sem critério, ignorância das possibilidades do subjuntivo ou de um mais-que-perfeito.

- 8) Soma de elementos não coordenativos.
- 9) Passagem de parágrafo (frase-ponte) pouco habilidosa.
- 10) Acúmulo de verbos em locuções, uso excessivo de verbos auxiliares, bem como do verbo ser.
- 11) Estrutura verbal passiva analítica pouco fluente, já que temos, no português, a estrutura sintética, mais expressiva.
- 12) Ordem indireta sem ritmo, sem fluência.
- 13) Informações ambíguas, imprecisas ou incompletas.
- 14) Falta de eufonia na frase, sobretudo no caso da colocação do pronome indireto que, artificialmente, segue regras de *atração*, em lugar de atender ao ritmo sonoro brasileiro.

A passagem da frase prolixa para a frase sintética dá aos textos mais densos clareza e expressão.

Outra área que ainda está para ser aprofundada na pesquisa científica é a da recepção. Principalmente porque sem receptores exigentes a ditadura da oferta tende naturalmente a persistir.

Fiz uma experiência de recepção vinculada ao projeto **São Paulo de Perfil**, no colégio *São Vincente de Paulo*, na zona Leste paulistana. Os livros 2 e 3 do projeto foram lidos por alunos da segunda série do segundo grau que fizeram um fichamento, coordenados pela professora de Língua Portuguesa. Recebi os fichamentos, analisei-os e voltei

a conversar com os estudantes. Duas tendências foram reveladas nas leituras:

- 1) O prazer da leitura associado aos perfis onde predomina a emoção, em detrimento das conceituações e exposições analíticas.
- 2) A busca de um *moral da história* em perfis, reportagens e análises históricas, relacionada à dificuldade de o estudante lidar com possibilidades múltiplas de interpretação dos acontecimentos.

Pretendo prosseguir na pesquisa dessas variáveis de desvios de leituras, cuja elucidação poderá ajudar na criação e desenvolvimento de hábitos de leitura.

No projeto científico que resultou na tese de doutoramento — *Modo de Ser, Mo'Dizer* —, a ênfase experimental incidia no ato relacional da entrevista e suas formas de expressão na linguagem jornalística, vale dizer nas aproximações do **Diálogo Possível** em sociedade, através da informação de atualidade. De 1986 a 1989, no trabalho desenvolvido na graduação da ECA/USP, com base nas disciplinas Redação Jornalística II — Oralidade e Redação Jornalística III — Interpretação e com aplicações diretas no projeto **São Paulo de Perfil**, o campo de pesquisa de linguagem se estendeu. Hoje, já se encontram consubstanciados os

seguintes resultados (que podem ser aferidos na concretude de doze exemplares na série **São Paulo de Perfil**):

- 1) **A complexidade da pauta.** Desenvolvi uma proposta de renovação técnica, estética e ética da pauta jornalística. Trata-se, a partir de teoria e prática, de revisar as noções com que o jornalista opera ao lidar com real social imediato (fato de atualidade). Para isso, tenho me valido da transdisciplinaridade e introduzo, no trabalho técnico tradicional, a análise crítica dos conceitos por demais enquistados no cotidiano jornalístico como, por exemplo, a noção de certo e errado, a noção de sujeito e objeto etc. Aos poucos, nos laboratórios e sobretudo no desenvolvimento da pauta do **São Paulo de Perfil**, abre-se a possibilidade de compreensão complexa do mundo, uma nova postura epistemológica. O objetivo que vem sendo perseguido é a mutação de uma visão de mundo reducionista para uma visão de mundo complexa.
- 2) **Observação do real imanente e do real subjacente.** Este é meu projeto de pesquisa atual, pós-livre-docência, cujos resultados ainda são bastante precários. Este novo projeto, de que não há precedentes no Brasil, amparado por projeto de pesquisa junto ao CNPq, tem trabalhado em algumas hipóteses e em experiências preliminares junto aos estudantes de Jornalismo. Daí já posso apontar para o seguintes indícios:

- a) A observação jornalística está muito gradeada pelas formas técnicas que precedem a feitura da reportagem. Assim, o repórter observa o fato-notícia através de comandos mentais pré-estabelecidos basicamente pelo clássico questionário **quem, o quê, onde, quando, como e por quê?**
  - b) A observação jornalística extrai do acontecimento observado respostas sumárias, esquemáticas ou reducionistas, não sendo capaz de exercer as possibilidades plenas nem mesmo das perguntas que envolvem a fórmula mental da tradição.
  - c) Ao observar o fato em movimento e pleno de significados subjacentes à própria humanização que o caracteriza, o repórter tende a traduzir mentalmente em idéias, conceitos, juízos de valor precários o que poderia ser uma decifração complexa.
  - d) A observação se processa mecanicamente, sem maiores recursos de associações, percepções holísticas, formação de novas hipóteses sobre o diagnóstico, enfim sem um processamento complexo dos dados observados.
- 3) **Técnica de entrevista.** Esta é a pesquisa mais avançada, uma vez que ela precede a atual etapa científica a que me dedico na Universidade de São Paulo. Os resultados atingidos podem ser aferidos também no **São Paulo de Perfil**: fundamentalmente a atitude interadora do jornalista em oposição à atitude autoritária ou tecnicamente fria do profissional da tradição. Interação social criadora é a nova no-

ção que utilizo para técnica de entrevista, assim como o entrevistador passa a ser denominado de mediador social.

4) **Redação e edição do Diálogo Possível.** Nas formas de expressão linguística da reportagem, vêm sendo desenvolvidas significativas experiências:

a) **Renovação da clássica pirâmide invertida**

À estrutura positivista da **pirâmide invertida** se oferece como alternativa uma composição complexa de narrativa, em que a dinâmica da ação social seja reencenada, chamando a primeiro plano a humanização dos protagonistas sem descuidar idéias, conceitos, diagnósticos que envolvem o fato-notícia. Mobilizam-se, para isso, recursos expressivos da Arte e da Cultura Popular. Narrar numa reportagem passa a oferecer possibilidades estéticas que a rudimentar técnica jornalística expurgou.

b) **Transmutação da descrição relatorial em narrativa de cena viva**

A prática consagrada da descrição jornalística segue estaticamente os passos apontados pelo questionário básico. Um narrador de terceira pessoa, pretensamente **objetivo**, enquadra o processo dinâmico da realidade em uma fórmula descritiva. Neste campo, temos trabalhado com foco narrativo (e reflexões da Teoria Literária) bem como estrutura narrativa para intensificar a renovação estética. Atingem-se rapidamente resultados surpreendentes no sentido de uma liberação expressiva e um esforço estético de contar com

vivacidade uma **estória**, que, no Jornalismo, representa uma **história real**.

c) **Diálogo fluente**

Da mesma forma que a narrativa se viciou numa fórmula, também o diálogo encontra-se estancado em mecanismos do tipo — aspas, declaração, vírgula, disse fulano de tal. No projeto, assim como a técnica de entrevista passa pela metamorfose da interação social criadora, é natural que a expressão linguística de entrevista também exija uma estética renovada: um narrador interativo assume a discrição, deixando em primeiro plano os protagonistas da ação social. O jornalista como mediador, rege o diálogo, o que não ocorre no Jornalismo tradicional.

d) **A frase simples, densa e fluente**

Com a experimentação, tem-se atingido resultados valiosos na micro-estrutura narrativa. A frase jornalística — eu já estudo sistematicamente desde um piloto de pesquisa que desenvolvi com o **Jornal da Tarde**, no início da década de 70 — denota certas dificuldades como:

- Estrutura carregada pela subordinação e ordem indireta; decorrem daí desconexões, problemas de concordância e ruídos de informação, especialmente falta de precisão e redundância;
- Usos de verbos inexpressivos (como o verbo ser) por falta de repertório de ação, fundamental no Jornalismo;



- Locuções verbais excessivas, acumulando, às vezes, três a quatro verbos;
- Voz passiva analítica por falta de domínio da voz passiva sintética, recurso da língua portuguesa, perfeitamente identificado com a dinâmica do Jornalismo;
- Adjetivação desnecessária ou gasta pelos usos ultra-românticos;
- Intercalações que quebram a fluência da ordem direta.

Não se trata de *vícios* estilísticos simplesmente. O fato é que o Jornalismo, para realizar a expressão simples, densa e fluente deve ultrapassar essas dificuldades que quase sempre provêm de repertório, cosmovisão e familiaridade com as formas artísticas contemporâneas, em especial a literatura. Daí, eu valorizar, em meu projeto de pesquisa, a proximidade com a Arte.

e) **Edição complexa da grande reportagem**

Esta é uma pesquisa que também iniciei em 1971 e cujos primeiros resultados foram fixados em um livro (esgotado) — *A Arte de Tecer o Presente* —, em coautoria com Paulo Roberto Leandro. No **São Paulo de Perfil** vêm se desenvolvendo, de semestre a semestre, propostas complexas de edição. Os resultados atingidos em *A Casa Imaginária*, realizado no segundo semestre de 1989, atestam esta linha de pesquisa. O tema — habitação em

São Paulo — passou por uma edição complexa que não se atém, como em geral, a uma única tipologia habitacional. Costuma-se editar tal tema basicamente adotando a tipologia sociológica de segmentos sócio-econômicos. Em nosso projeto, pesquisamos os cruzamentos de diferentes tipologias, discutimos as mesmas com especialistas e, por fim, adotamos uma pauta aberta. Assim, em resumo, articulamos na edição de *A Casa Imaginária* as seguintes subfamílias temáticas:

- Comportamentos sociais no domínio da habitação;
- Protagonistas e moradia (a criança e apartamento/casa, jovens e adultos e o seu lar, proprietários/locatários, terceira idade e casas de repouso;
- São Paulo, a grande e difícil casa;
- Moradores de rua, de favela, de cortiço;
- Diagnósticos conceituais sobre os problemas de habitação;
- A casa imaginária ou imaginário e a casa.

Em todo este projeto científico, a presença dos bolsistas cedidos pelo CNPq tem sido de grande valor. Sem estas bolsas, a pesquisa não teria avançado até o atual estágio. Como eles próprios atestam em relatório, a produção teórica e prática — perfeitamente interativas no **São Paulo de Perfil** — conta com a colaboração direta dos bolsistas. Por outro lado, se os alunos

envolvidos no projeto (terceiranistas de Jornalismo) partilham dos resultados científicos da nova linguagem, os bolsistas, que assumem as linhas de frente da pesquisa comprometem-se e se modificam em um grau mais elevado. Quero salientar que o critério como escolho os bolsistas, anualmente, está pautado também por alcance científico e não puramente tecnicista ou de imediatismo profissionalizante. Tanto como já tive oportunidade de reforçar, a atividade de pesquisa que desenvolvo na Universidade de São Paulo está diretamente ligada ao ensino e à extensão. Neste sentido seria enfadonho realinhar o projeto de pesquisa antes apresentado, bem como seus resultados propriamente científicos, no que diz respeito a resultados pedagógicos. Os laboratórios de linguagem jornalística aplicados ao longo de um ano (terceiro ano de Jornalismo) na ECA/USP, desde 1987, estão vinculados às disciplinas Redação Jornalística II – Oralidade e Redação Jornalística III – Interpretação. Estas, por sua vez, têm como trabalho culminante a execução de uma grande reportagem da série semestral **São Paulo de Perfil**.

Desta forma, sob minha coordenação, os bolsistas acompanham e assessoram diretamente o projeto de renovação da linguagem da pauta à expressão linguística. Dominam as linhas de trabalho, prestam assistência nas etapas de desenvolvimento dos alunos de terceiro ano, avaliam os resultados.

Assim, em 1989, fechamos um convênio com a Secretaria de Educação, via COGSP — Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo — para a distribuição dos livros do projeto **São Paulo de Perfil** em escolas estaduais de segundo grau. Os livros do volume 7 da série (*A Casa Imaginária*) foram adotados em caráter experimental em várias escolas estaduais da capital — EESG Brasília Machado, EESG Carlos Augusto Villalva, EESG Conde José Vicente de Azevedo, EEPSG Antônio A. Machado e EEPSG Júlio Ribeiro — além de estar em três dos CEFAM (Centro de Formação do Magistério) da 3ª DRECAP (Divisão Regional de Ensino da Capital). Desta forma o livro-reportagem faz parte dos currículos das disciplinas Língua Portuguesa e História, nas escolas citadas.

Em agosto de 1990, fechamos um convênio com as Indústrias Metal Leve S.A., que passaram a doar 500 exemplares do projeto **São Paulo de Perfil** para as escolas conveniadas à Secretaria de Educação, via COGSP, o que possibilitou a execução do plano-piloto de leitura nas escolas.

## O rosto latino-americano

**N**o final de 1986, já com o título de doutora em Ciências da Comunicação, fui convidada a optar por uma das três grandes áreas da geopolítica da informação, bem como de contribuições teóricas do Departamento de Jornalismo e Edição no pós-graduação da ECA: Europa, América do Norte ou América Latina. Não hesito: escolho o Hemisfério Sul. Sem desprezar a experiência européia ou a norte-americana, ambas matrizes indispensáveis para compreender o Continente Latino-Americano, atrai-me especular a caminhada do Sul, sobretudo dos anos 40, quando se dá a explosão funcionalista da Comunicação Social, até nossos dias.

A escolha foi aceita e comecei a preparar um curso de pós-graduação — Teorias Latino-Americanas de Jornalismo e Comunicação — que, em 1988, se desdobrou em dois semestres. Em Teorias I montei uma retrospectiva dos anos 40 ao final dos anos 80 e, em Teorias II, propus um programa de Crise de Paradigmas e a ênfase recaiu nas Teorias da Cultura. Assim

como na graduação o projeto de livros-reportagem escava o rosto local, na pós-graduação o mergulho se aprofunda na identidade cultural. Um alimenta o outro, não separo hierarquicamente privilégios para a pós-graduação em detrimento da graduação. Os estudantes cruzam suas experiências e o grau mais sofisticado ou teórico que se desenvolve na pós incide nas práticas da graduação, bem como o laboratório de reportagem da graduação oferece pistas muito reais para a reflexão dos pós-graduados.

A revisão histórica dos influxos teóricos da Comunicação Social e do Jornalismo se enriqueceu sobremaneira com uma viagem, em 1988, aos institutos de pesquisa da Argentina e Chile. Fiz um investimento por conta própria de que não me arrependo. Mapeei o pensamento contemporâneo das Ciências Sociais no Cone Sul, bem como me equipei de bibliografia de ponta latino-americana. Nessa viagem ao texto e aos institutos, às conversas informais e às articulações reflexivas, percebi o forte tônus da cultura e da identidade. A linguagem dialógica que buscava em meu doutoramento, ferve num continente que se procura na unidade, mas administra profundas e conflitivas diferenças. Recolho então pensamentos atualizados como os de Luís Torres no Chile, Oscar Landi e Elizabeth Jelin na Argentina, Nestor Canclini (argentino) no México, Jesus Martin Barbero na Colômbia, Octávio Paz no México, Roberto Fernández Retamar em Cuba, cruço com os brasileiros, Antônio Cândido

abrindo a lista, tranço os do Continente Latino-Americano com os do Norte, sobretudo Richard Morse dos Estados Unidos, Jean Lohisse da Bélgica, Edgar Morin da França, Gillo Dorfles da Itália, acompanhado por Umberto Eco, Mikchail Backtyn da Rússia, Maria Tereza Cruz de Portugal, Martin Sagrera da Espanha. Isso sem falar nos pensadores fundantes do funcionalismo, da teoria crítica da indústria cultural, da semiologia e da semiótica, da teoria da História, da teoria da dependência e do difusionismo, enfim, esse amálgama de explicações de mundo que não só comparecem a um curso de pós-graduação mas saltam de cada solicitação personalizada pelo orientando de mestrado e doutorado. Como logo se compôs um grupo de dez — três doutorandas e sete mestrandos — expressão dramática da demanda nacional reprimida —, tive de me desdobrar em múltiplos caminhos de pesquisa.

Não fosse essa ebulição somada à minha própria inquietude reprimida ou adiada por dez anos de intensa atividade jornalística, e talvez não iria cair nos impasses epistemológicos, na crise de paradigmas, no problema da complexidade e na visão crítica dos reducionismos das disciplinas especializadas. Já em 1988 cresce a ansiedade na claustrofobia de teorias exclusivamente disciplinares. A definição de cultura constantemente reexaminada exigia um transitar ousado das disciplinas para a inter-disciplinaridade. Compreender identidade cultural, para

além de descrever superfícies delimitadas, categorizá-las, medi-las e demonstrar hipóteses óbvias, envolve penetrar no invisível e articulá-lo ensaisticamente ao visível.

Não poderia abandonar a Arte nesse percurso teórico que vai do doutoramento à livre-docência. Pelo contrário, os artistas, esses que projetam a intuição nas nossas obscuridades, são guias imprescindíveis. Por isso mesmo, junto aos teóricos resgatados na graduação e na pós-graduação, pus em mestiça convivência os artistas, criando o que denominei de **Leitura Cultural através da Arte**. O lugar da literatura tem sido espaçoso mas não hegemônico, já que cinema, dramaturgia, artes visuais e música partilham do mesmo banquete. A leitura cultural pelas mãos mediadoras do artista se inspirou em Antonio Cândido e sua estirpe e, ao lado da fruição e do reencontro no espelho, tem sido útil (sem ser utilitária) para despertar as sensibilidades para os traços de nossa alma. Tanto o aprendiz de Jornalismo que vai ser responsável pela narrativa da atualidade, quanto o pesquisador, professor ou simples estudioso de pós-graduação precisam, urgentemente, segundo os próprios reclamos, desembotar a compreensão cultural.

Em busca do rosto perdido torna-se também emergente o entendimento da linguagem mítica, essa que nos devolve para nossos significados essencialmente humanos. Retomo Fernando Pessoa:



*O MYTHO é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mytho brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.*

*Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos creou.*

*Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade.  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
de nada, morre.*

(Mensagem, II — Os Castelos, Primeiro/ULYSSES).

A tese de livre-docência — **Povo e Personagem** — nasce desse impulso. Havia viajado ao universo de sete países de língua portuguesa, conhecido de perto seus escritores vivos, sentido a realidade dramática de seus povos. Na viagem, odisseia dolorosa, fui captando sinais que não pertenciam ao domínio do inventário descritivo. Os poetas me ofereciam águas profundas e terríveis. Decidi afundar. Na interpretação perdida, tantas vezes achada e novamente perdida, foi fundamental o

itinerário de mitólogos como Mircea Eliade. Mas ao fim e ao cabo veio o *insight*: um povo é personagem de seus artistas, sejam eles legitimados pela literatura ou anônimos na oratura. A fala artística é a fala mítica, vem do desejo coletivo. O mito, tal qual o entende Mircea Eliade, é uma resposta desesperada ao caos da história, essa força inconsciente que produz simbolicamente um cosmos. Por isso, com muita propriedade diz o historiador Nicolau Svcenko a seus parceiros: olhem a literatura, lá está o grito dos desajustados, da história que deveria ser.

*A emoção  
se apossa  
da razão:  
nasce o  
primeiro neto*

O sonho humano, atualizado em cada contingência histórica, traz à tona o rosto sempre ameaçado de destruição, ainda que essa seja inevitável na morte. Compreender o cotidiano da saga humana é estar sempre disponível para a cumplicidade com o desejo coletivo. Aprendi essa lição no garimpo do fim dos anos 80, às vésperas de novos tempos, os da conquista incontestável da serenidade. Preparava-me então para 30 de março de 1989, noite do nascimento de meu primeiro neto, Gabriel.

(Em maio, defendia a livre-docência.)



## *Remanso das provas*

**U**m colega do cinema, Eduardo Leone, me dissera que o concurso de livre-docência representava um doloroso pôr-se à prova que, uma vez ultrapassado, dava um certo sossego. Sua vida científica e profissional se desnuda de fio a pavio. Claro, perante uma banca de estatura indiscutível como o foi a minha — Antonio Soares Amora, Antonio Cândido, Bella Josef, Vergílio Noya Pinto e José Marques de Melo.

Em Antonio Cândido situava temerosamente uma interlocução ancestral. Trabalhava com sua ensaística luminosa desde a década de 60 quando dava aula em Camaquã. Também Soares Amora, como historiador da literatura brasileira, junto com Fidelino de Figueiredo na literatura portuguesa, eram autores de cabeceira, embora eu nem desconfiasse de suas relações de parentesco. Mas o Professor Amora, que vim a conhecer em São Paulo nos anos 70 na TV Cultura, me surpreendeu pela sintonia que me ofertou na especulação de mito. O certo é que a livre-docência, na sua via crucis de cinco provas me fez emergir do poço das almas da língua portuguesa e dos impasses

do Hemisfério Sol com outro alento. Seria tarde para retomar a caminhada, afinal avizinhavam-se os 50 anos. Fruir netos e, tal qual Sísifo, lançar-se em nova empreitada do conhecimento e da vida seriam incompatíveis?

A resposta veio de uma renovada mediação social. Assumi o encargo de mediar discursos científicos, religiosos, míticos, artísticos e cotidianos.

Parecia delírio e alguns colegas olharam os primeiros sintomas da loucura com desconfiança. Teria perdido o aprumo acadêmico depois da livre-docência?

Pode ser que assim seja, mas vamos aos fatos.

De 1990 a outubro de 1992, quatro atos e um epílogo provisório cumprem uma experiência dialógica entre distintos saberes, da Ciência à Arte, da Filosofia ao senso comum, da Linguagem à Teologia. O convívio dos diferentes — não na utopia da absoluta paz, mas na inquietude das possíveis confluências — alimenta a proposta a seguir relatada. Esta é uma iniciativa que sublinha o papel dos mediadores sociais do discurso da atualidade.

**PRIMEIRO ATO: em busca das interfaces** — Na já denominada Era das Incertezas, algumas interrogantes abalam o domínio da Ciência. Os acontecimentos do século XX vêm sacudindo constantemente a solidez do discurso dos notáveis, consagrado ora pelos avanços tecnológicos ora pela estrutura de poder das idéias (ou teorias) científicas ora pelos programas macro-sociais da geopolítica. Da bomba atômica às questões ambientais, do câncer à consciência das doenças sociais, da miséria humana ao debate e contestação dos programas econômicos, a contemporaneidade perdeu o prumo. E é neste contexto conflagrado que se impõem estratégias em busca de significados comuns.

A fragmentação do conhecimento acerca do mundo e do próprio homem chegou — no âmbito da Ciência tradicional — a tal absurdo que hoje, quando vamos ao médico, levamos o fígado para consertar. Tornou-se insuportável para qualquer pessoa doente fazer a via crucis dos especialistas, dos laboratórios, das receitas, das cirurgias. São muitos os casos em que se chega à “poli-escolhambrose” orgânica, simétrica ao tradicional caos psíquico, numa dicotomia fatal. Não se trata de uma metáfora — a do corpo e da alma — mas sim do cotidiano flagrado na condição humana atual, a do século das maravilhas da Ciência. Pode-se encontrar neste exemplo crucial a simbolização universalizante de outras situações que vivemos, mais numa contigüidade de processos, do que numa substituição metafórica.

Talvez seja por isso que a temática emergente na humanidade do final do milênio seja o repensar moral e ético. Nisto, cientistas e senso comum se igualam: os impasses da condição humana são democráticos. E é por isso também que os mediadores sociais da atualidade (aí incluídos os jornalistas) estão metidos na Crise de Paradigmas. Da obra de Thomas Kuhn<sup>1</sup> à inquietude que nos cerca refinou-se a compreensão de que ciência e demais visões de mundo não se definem através de uma hierarquia do saber, rígida quanto às garantias da qualidade de vida. Nesta hierarquia, o senso comum, a sabedoria incomum na definição de Frijof Capra,<sup>2</sup> a criação artística ou dionisíaca nas palavras do físico Newton Bernardes<sup>3</sup> estariam submetidas à verdade controlada das ciências exatas. No entanto, forma-se na própria reflexão científica, no núcleo mais “nobre” — as chamadas Exatas — um furacão crítico que varre os domínios legitimados desde os anos 20, com a Física à frente.

Se a hierarquia dos saberes vem sendo percorrida por sucessivos abalos sísmicos, não é de estranhar que os produtores da informação de atualidade tomem a si iniciativas de

- 
1. KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987, 2<sup>a</sup> edição.
  2. CAPRA, Frijot. *A sabedoria em comum*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1990.
  3. BERNARDES, Newton. *Novo Pacto da Ciência*. (1<sup>o</sup> Seminário Transdisciplinar. A Crise dos Paradigmas). São Paulo, ECA/USP, 1991.

mediação entre os diferentes campos de conhecimento. Assim nasceu este projeto que conta até agora com os seguintes marcos:

Em 1987, ao montar um curso de pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, optei por especular os fluxos teóricos e as práticas profissionais que se cruzam dos anos 40 ao presente e que formaram o corpus de pensamento e ação da Comunicação Social na América Latina. Através dessa pesquisa vêm se reconstituindo as heranças de significativas correntes, sobretudo a contribuição do funcionalismo e da teoria crítica da indústria cultural, mas também as das Ciências da Linguagem e da Teoria da História, e, no âmago da produção simbólica, as Teorias Culturais, sem esquecer, é claro, a forte presença das explicações sociológicas e antropológicas. As interfaces de Ciências Humanas estiveram sempre evidentes desde minha formação universitária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (de 1960 a 1964). Por outro lado, no Mestrado realizado nos primeiros anos da década de 70, na Universidade de São Paulo, acresceram-se as preocupações fenomenológicas das Ciências da Comunicação e os estudos de sociologia do conhecimento liderados pela vertente européia da Escola de Frankfurt (o que resultou no livro *Notícia, um produto à*

*venda, Jornalismo na sociedade urbana e industrial*<sup>1</sup>. Já a etapa posterior do doutoramento (USP, 1986) estava impregnada de uma contaminação semiótico-filosófica, ou poética, uma vez que importava investir na linguagem dialógica, sob inspiração de Backhtin<sup>2</sup> ou Martin Buber<sup>3</sup>.

Daí para a livre-docência (USP, 1989), o passo substantivo, na complexidade da produção simbólica ligada ao discurso da atualidade, foi aprofundar a compreensão de cultura e chegar ao Mito como linguagem fundamental da cultura.

Nesse vôo ou mergulho, as aproximações com a reflexão dos físicos contemporâneos (a Capra, uma homenagem especial), a reflexão de um grupo brasileiro egresso da Sociologia e Política de São Paulo (capitaneado por Waldemar de Gregori e Milton Greco), já por si interdisciplinar, a reflexão da Nova História pós-anos 60, a reflexão da estética da recepção no âmbito de Letras, o resgate da trajetória da Antropologia e das noções por esta desenvolvidas quanto à cultura, o inventário dos mitólogos como Mircea Eliade, enfim todas estas férteis inspirações me remeteram, mais pelo texto do que pelo corpo a

- 
1. MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda*. São Paulo, Summus Editorial, 1988, 2ª edição.
  2. BACKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1986.
  3. BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.



corpo à Crise dos Paradigmas e reforçaram a fruição com que sempre partilhei as visões de mundo da Arte.

Trabalho, há sete anos, com um projeto de formação de jornalistas, no curso de graduação da USP, que incorpora teórica e praticamente este percurso e se posta em atitude de pesquisa na emergência de novos paradigmas nas práticas do discurso de atualidade. Basicamente, interregulando no signo em processo as fontes plenamente humanas lógico-analíticas, intuitivo-sintéticas e motor-operacionais. Nas estratégias de conhecimento (antes chamado quase hegemonicamente de *técnico* ou especializado), interagem os discursos das ciências, o discurso da arte, e o discurso da ação relacionadora na sociedade. Seria este um outro capítulo, mas o fato é que os universos da graduação e o da pós-graduação não estão dicotomizados.

Foi, porém, no contexto das Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social que nasceu a primeira iniciativa inter e transdisciplinar. Em 1990, um grupo de nove cientistas de áreas consagradas esteve reunido na Universidade de São Paulo e experimentou uma metodologia nova, ou seja, para além do confronto das especialidades e excelências particulares, transitar em um dia de debate da inter para a transdisciplinaridade. Aparentemente utopia, uma vez que o tempo exigido pela interface ou simples colagem de área a área era, por princípio,

absoluto. No entanto, a dinâmica comprovou que é possível encontrar desafios comuns entre Química e Sociologia, Física e Psicanálise, Lógica e Medicina. Os anais<sup>1</sup> deste primeiro encontro atestam as seguintes temáticas transdisciplinares:

- No bojo da crise dos paradigmas, as ciências exatas, biológicas e humanas podem partilhar uma reflexão epistemológica quanto a leis, modelos, rigor e controle da verdade científica;
- As ciências humanas que perseguiram o status positivista das exatas estão hoje se encontrando no mesmo impasse: tanto umas quanto outras revisam a noção de sujeito – objeto e se descobrem na noção sujeito – sujeito;
- A Psicologia e a Matemática, através de caminhos próprios desmontam o absolutismo da verdade racional e objetiva. A primeira no mergulho do inconsciente e a segunda pela compreensão das lógicas pára-consistentes;
- Todos os especialistas se unem na busca do novo pacto da Ciência que fatalmente passa por qualidade de vida e felicidade humanas e não exclusivamente por avanços tecnológicos e conforto material dos

---

1. MEDINA, Cremilda (Org.). Novo Pacto da Ciência, (1º Seminário Transdisciplinar, A Crise dos Paradigmas), São Paulo, ECA/USP, 1991.

que podem entrar na sociedade de consumo ou na sociedade pós-industrial, ou na era da informatização.

Este encontro ainda se fertilizou a posteriori, porque vários dos participantes incorporaram aos anais reflexões de autoria que aprofundam o potencial da discussão. Só para citar dois dos exemplos mais referidos pelos leitores: o sociólogo e odontólogo Milton Greco sublinha a importância da interdisciplinaridade e o neurologista Wilson Luiz Sanvito aborda, do ponto de vista de quem opera literalmente o cérebro, as camisas de força do pensamento que impedem uma compreensão mais complexa do sapiens sapiens. O grupo pioneiro encontra-se unido em torno do “novo pacto” e vem trabalhando junto.

**SEGUNDO ATO: viver na incerteza e no risco** — Em outubro de 1991, outra experiência veio enriquecer esta trajetória.

O espetáculo mais parecia um concerto de rock, o Teatro Coliseo, de Buenos Aires, lotado. Mil e trezentas pessoas se inscreveram, a peso de dólar, no encontro interdisciplinar internacional “Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade”, para ouvir, de 23 a 26 de outubro, conferencistas ilustres como o Prêmio Nobel Ilya Prigogine e Edgar Morin. O tema atraiu muitos brasileiros (quase metade da audiência) e o inusitado foi o fato de não se tratar de um espetáculo popular. Platéia e balcões tomados de um público disciplinado ouviu, durante quatro dias plenos, exposições sobre os impasses do conhecimento contemporâneo, bem como participou do reexame dos comportamentos individuais e sociais.

A entidade que organizou o encontro — a **Fundación Interfas**<sup>1</sup> — de Buenos Aires, iniciou sua atividade em 1985, dedicando-se à Terapia Familiar Sistêmica. Hoje promove cursos, eventos interdisciplinares e pesquisas com vínculos internacionais. Devido a esta origem, o público do Teatro Coliseo era maciçamente composto por psicólogos, terapeutas, psicana-

---

1. A **Fundación Interfas** tem sua sede em Buenos Aires, no seguinte endereço: Av. Figueroa Alcorta, 3085, 5<sup>o</sup> B, (1425) Buenos Aires, Argentina. A dra. Dora Fried Schnitmann é a diretora e o vice-diretor é o psicólogo Saúl Fuks.

listas, educadores. A temática interdisciplinar atraiu também alguns sociólogos e filósofos, sobretudo argentinos. Pensadores de ponta formavam o cast que desfilou no palco, na mesa de honra: W. Barnett Pearce, Sara Cobb, Evelyn Fox Keller, Ernst von Glasersfeld, Heinz von Foster, Harold Goolishian, Carlos Sluzki e Mark Wigley dos Estados Unidos; Ilya Prigogine e Mony Elkaim da Bélgica, Edgar Morin da França, Gianfranco Cecchin da Itália e José Jimenez da Espanha. Não se explicou por que a América Latina (aí incluído o Brasil, é claro) ficou ausente do cenário de honra. De qualquer maneira, entre os treze que brilharam no palco do Coliseu, com seus rostos projetados no telão, sua palavra traduzida simultaneamente para inglês, francês e espanhol, o público legitimou com palmas a excelência e o fascínio de Edgar Morin e Ilya Prigogine.

O Prêmio Nobel de Química nasceu em Moscou em 1917 e quatro anos depois a família saiu da Rússia e veio se instalar na Bélgica. Filho de um engenheiro químico, Prigogine se enamorou desde cedo da literatura e da filosofia, mas acabou por se dedicar às ciências exatas. Doutorando-se em 1945, já então denotava a originalidade científica que viria a culminar, em 1967, com a teoria das estruturas dissipativas. O desenvolvimento desta teoria lhe valeria o Nobel em 1977. Ilya Prigogine dirige hoje na Bélgica um instituto de pesquisa que, embora se demarque nas áreas de Física e Química, abrange especulações

nas ciências humanas. Ele costuma publicar em co-autoria e um de seus livros, a quatro mãos com a filósofa Isabelle Stengers, é um grande sucesso (*A Nova Aliança* foi publicado no Brasil).<sup>1</sup> Não é, pois, de se estranhar a presença de Prigogine no encontro de Humanas — o pensador decifrou, na Argentina, os atuais paradoxos sobre a questão do Tempo.

Para ele, cientista de laboratório, o Tempo não é uma ilusão. O construtivista Ernst von Glasersfeld, professor da Universidade de Massachusetts, só trabalha, por seu lado, com a noção de tempo construída pela racionalidade individual. A vantagem de Prigogine, diante de um grande auditório, é que da molécula ou da partícula à história humana ou cósmica, ele desmonta os conceitos tradicionais de tempo e repropõe novas noções com o aval da observação microscópica. Quando projetou um vídeo realizado a partir de um experimento com formigas, ou quando mostrou pelo computador fenômenos cerebrais, ou ainda quando descreveu matematicamente situações climáticas, o cientista comprova visualmente o rigor da pesquisa de que se vale.

O pensamento de Ilya Prigogine se recusa, porém, as simplificações mecanicistas das velhas ciências exatas. Na teoria das estruturas dissipativas, introduziu variáveis complexas e

---

1. PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1984.

paradoxais: o mundo não é feito só de estabilidade, de finalidade pré-determinada, equilíbrio e reversibilidade dos desequilíbrios ao equilíbrio original. Ao mostrar, em diferentes níveis da natureza — química, ecologia, climatologia, cosmologia — a instabilidade, o não-equilíbrio, as flutuações e a irreversibilidade. Prigogine e sua equipe de pesquisadores tornam transparentes as situações microscópicas e especulam com relativa segurança acerca das situações macroscópicas. Assim, do não equilíbrio constata-se o princípio da auto-organização, um processo que havia ficado por decifrar na Ciência até o século XX. A visão de mundo que daí provém aponta para a liberdade, para a criação, para o imprevisível.

Mony Elkaim, diretor do Instituto de Estudos da Família e dos Sistemas Humanos, de Bruxelas, também presidente da Associação Européia de Terapia Familiar, rendeu suas homenagens a Prigogine pelo tanto que ele fertiliza a compreensão dos fenômenos humanos. Não que o terapeuta copie, no sistema familiar, o “modelo” das estruturas dissipativas da química. No entanto, Ilya Prigogine alerta para a complexidade das situações de não-equilíbrio e as virtualidades auto-organizadoras num quadro natural de instabilidade, imprevisibilidade. Elkaim afirmou em Buenos Aires a principal inspiração das teorias de Prigogine : ele ilumina o princípio da liberdade.

Em conversa no hotel El Libertador, Prigogine insistiu em assinalar as especificidades das ciências e o rigor do laboratório. Mas nem por isso se tolhe ao fazer ilações entre a biologia e a filosofia ou a história humana. Gosta também de trazer exemplos da literatura ou da música para ilustrar hipóteses científicas que a intuição do artista traduz. Ele próprio, como criador, lança-se a hipóteses cósmicas como as que vem desenvolvendo com relação ao Tempo<sup>1</sup>, seu tema atual. “O papel criativo do tempo”, um capítulo do livro *O Nascimento do Tempo*, provoca no leitor a esperança, a energia ou fé na condição cósmica. E atenção: ele se nega terminantemente a figurar entre os místicos orientais. Ao entrevistá-lo, a norte-americana Renée Weber, em seu livro *Diálogos com cientistas e sábios*<sup>2</sup>, tentou de toda a forma alinhá-lo à cosmologia de gênese oriental e Prigogine, teimoso, reafirma o apoio fundamental de suas concepções — a observação em laboratório. Agora, em Buenos Aires, ao me referir a outro físico, Fritoj Capra<sup>3</sup>, como articulador das sabedorias orientais e ocidentais, Prigogine teve a mesma reação: não quer ser confundido com essa linha de pensamento.

- 
1. PRIGOGINE, Ilya. *El nacimiento del tiempo*. Barcelona, Tusquets Editores, 1991.
  2. WEBER, Renee. *Diálogos com cientistas e sábios, a busca da unidade*. São Paulo, Cultrix, 1988.
  3. Entre os vários livros de Fritjof Capra, a primeira parte de *O Iao da Física* (Cultrix, ) oferece ao leitor uma síntese dos caminhos do conhecimento no Ocidente e no Oriente.



A consciência do não-equilíbrio e da instabilidade recupera, na teoria de Ilya Prigogine, o sentido dinâmico do caos, da entropia. Não temos, a partir dele, o facilitismo das trajetórias, da simples linearidade dos acontecimentos ou os espaços rigorosamente contínuos em que ocorrem os fatos. Precisamos “complicar” esta compreensão bastante rudimentar tanto dos eventos materiais quanto dos eventos humanos. Em compensação, este novo paradigma que emerge da teoria das estruturas dissipativas, desloca a visão determinista do cosmos, uma visão que vai desaguar no apocalipse — ou seja, a origem do mundo na grande explosão e o fim do mundo na fatal degradação — para outra cosmovisão muito mais complexa. Se bem que a origem do universo ainda não esteja clara, o processo da vida é dinâmico e irreversível, o princípio de auto-organização em meio ao não equilíbrio nos desvenda um destino que não tem cartas marcadas.

Edgar Morin chegou a Buenos Aires no dia 24 de outubro, segundo momento do encontro “Novos Paradigmas”, gripado, com febre e afônico. Na realidade, ficou de molho no hotel praticamente os três dias restantes. Mas, num esforço de intelectual disciplinado, compareceu rigorosamente às duas conferências anunciadas no programa — “A Noção do Sujeito” e “Epistemologia da Complexidade: por uma reformulação do pensar”. O público respondeu, ao mesmo tempo, com respeito

e carinho a um pensador que, com mais de 70 anos, se fazia presente de forma carismática. Muitos definiram que ouvir Morin, para além do conteúdo filosófico, é um prazer estético até mesmo o construtivista Ernst von Glasersfeld, que discutiu agressivamente com seus parceiros, coroou Edgar Morin com o título de pensador multidimensional.

De fato, os debatedores não tinham como explorar ângulos a descoberto: Morin cerca tudo não apenas através das ciências exatas e biológicas como através das ciências sociais e humanas. E não fica aí: relaciona a abstração científica com a concretude cotidiana. Ao propor que, no fim do século XX, todos nós somos irreversivelmente planetários, descreveu seu acordar em Paris — “me levanto, tomo café brasileiro, ouço rádio japonês, ponho uma camisa de Hong Kong” — e por aí se foi. O que dá luz à exposição de Edgar Morin é a capacidade de cruzar informações, experiências, intuições poéticas e análises cartesianas. O que ele fala exala vida, sua racionalidade lógica se matiza pela voz polifônica, o gesto solto e o brilho das pupilas que exorbitam. Eis um ser ao mesmo tempo racional e visceral. Em meio à **epistemologia de complexidade**, interrompe a frase, tosse, pega um copo de água e se exclama no Coliseo: “Melhor seria se estivesse tomando um Cabernet”.

Embora as idéias que sistematiza não sejam de todo originais, já que ele é, antes de tudo, um grande divulgador das novas correntes de pensamento, é exímio em tornar possível a aceitação dos paradoxos na vida cotidiana. A eliminação do sujeito da História — questão dramática que nos atinge — Edgar Morin a sintetiza de forma precisa: no percurso ocidental do século XVIII à contemporaneidade, implantou-se uma esquizofrenia, ou seja, a disjunção do mundo dos objetos e o mundo dos sujeitos. Para a ciência hoje já denominada de tradicional, o sujeito é um ruído, diz Morin. As inúmeras decorrências desta situação vão da bomba de Hiroshima à supremacia da inteligência artificial. Para pensadores como Morin, trata-se de reverter esta esquizofrenia.

Em junho de 1990, reuni na Universidade de São Paulo um grupo de nove cientistas brasileiros para discutirem “A Crise dos Paradigmas.”<sup>1</sup> Milton Greco das áreas de sociologia e biomédicas, Luis W. Sanvito, neurologista, Newton Bernardes e Sílvio Salinas, físicos, Jair Minoru Abe, matemático, Atilio Vanin, químico, José Carlos Bruni, sociólogo, Walter Trinca, psicanalista e João Freyre Pereira da Psicologia Social debateram intensamente este tema levantado por Edgar Morin em

---

1. MEDINA, Cremilda (org.) *Novo Pacto da Ciência*. (1º Seminário Transdisciplinar, A Crise dos Paradigmas), São Paulo, ECA/USP, 1991.

Buenos Aires, em outubro de 1991. O psicanalista Walter Trinca publicou em seguida um livro muito original sobre a poluição de sujeito, um self tomado de objetos. Assim, além da disjunção do ser e o mundo das coisas, estas colonizaram a tal ponto o sujeito que ele vive coisificado. Já o físico Newton Bernardes alerta para outro flanco do problema: a própria linguagem que construímos reforça esta fragmentação entre sujeitos e sujeitos e objetos. Ela é feita de substantivos autônomos, apenas articulados (articulados?) por conjunções. Com seu humor brasileiro, Bernardes brinca com a representação de **ovo e galinha**. Para ele, esta realidade teria de ser resolvida na linguagem através de uma única palavra — **ovoegalinha**.

Para os impasses da disjunção, Edgar Morin anunciou, em Buenos Aires, a estratégia da **auto-eco-organização** (o que seria uma palavra única na perspectiva de Newton Bernardes). Ai estão contemplados os princípios da interação entre indivíduo e sociedade (eco: para ele, engloba ecobiologia, ecologia e ecocultura), da organização em meio à delapidação de energia, ou entropia (teoria das estruturas dissipativas para Prigogine). Morin não aceita como absoluta a construção do conhecimento no processo cognoscitivo individual e se posicionou agilmente em relação a seu debatedor construtivista para a relação do indivíduo com a sociedade e sua história genética e cultural, inventou a palavra **coo-construtivismo**. De forma densa elabora

a noção interativa das **auto-referências** e as **exo-referências**, para as quais se muniu de exemplos da imunologia . Por exemplo, a estratégia inteligente do vírus ao se fazer passar por um sujeito do sistema para entrar nesse meio exógeno.

Para Edgar Morin, a liberdade se inscreve na organização viva. A escolha parte de condições auto-referenciadas, mas são as condições externas que tornam possível o exercício da liberdade (Novamente o **ovoegalinha**). Nesse sentido, nós que vivemos a esquizofrenia do interior disjuntado do exterior, temos de resgatar a cadeia de interações, o diálogo entre os sujeitos ou a intersubjetividade. O que abala e muito a teoria clássica da objetividade, muito presente, por exemplo, no Jornalismo. O importante no pensamento de Morin é que sua **epistemologia da complexidade** não desvincula o pólo empírico das nossas vivências do pólo lógico-dedutivo de nossas formas de pensar. Ele advoga a **revolução paradigmática**, entendendo paradigma não só como a camisa de força das idéias que o configuram, como também os comportamentos que traduzem essas idéias, ou vice-versa.

Edgar Morin teve oportunidade de esmiuçar esta proposta filosófica e epistemológica em um encontro pioneiro organizado por cientistas portugueses na década de 80, fixado no livro “O Problema Epistemológico da Complexidade”<sup>1</sup>. Aí

cientistas de exatas e de humanas discutiram com alta sofisticação o texto apresentado por Morin em Lisboa. Ele se viu apertado, mas se saiu muito bem nas réplicas e tréplicas. Não foi o caso de Buenos Aires, onde reinou sem contestações. Morin também adequou o discurso a uma platéia extensa e heterogênea (conferências para mais de mil pessoas). Nesses termos, a revolução paradigmática de que falou na Argentina, quase dez anos depois do debate em Portugal, termina por recair no campo da política.

Quanto ao conhecimento físico, ele propõe a seguinte mudança de comportamento do cientista contemporâneo: em lugar de acreditar que escreve objetivamente o mundo, na realidade o conhecimento é uma permanente reconstrução em que o cientista interfere no objeto que tenta conhecer. Então se substitui a noção de objeto em si, por sistema, um sistema complexo e em dinâmica estruturação. Morin convive com os paradoxos — como separar sujeito de objeto? “Nós vivemos da morte e morremos de vida”. Arrebatou os corações no Teatro Coliseo quando definiu a vida como uma luta contra a morte e a morte como um cansaço dessa luta.

O conhecimento sobre o homem deve partir, segundo Edgar Morin, da compreensão multidimensional. Como separar na natureza humana o *homo sapiens* do *homo demiens*? Como

separar na natureza humana, a parte do todo, o todo da parte? Como separar o indivíduo da sociedade, ou o geral do particular? O pensador francês me disse, em uma entrevista publicada no **Jornal O Estado de São Paulo, em 1980**, que quem quiser entender o século XX a partir do olhar do século XXI, terá de recorrer ao romance e não às obras de ciências sociais. Agora, em Buenos Aires, reafirmou esta virtude da sabedoria artística. Para ele, “a superioridade da literatura sobre as ciências sociais se deve a que estas eliminaram a singularidade, o indivíduo, a situação concreta do cotidiano”.

É neste quadro que se escrevem os dilemas da política do mundo atual. A revolução paradigmática se esboça, em Morin, na mudança de **programa** por **estratégia**. E ele, que gosta muito de futebol, cita um jogo para ilustrar a situação — em nada vale um programa tático pré-estabelecido se os jogadores não construírem uma estratégia no campo, estratégia essa que se sustenta sobretudo dos erros do adversário. O programa é determinista, encara o objeto (o grupo, a sociedade) como racionalmente controlável, a estratégia é plástica, processual, indeterminista, vale dizer probabilística, nasce da interação dos sujeitos, por isso constrói e desconstrói o jogo. Ao deslocar a política para a interação social, Edgar Morin denuncia a falência dos grandes programas de que o século XX foi cobaia, sempre totalizantes e totalizadores e que expulsaram os sujeitos-indiví-

duos do cenário da experimentação programática. Nos novos cenários, a exemplo da Europa neste momento, a política e a arte de pensar/agir na incerteza e não mais a execução de um projeto informado pelas certezas. Participar ativamente dos novos paradigmas é, pois, viver na incerteza e no risco.

Às 19:00 horas do dia 26 de outubro de 1991, um sábado de sol em Buenos Aires, o Teatro Coliseo viveu, no encerramento do encontro “Novos Paradigmas”, um desses momentos em que a Ciência e a Arte se sintonizam com a Vida. Edgar Morin, o último a falar, legou as incertezas à platéia, sobretudo as incertezas do conhecimento humano. Apelou para a metáfora de Jules Michelet: imagine-se duas baleias tentando se acasalar no mar, na vertical. Elas pulam, pulam e pulam inúmeras vezes, quase desistem, até que, num momento único de felicidade, finalmente se encontram. Está aí definido o desafio da Ciência. Surge então uma pianista e começa a tocar um noturno no mesmo palco em que doze cientistas comungam o ato final, projetado no telão. Pouco a pouco afluem de vários pontos do teatro pessoas em trajes comuns: ouve-se um clarinete, um bailarino segue pelo corredor central do teatro, a música se altera, evolui para uma área de ópera, a cantora lírica aparece não se sabe de onde, pandeiros marcam o ritmo e convocam as palmas de mil e trezentas pessoas. Daí a pouco todos dançam, cientistas e contidos ouvintes. As baleias se acasalam.



**TERCEIRO ATO: da força do inconsciente** — Em agosto de 1992, o segundo encontro inter e transdisciplinar decorre do Projeto de Pesquisa Integrado — *O Discurso Fragmentalista de Ciência e a Crise dos Paradigmas* — junto ao CNPq. Apresentado em fins de 1991, foi aprovado em maio de 1991, mas apenas parcialmente, uma vez que o CNPq concedeu duas bolsas de pesquisa — a coordenação do projeto, ocupada por Milton Greco e Cremilda Medina — duas bolsas de recém-doutores, uma bolsa de aperfeiçoamento, três de iniciação científica e uma de apoio técnico, mas não liberou ainda as verbas de custeio que subsidiariam material de pesquisa e dois veículos de difusão. Apesar das circunstâncias adversas, a equipe está desenvolvendo um trabalho de interação entre cientistas, levantando uma listagem nacional e internacional, resenhando bibliografia e entrevistando pesquisadores e pessoas sensíveis à proposta emergente inter e transdisciplinar.

Nesse contexto, realizou-se o segundo seminário na Universidade de São Francisco, em São Paulo, que incorporou às presenças já consagradas dos cientistas, a contribuição de um artista e de um teólogo. Justamente estas duas intervenções marcaram um certo avanço na quebra da hierarquia do conhecimento, em direção a pluralidade dos saberes que Boaventura de Souza Santos postula no seu livro *Introdução à Ciência Pós-Moderna* (Rio, Graal, 1980). Mantendo a dinâmica de uma

jornada intensiva de discussão e um pequeno grupo de convidados para dar rendimento aos trabalhos, o quadro de especialidades e pluralidades foi assim composto:

Maria Lúcia Santaella, semiótica da PUC, São Paulo

Aflio Vanin, químico da USP

Marly Salanowski, socióloga da educação, Sociologia e Política de São Paulo e Universidade de São Francisco

Alberto Moreira, teólogo, ligado à Pastoral da Terra (Mato Grosso)

Juan Carlos Ayala, neurocirurgião do interior do Estado de São Paulo, Catanduva

Sinval Medina, escritor

Hannelore Fucks, veterinária da USP

José Carvalheiro, epidemiologista da Medicina da USP

Eduardo Andrès Vyzer, sociólogo da Universidade de Buenos Aires

Aldo Barbosa, fisiologista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Margarida Barbosa, administradora e economista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Fernando Durval, economista da Universidade de São Francisco e da Universidade de São Paulo.

O seminário, coordenado pela equipe do projeto **O Discurso Fragmentalista da Ciência**, fluiu em duas etapas: no primeiro momento, cada área e cada especialista deu seu testemunho quanto aos impasses da fragmentação e, num segundo momento, o mais prolongado, processou-se a interação transdisciplinar.

Na ordem das apresentações, o escritor Sinval Medina desmontou, na própria trajetória da sua consciência de

ofício de escritor as mutações da mentalidade artística. Atestou que, nos anos 60, quando começa a atuar na literatura, ainda no Rio Grande do Sul, concebia a arte como um braço das mudanças sociais, ou seja, as idéias puramente estéticas se subordinavam à utilidade revolucionária. Sinval Medina pensava seu fazer como um compromisso social que racionalmente tinha de ser domado. Já numa etapa posterior, por volta dos anos 70, se propunha exercer a literatura como uma forma de conhecimento do real, uma forma de iluminar o desconhecido, seguindo a perspectiva cognoscitiva de Sartre. Atualmente, embora não rejeite as obras das etapas antecedentes, cria, liberto destas amarras, porque compreendeu que a ficção mobiliza e sempre mobilizou a fantasia, o sonho, as energias indomáveis do inconsciente. Se antes procurava, através da criação simbólica, os veículos com a realidade, hoje se entrega à realidade das ilusões.

Alberto Moreira, teólogo, enalteceu o assento que lhe coube num debate de cientistas, já que a ciência moderna se construiu tendo por inimiga a teologia. Na Crise de Paradigmas, de repente se resgata a "experiência da fé balbuciada" que não faz parte do catálogo de verdades, mas "a articulação de uma fala, a do sentido último das coisas". Falar de um particular que pode ser universalizado é, para Alberto Moreira, encontrar a radicalidade da humanidade no ser. A Teologia pode oferecer um caminho, não uma doutrina, conforme as instituições reli-

giosas dogmáticas. Um caminho altamente interrogativo e não afirmativo. Até que ponto determinado sentido dessa radicalidade, como o cristão, pode dialogar com a oferta de outros sentidos? Como manter a promessa de universalização de um sentido e até que ponto convém uma única universalização? Alberto Moreira, na reflexão crítica do próprio saber teológico, insiste não na excelência da construção desse saber, mas na trajetória do aprender.

Maria Lúcia Santaella, trabalhando no âmbito da Semiótica, está impregnada pela experiência de cruzamentos não só das ciências do saber explícito como das que lidam como o saber implícito como a Psicanálise. Vale-se do pensamento de Edgar Morin para sublinhar a guerrilha contra a especialização compartimentada. Como estudiosa do grande e ainda inexplorado legado de Pierce, detecta inúmeras barreiras no conhecimento contemporâneo. Como superar, por exemplo, as distâncias desconfiadas dos cientistas, como interregular as incoerências crônicas, como evitar as armadilhas dos dualismos? Ao que tudo indica, não se avançou para o pensamento complexo, as visões de mundo estão encarceradas nas dicotomias.

Para Atílio Vanin, especialista (químico) em “ciências inumanas”, há questões muito sérias para levantar. O progresso da Ciência em relação à humanidade apresenta conquistas indis-

cutíveis, mas a comunicação entre o cientista e o grande público é um desastre. Ele defende um trabalho duro para reverter esta situação estancada entre o Olimpo da Ciência e o sujeito desta Ciência. Já no âmbito especializado das exatas, Vanin levanta a outra face dos caminhos da experimentação. Se por um lado o rigor científico tradicional é indispensável para tentar o que ainda não foi tentado, temos de entender que o acaso, o *insight*, o ato criador vem ao encontro da experiência. Ele lembra Pasteur: “O acaso só favorece a mente preparada” — como formulação muito lúcida da interação entre racionalidade e intuição.

Marly Solanowski advoga para a Educação uma responsabilidade fundamental no sentido de se reverter o paradigma reducionista e dicotômico a que Lúcia Santaella se referiu. Insiste na formação do educador para nos tornarmos aptos a lidar com o mundo e com o conhecimento não de forma dicotômica, mas pluralista, não de forma fragmentadora, mas holonômica, interativa. Mas para implementar qualquer estratégia nesse sentido se encontra uma grande dificuldade, ou seja, é preciso tocar fundo no humano. A mudança de cosmovisão implica em profundas resistências. Como educadora, tem lidado com as contribuições das neurociências, a dialógica do pensar/sentir de Edgar Morin e incorporando o lado motor-operacional da contribuição de Waldemar de Gregori. A grande tarefa é conjuntar o que está disjunto e, para isso, reaprender a aprender.

Para um neurocirurgião que também segue a mesma linha de Marly Solanowski, a da Cibernética Social, as barreiras são imensas dentro do paradigma médico convencional. Juan Carlos Ayala se sente esmagado por um acervo — o médico — que muito pouco oferece de boas notícias para o bem-estar da humanidade. A ciência médica está cada vez mais nas mãos das estruturas de poder e os interesses se sobrepõem às necessidades coletivas.

Enfatizando o discurso crítico da Medicina, a veterinária Hannelore Fucks relatou sua caminhada: veio de um aprendizado classificatório da história natural, se formou na medicina veterinária dentro da onipotência funcionalista, caiu, por força de trabalho em um zoológico, no comportamento animal, especializou-se em clínica veterinária e descobriu, na clínica, que lidava com saúde mental, sociedade, emoções. Hoje, liberta do funcionalismo, trabalha, estuda, as relações complexas, triádicas, que remetem o veterinário para o universo emocional (não contemplado pela medicina) do bicho-homem-sociedade-natureza.

Ainda na linguagem dos médicos, muito atuante neste seminário, José Carvalheiro, epidemiologista, também se valeu de sua biografia: da gênese em parasitologia básica à transição para o caráter coletivo da doença e da saúde. Uma disciplina como a epidemiologia, que data só dos anos 20, não tem ainda hoje força para ultrapassar o paradigma clínico da doença indi-

vidual. Fica muito complicado definir o coletivo dentro de uma tradição de dados individuais. Aldo Barbosa, fisiologista, reforça este impasse, uma vez que a fisiologia ainda não se libertou da especificidade para incorporar da revolução biológica contemporânea, o holismo.

Eduardo Andrés Vyzer, sociólogo que criou a Escola de Comunicação Social da Universidade de Buenos Aires, fez presente a voz das mediações interdisciplinares. Sua análise aponta para um percurso que estamos todos trilhando. Da fragmentação e dos conflitos de pontos de vista vamos descobrindo os espaços de confluência e isso nos obriga a valorizar uma linguagem que ajude a cultura compartilhada. É preciso considerar que a especialização está confirmada pela eficiência e pelos resultados, é um ponto sem retorno. Nos espaços de confluência, porém, avançamos de uma linguagem artificial e formal para a conquista de uma linguagem natural. Para ele, este seminário revela essa possibilidade.

Na experiência de mercado, dos chamados resultados que a Ciência da Administração exhibe, Margarida Barbosa denuncia uma crise profunda: a ausência do humano. A tradição funcionalista está hoje sacudida por um verdadeiro terremoto, pois sabe-se que o imaginário, a emoção, a intuição vai colada ao indivíduo para dentro da organização. Os

administradores, assim como os economistas, encontram-se confrontados com este processo que não cabe nos velhos paradigmas do produtivismo controlado por leis e normas. Para Fernando Duval, economista, esta é a área de saber mais traumatizada. Os paradigmas macro-econômicos, onde a intervenção do Estado era chave, bem como os paradigmas da economia só social, com seus modelos matemáticos, em que variáveis psicológicas não contavam, encontram-se em estado de falência. Economistas ingleses nos anos 70 e economistas norte-americanos dos anos 80 parecem inquietos com as tradicionais explicações, começam a estudar variáveis culturais que antes não constituíam referência para o economicismo.

O debate intensivo entre estes diferentes saberes aflorou o chamado espaço de confluência. As questões médicas se expandiram, uma vez que cinco profissionais da área reforçaram a saúde humana e a doença coletiva na perspectiva ética. Também a inflação e a tragédia atual da sociedade brasileira deram à visão do economista um certo destaque, já que dentro do capitalismo nunca se conheceu a ética. A própria concepção de tempo — dias úteis e dias inúteis — atesta, no produtivismo capitalista, a fragmentação da consciência e a desumanização do ser.

A dimensão humana perdida por esta fragmentação foi o tema nuclear que uniu cientistas, artistas e filósofos ou teólo-



gos. Santaella lembrou que Marx com a dimensão da ação, Nietzsche com a dimensão da vontade e Freud com a dimensão do desejo, nos propõem, os três juntos, um humano mais pleno. O que para o teólogo Alberto Moreira passa pela experiência da generosidade, contrária ao dogmatismo. Para Sinval Medina, essa experiência transcende o horizonte da racionalidade científica. Parece, para todos, que a busca das relações, ao contrário do fragmentalismo especializado, envolve uma quebra de concepção de mundo, de metodologias e técnicas de especialização. O médico Juan Carlos Ayala exemplifica nos cursos de Medicina: haveria a necessidade de percorrer os caminhos da vida, com formação abrangente filosófica e psicológica, e os caminhos da especialização frente à doença viriam posteriormente. Mas José Carvalheiro, massacrado na área de Medicina preventiva, sente-se diante de uma ficção. Atilio Vanin, químico, endossa o ponto de vista realista de Carvalheiro, já que o conhecimento especializado é inevitável.

Neste impasse entre fragmentação e complexidade inclusivista, as esperanças ficam por conta da engenharia genética, biologia molecular, ciências ambientais que já assinalam a urgência interdisciplinar. Os impasses de excelência do saber específico cessam, no entanto, quando a Ciência, tecnologias e técnicas são iluminadas pela moral e pela ética. A corda morde o rabo. A consciência dos limites epistemológicos se referencia na felicidade e dignidade humanas.

Nesta oficina de desconstrução do conhecimento, Marly Solanowski defende o discurso explícito das referências paradigmáticas de cada um. Por outro lado, como prática fundamental, os cientistas educados na herança do século XIX (positivista ou racionalista) devem incorporar o imaginário (o dionisíaco, segundo o físico Newton Bernardes) à sua leitura de mundo. Pela afetividade, descobriremos a linguagem da convivência, diz o teólogo Alberto Moreira. Convivência essa que nos leva a viver a crise dos paradigmas junto ao homem das ruas, acrescenta Sinval Medina, para quem essa crise não é privilégio da Ciência.

**QUARTO ATO: núcleo temático** — Em setembro de 1992, fui chamado a prestar um assessoramento ao Núcleo da Seca da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Alguns membros do núcleo já conheciam a publicação *Novo Pacto da Ciência* e, por esse motivo, queriam experimentar um encontro inter e transdisciplinar.

O projeto de trabalho que se segue foi organizado a partir de dinâmicas interativas entre o grupo interdisciplinar do **Núcleo da Seca** e a assessora da USP, cuja experiência especializada provém da área de Comunicação Social e coordena, neste momento, o projeto integrado de pesquisa *O Discurso Fragmentalista da Ciência — a Crise dos Paradigmas*, junto ao CNPq.

Dia 9 de setembro 8:30 às 12:00 horas: Apresentação dos participantes que compõem um grupo interdisciplinar.

**Tereza Queiroz Aranha**, assistente social e coordenadora da área de documentação do Núcleo da Seca (RN)

**Cremilda Medina**, pesquisadora da USP

**Raimunda de Almeida Gonçalves**, bióloga

**Rildeci Medeiros**, documentalista

**Rosinês Teixeira**, economista

**Clotilde Tavares**, médica

**Miriam Pinheiro**, comunicóloga

**Norma Felicidade**, documentalista

**Rejane Pinheiro da Silva**, assistente social

**Renata Passos Carvalho**, documentalista

**Rilda Chacon Martins**, documentalista

**Ana Amélia Fernandes**, socióloga

**Raul Geraldo Hererbes**, economista

**Maria da Conceição Moura**, antropóloga

**Vani Pereira Teixeira**, antropóloga

**Jair Nascimento de Carvalho**, funcionário junto ao Núcleo

Da oficina da manhã do dia 9 de setembro, a assessora extraiu uma proposta de trabalho transdisciplinar. Os seguintes temas emergiram da multiplicidade de abordagens justapostas:

1. O significado das políticas micro-econômicas em relação à hegemonia dos programas macro-econômicos;

2. A importância das estratégias temáticas em lugar das metodologias convencionais;
3. A complexidade intercausal de qualquer processo como desafio de uma compreensão muito viciada na explicação causa e efeito;
4. A substituição das hierarquias do conhecimento pela dialógica dos saberes;
5. A valorização do sujeito de pesquisa e o sujeito pesquisador, ou o discurso das inter-subjetividades, em lugar da ditadura do objeto e da objetividade;
6. O estudo das concepções plurais de tempo em relação a herança difusionista do tempo histórico do progresso.

Com relação aos principais significados para a comunicação dos resultados de pesquisa, a assessora elegeu os seguintes:

1. A importância da humanização dos sujeitos pesquisados através da história de vida;
2. A perspectiva histórica e a circularidade da saga dos atores sociais na dimensão do cotidiano;
3. A fertilidade das contribuições interdisciplinares em torno de temas comuns;
4. A pesquisa junto à memória local dos significados e críticas dos projetos oficiais (em particular, as **soluções hidráulicas**);
5. Prognósticos para além dos diagnósticos que resultem da dialógica dos saberes.

Foram também discutidas quatro grandes famílias de estratégias, no plano hipotético da oficina inter e transdisciplinar:

1. Estratégia de construção do discurso nas comunidades afetadas;
2. Estratégia de comunicação junto aos meios governamentais e estruturas de poder;
3. Estratégias de comunicação de massa;
4. Estratégias de interação e difusão junto à Academia.

Ficou acertado nesta primeira manhã, o projeto das seguintes sessões de acordo com as quatro estratégias antes enumeradas.

Dia 9 de setembro  
14:30 às 18:00 h:

Acertou-se, em grupo, montar um piloto estratégico junto a uma das comunidades afetadas pela seca, cujo tema seria — **a idéia de progresso**. Para tanto foram debatidas as seguintes estratégias:

- Após o trabalho de interação entre pesquisa coordenada pelos pesquisadores e a construção da empatia dialógica, colher depoimentos livres, histórias da comunidade, os “causos”. Neste contexto, salienta-se a liderança do grupo e os pesquisadores ficam sabendo quais as formas de poder local.
- A discussão, o bate-papo avançará do grupo formal dos líderes para os depoimentos e histórias de vida dos “rebel-des”, dos tímidos, dos coadjuvantes. Destes contatos iniciais é possível esboçar **o que progrediu na vida das personagens**.
- Avança-se então para um mapeamento mais minucioso, em que técnicas interativas como entrevistas, foto e vídeo nas mãos dos próprios sujeitos pesquisados trazem subsídios muito significativos.
- A leitura dos resultados parciais — tanto histórias de vida, quanto foto-reporthagem e vídeo-documento (estes de autoria dos pesquisados) — deverá ser em grupo e em sessões coletivas.

- Só então se prepara a narrativa final quanto aos significados da idéia de progresso. O estilo ensaístico sintético oferece mais possibilidades do que o estilo analítico, descritivo e partitivo de um relatório de pesquisa.

Este exercício temático, eleito pelo grupo, pode orientar outras estratégias de pesquisas, no sentido de reverter o autoritarismo do saber especializado dos técnicos em relação ao saber local.



Dia 10 de setembro 8:30 às 12:00 horas: A desmontagem da idéia de progresso foi encenada nesta oficina, levando as noções da comunicação às fontes oficiais. Discutiram-se as seguintes estratégias:

- Ação junto ao governo (Executivo):
  1. Preparação de um papel motivador reunindo a pluralidade de noções de progresso colhidas na comunidade;
  2. Organização de um seminário no município da região da seca em que as lideranças locais e as governamentais se confrontam;
  3. Seminário técnico na Academia para culminar as mediações entre o saber local, o oficial e o científico.
  4. Redação de um documento de compromisso em que todas as partes envolvidas se questionam.
- Ação junto aos partidos políticos (Legislativo):
  1. O documento acima citado serve de *paper* motivador.
  2. Seminário inter-partidário, com a presença das lideranças e organizações locais, no âmbito estadual.
  3. Documento político transpartidário — o progresso e a seca. Estaria a solução hidráulica superada?

- Ação junto às instâncias jurídicas  
Dentro da concepção contemporânea de que o Judiciário se descentraliza cada vez mais do Estado, torna-se oportuno lançar uma experiência pioneira — a da oficina jurídica. Enquanto estratégias, propõem-se as seguintes:
  1. Iniciar por uma oficina jurídica dentro do Núcleo para os pesquisadores, provocando a aproximação do Direito com as demais áreas. Neste sentido, os especialistas sugeridos provêm tanto da Universidade, quanto do Incra, quanto da OAB.
  2. A partir da experiência do Núcleo, se implantaria uma oficina jurídica experimental na própria comunidade, fora do âmbito oficial do Judiciário. (Poderia ser numa organização sindical, na Igreja ou em outro espaço social).
  3. O acompanhamento desta experiência se fixaria em um documento científico que pluralizaria as regulações sociais, concepção que Boaventura Souza dos Santos tão bem desenvolve em *O Estado e o Direito na Transição Pós-Moderna: para um Novo Senso Comum* (revista **Humanidades**, vol. 7 n<sup>o</sup> 3 1991: 262-282).

- Ação junto a agências financeiras  
A assessora sugeriu uma estratégia junto ao Banco do Nordeste (BNB), com as seguintes abordagens:
  1. Documento-base que sintetize todos os percursos antes desenvolvidos;
  2. Seminário de técnicos do BNB e pesquisadores na Universidade Federal do Rio Grande do Norte;
  3. Apresentação de projetos sub-temáticos para análise do agenciamento;
  4. Material de divulgação, Universidade-setores privados da sociedade, no caso, o BNB.

Discutiram-se duas grandes ênfases estratégicas para os projetos que seriam submetidos à agência financeira:

- Por um lado projetos abrigados no discurso ambientalista. Todo o impacto ambiental do desmatamento da carnaúba, por exemplo.
- Por outro lado, a revisão econômica e social da política de irrigações.

Dia 10 de setembro 14:30 às 18:00 h: As estratégias junto aos meios de comunicação contemplam as seguintes áreas:

- O Núcleo da Seca se constitui pioneiramente em um centro de documentação e como tal pode oferecer aos jornalistas locais, nacionais e internacionais fontes de consulta. Por isso, precisa criar um veículo de informação para que os meios de comunicação saibam do acervo (um pequeno boletim).
- O Núcleo pode gerar pautas e através de uma rede de contatos diretos, oferecer subsídios para que os jornalistas cubram determinados temas e projetos em processo;
- Esta vocação pode dar origem a um **banco de dados**, informatizado, sobre a seca.
- Toda a programação de seminários de pesquisa deve envolver jornalistas, quanto à participação e quanto à cobertura.
- O Núcleo pode conquistar reportagens especiais em espaços, por exemplo, como o do Globo Repórter ou Globo Rural.
- O Núcleo pode criar uma série de livro-reportagem.

Como o Núcleo da Seca tem um forte acervo de documentação, os especialistas da área discutem muito a exploração dessas informações de jornal, do ponto de vista de análise de conteúdo. Quanto às técnicas de documentação, a assessora

deixou de lado, uma vez que estava programada outra oficina com o Prof. Dr. Luis Milanesi (USP), desta área. O que a assessora sugeriu foi a não utilização das categorizações tradicionais dos gêneros jornalísticos, mas o mapeamento temático. A questão do progresso, mais uma vez poderia servir de exercício para um inventário de temas e subtemas cruzados.

Dia 11 de setembro 08:00 às 12:00 h: Interessou sobremaneira ao grupo de trabalho um exercício estilístico de redação comunicativa, aplicável a qualquer material de divulgação. Como coordeno o projeto Linguagem Dialógica na Universidade de São Paulo (curso de Jornalismo), apresentei uma sugestão que reverte o texto descritivo, árido, partitivo, analítico e conceitual pelo texto que valoriza, em primeiro plano, a humanização e dramatização das situações que desencadeiam um relato informativo.

Realizou-se então um exercício estilístico, utilizando um folheto de divulgação do Núcleo, já impresso. O texto essencialmente conceitual, descritivo, enumerativo, ou seja, exclusivamente lógico-analítico, foi desmontado e tentou-se uma reconstrução com a seguinte estrutura:

1. Abertura através de uma história humana, particularizante, cujo personagem é um dos sujeitos envolvidos pela situação tratada.
2. A história humana é remetida para um contexto social, a situação mais coletivizante, mas captando nesse contexto a ação dramática dos sujeitos locais, uma espécie de saga do anti-herói que releva os traços ativos da sobrevivência, da resistência, do sonho, da aventura.

3. Só no fundo, no suporte da narrativa dramática, afloram dados macro-sociológicos, conceitos especializados, formulações conjuntas dos técnicos.

Este exercício motivou experiências individuais no grupo, uma delas foi encenada à tarde, através das virtudes de atriz da dra. Clotilde, médica. Ficou clara a força da dramatização no texto de comunicação social, pois a “atriz” interpretou, ao mesmo tempo, o texto árido do folheto e o exercício de Rildecí que atendia aos três quesitos acima propostos. O grupo memorizou as informações do texto de Rildecí e quase não fixou os dados do folheto original.

Esta experiência sugere uma oficina de redação que oportunamente pode ser desenvolvida no Núcleo da Seca, em articulação com os dois outros núcleos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Como tema específico desta manhã trabalhou-se nas estratégias de comunicação junto à comunidade acadêmica. Reforçou-se a importância de considerar o todo da comunidade, o que envolve professores, estudantes e funcionários, as três dimensões da Universidade — ensino, pesquisa e extensão, — além das divisões consagradas — graduação, pós-graduação.

Para planejar estratégias de comunicação, convém concentrar a ação em temáticas e subtemáticas para marcar a personalidade do Núcleo. A concepção contemporânea de multimídia também precisa estar presente nos veículos de comunicação. Assim:

1. Uma política de publicações (livros, folhetos) deve ser reforçada com um boletim informativo, com um acervo de fitas e vídeos;
2. Um *newsletter* para a Reitoria deve ser reforçado junto à Assessoria de Imprensa da Reitoria (é importante salientar a lei da periodicidade, ou seja, dar absoluta regularidade ao veículo semanal ou quinzenal ou mensal ou bimestral).
3. A documentação reunida no Núcleo é viva. Comentou-se a necessidade de criar um horário específico para consultas e consagrá-lo na comunidade com um boletim (de uma página) regular.
4. O Núcleo oferecerá aos professores material de aula, informações impressas (xerox) ou fitas e vídeos.



5. O Núcleo, como um centro de vivência inter e transdisciplinar oferecerá encontros, seminários e oficinas abertas à comunidade universitária e às comunidades externas. Vídeos e publicações que registram esses eventos serão necessários dentro dos contextos de multimídia.
6. O Núcleo também poderá tomar a iniciativa de oferecer cursos dentro do espírito da pluralidade dos saberes, rompendo com a hierarquia clássica da Ciência positivista.

Dia 11 de setembro 14:00 às 17:00 h: O último encontro foi reservado para uma sessão de vídeos — os do Núcleo e um da produtora de Teresina, Flagra, sobre o Delta do Parnaíba, do biólogo e comunicador Alcide Filho, piauiense.

A dramatização de textos, já citada, compôs as atividades de encerramento que culminaram com uma avaliação do grupo sobre conteúdos e dinâmica desenvolvidos.

Esta experiência veio comprovar, de forma empática e consistente, as grandes possibilidades das mediações científicas na direção da transdisciplinaridade. Ao longo destas intensas sessões processou-se um laboratório que da interdisciplinaridade atingiu interrogantes comuns supra-especialidades. Do ponto de vista da pesquisadora-animadora, que vem acompanhando tais experimentos, a Universidade do Rio Grande do Norte ofereceu uma oportunidade tão exemplar quanto desafiadora.

**EPÍLOGO PROVISÓRIO** — Estamos em outubro de 1992 e o horizonte dos encontros e espaços de confluência se multiplicam assustadoramente. A ousadia dos primeiros passos, a insegurança e os medos vão encontrando forças na multiplicação dos peixes. O desafio é coletivo, portanto, plural. Não se eliminam nunca as singularidades seja do conhecimento especializado, seja da sabedoria meta-física, seja da criação artística. Mas cada vez mais se amplia a construção da linguagem da convivência, sem a utopia do desarmamento, mas no exercício da interregulagem das divergências.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no dia 24 de outubro, será um espaço vivo dos “Impasses do Discurso Científico” e a Universidade de São Francisco recebe um novo encontro com participação de cientistas da Unicamp que farão o confronto entre Física Quântica e Sociologia, no dia 16 de outubro. Quem poderia imaginar, naquele tímido seminário de 1990 que, em tão pouco tempo, sabedorias tão diversificadas partilhariam de um **banquete** de idéias, emoções e estratégias, inteiramente despojadas de recursos financeiros?

## *Arrumação da casa*

**E**m 1990 e 1991, o Departamento de Jornalismo e Edição fez um esforço coletivo para se reestruturar. Sempre estive disponível para as coordenações e dinâmicas de grupo. Essa tem sido, aliás, a tônica de minha movimentação social.

Concebo também que a energia do processo é o conflito. Entre atores que exercem o **papel de poder** e atores que exercem o **papel de oposição**, encontram-se os **oscilantes** que estimulam a dinâmica ora da composição com o subgrupo oficial ora com o subgrupo da oposição. Neste complicado processo trabalhamos intensivamente durante meses, atingindo um quorum surpreendente. Durante uma semana suspendemos as aulas e os estudantes também aderiram à profunda avaliação do CJE. Ao que tudo indica resgataram-se linhas filosóficas ancestrais do curso de Jornalismo que pendem para a formação ética e humanística. Ao mesmo tempo, os laboratórios ocupam pedagogicamente, o espaço de aperfeiçoamento do curso conjugado com o projeto de pesquisa que abre perspectivas de uma nova

linguagem jornalística. Formou-se também um consenso quanto à mobilidade dos alunos do departamento nas demais unidades da USP, optando por complementações especializadas, com a ajuda de um professor orientador.

Dessa oficina resultou um currículo de graduação experimental, bem como a criação de um pós-graduação específico em Jornalismo. Essa foi uma boa oportunidade para traçar uma política de pesquisa integrada. Pela primeira vez, o departamento implantou um projeto coletivo que pretende analisar — **50 anos de Jornalismo no Brasil**.

De acordo com o perfil de pesquisa que venho desenvolvendo desde o final da década de 60, delineei um plano com forte acento epistemológico, sintonizado com as linhas de estudo e atuação do presente momento na Universidade.

Uma das linhas e trabalhos dos pesquisadores contemporâneos incide na desconstrução do conhecimento, a fim de detectar os influxos teóricos que **in-formam** o repertório acumulado e verificável tanto nas tendências de mentalidade quanto nas divisões da bibliografia. O conhecimento do conhecimento se faz necessário na medida em que vivemos a crise de paradigmas e as demandas contemporâneas exigem novas respostas, novos instrumentos de intervenção no mundo, novas noções para lidar com o conhecimento, no caso, o conhecimento da atualidade.

Venho atuando nesta frente na Escola de Comunicações e Artes, tanto na recomposição da bibliografia do corte específico (Jornalismo), quanto no âmbito das teorias que alimentam o corpus de conhecimento da Comunicação Social, bem como, nos últimos anos, percorrendo os impasses epistemológicos de outras áreas de saber, das Ciências Exatas e Biológicas às Humanas. Neste sentido, está em andamento um projeto de pesquisa que pretende mediar os discursos críticos da Crise dos Paradigmas no âmbito inter e transdisciplinar, através de eventos à semelhança do organizado em 1990 (fixado nos anais intitulados *Novo Pacto da Ciência — A Crise dos Paradigmas*, 1<sup>o</sup> seminário transdisciplinar, ECA/USP, 1991). É, pois, muito oportuna uma revisão crítica dos próprios paradigmas que incidem no Jornalismo.

Apesar dos esforços históricos e analíticos da bibliografia já acumulada no Brasil, julgamos ainda pouco sistematizada a reflexão epistemológica no Jornalismo. Para tanto seriam esboçadas as principais tendências nos últimos 50 anos.

Os objetivos desta pesquisa podem assim ser esquematizados:

1. Mapear, na bibliografia, os principais influxos ou de pensamento que norteiam a produção e científica. Podem-se apontar os seguintes influxos: funcionalismo, sociologia crítica, com for-

te aporte da teoria marxista, linguística e semiologia, filosofia e ciências jurídicas no que tange à ética, teoria histórica.

2. Mapear, através de depoimentos, as correntes de pensamento presentes nas mentalidades das diferentes gerações de jornalistas que exerceram e exercem a profissão nos últimos 50 anos.
3. Realizar a leitura crítica dos postulados que regem os diferentes manuais de redação em vigor nos últimos 50 anos e relacioná-los tanto com os itens anteriores quanto com a estrutura de poder.
4. Aprender tendências críticas que apontem para mudanças na cristalização da gramática do Jornalismo.

O projeto contemplará três flancos, enquanto Metodologia de trabalho:

- a. Método bibliográfico;
- b. Análise das gramáticas (manuais) cruzadas com estruturas empresariais de poder;
- c. Coleta de depoimentos de diferentes gerações nas diversificadas áreas de atuação do discurso da atualidade.

É preferível não fragmentar os três flancos acima citados ao longo do tempo em que a pesquisa se realizará. O cronograma liderá com temáticas (influxos teóricos) que serão trabalhadas metodologicamente ao mesmo tempo com biblio-

grafia, gramáticas e estruturas de poder e depoimentos. Esse procedimento estabelece nexos mais seguros do que a participação, mesmo porque essa é uma atitude epistemológica com a qual vimos lidando nos demais campos de pesquisa.

Também fluirá uma permanente interação com os demais projetos que compõem a pesquisa no seu todo, pois dessa troca se farão necessárias correções de curso. A interpenetração, por outro lado, com encontros, congressos e seminários da área e das demais áreas que debatam a crise dos paradigmas oferecerão importantes subsídios para o delineamento do projeto. Acrescente-se que o projeto integrado já em desenvolvimento — **O Discurso Fragmentalista e a Crise dos Paradigmas** — proporcionará inspirações inter e transdisciplinares.



**D**epois de várias experiências interdisciplinares, intensificadas de 1990 a 1992, nada mais gratificante que retornar ao domínio disciplinar do Jornalismo. A riqueza do **diálogo com sábios e cientistas, artistas e teólogos**, a exemplo do trabalho de Renée Weber,<sup>1</sup> fertiliza sobremaneira o discurso da atualidade. A rigor, nunca me afasto da vocação primeira: sou repórter do meu tempo. E minha ansiedade pragmática, com contínuos vínculos éticos e sociais, me empurra para a prática do ensino e a intervenção nas atrofias do mercado, especialmente um mercado regido pela mentalidade reducionista. A epistemologia da complexidade não é, para mim, um requinte teórico do estudo e da Academia. No projetos operacionais de ensino e extensão, esta pesquisa cria novas condições de trabalho, impulsiona estratégias e inspira mutações.

Neste rumo, surgiu, em 1992, uma oportunidade que merece especial registro. A congregação dos combonianos, no

---

1. WEBER Renée. *Diálogo com Sábios e Cientistas — A busca da unidade*, São Paulo, Cultrix, 1986.

Brasil, solicitou de um grupo misto — pesquisadores da Universidade de São Paulo e dois profissionais não ligados à USP — uma profunda avaliação da revista **Sem Fronteiras**, por ocasião de seus vinte anos de atividade. A iniciativa, por si, já constituía um fato inédito no âmbito de uma pequena editora. Mas, além disso, o trabalho avançou de tal forma, ao longo de nove meses, que se gestou um resultado ímpar até mesmo no âmbito da grande indústria cultural.

Daniel Comboni, italiano, ao fundar a congregação no fim do século passado, desde logo imprimiu uma filosofia missionária aliada aos desvalidos. Os combonianos se dirigiram para a África para lutar contra a escravidão humana. A mensagem religiosa se fundiu com o tempo histórico e parece que até hoje este significado do transcendental presentificado imprime os rumos dos combonianos. Quando, nas guerras de libertação da África, já no século XX, a congregação enfrentou grandes dificuldades, porque se aliou aos oprimidos, muitos dos perseguidos vieram para a América Latina. No trabalho de evangelização enraizada nas situações libertárias, houve muito que fazer também aqui no continente da América. E entre os instrumentos de trabalho, verdadeira intervenção ao lado dos pobres do Sul, a revista **Sem Fronteiras** se firmou enquanto multiplicação da Palavra.

Os combonianos vieram antes e atravessaram todo o desbordamento da Teoria Social da Igreja Católica, a Teologia da Libertação e demais correntes de matiz terceiro-mundista. Ao desembocarem, de certa forma perplexos, no dilema atual — neoconservadorismo ou libertação? — decidiram ir fundo junto à comunidade interna, junto aos seus leitores, junto a vozes externas à congregação. Num gesto de humildade, puseram-se a nu por meio de uma pesquisa ampla que avaliou desde a estrutura editorial da revista às reações da audiência e linhas de *marketing* industrial.

Este projeto ofereceu a oportunidade histórica de se experimentar uma metodologia avançada que não estratifica fases do processo de comunicação (emissor, mensagem e canal, receptor). Pelo contrário, a equipe não só trabalhou em interação permanente, embora responsáveis específicos em cada segmento da pesquisa, mas também culminou seus resultados em discussão com um grupo de 60 participantes, durante dois dias de seminário intensivo. De fato, **o signo acontece** e esta metodologia experimental comprovou a importância da dinâmica na comunicação social. Após o seminário com leitores, líderes de pastorais, teólogos combonianos, o bispo de São Paulo, d. Evaristo Arns, jornalistas e a equipe que realiza a revista **Sem Fronteiras**, o relatório provisório dos pesquisadores se definiu em contornos mais complexos.

Atuei, neste projeto, em dupla com Sinval Medina, jornalista especializado em revistas (sobretudo do Grupo Abril-Azul), e desenvolvemos a pesquisa de estrutura editorial e texto da revista. O Prof. Dr. José Coelho Sobrinho, do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA, se encarregou dos estudos gráficos (desenho e diagramação da revista). A pesquisa de audiência ficou sob a coordenação do Prof. Dr. Mauro Wilton de Souza, também da ECA. Wilson Mário Antonelle, profissional de *marketing* (**Servidéias Comunicação Ltda.**), desenvolveu estudos sobre a expansão da revista no mercado brasileiro (tiragem atual: 20.000 exemplares). A equipe foi coordenada pelo Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, da ECA. As reuniões de planejamento começaram no início do ano e o seminário público, em que os pesquisadores submeteram os resultados provisórios à discussão de grupo, culminou em agosto de 1992.

O que me coube, mergulhar na concepção editorial e formulações de texto, pôs à prova a teoria e a prática que venho desenvolvendo há 30 anos, quase sempre independente dos modismos do mercado e das escolas de Jornalismo que assumem certas cartilhas. Em síntese, tenho trabalhado, num perfil de vida inteira, no signo da relação que passa obrigatoriamente por uma definição ética (humanização do discurso da atualidade), pela construção de técnicas mediadoras (o diálogo possível), iluminadas pela pesquisa estética (dos códigos burocráticos aos cóni-

gos criativos, reveladores). **Sem Fronteiras** se ofereceu para testar — em equipe, na audiência pesquisada e no seminário público — a procedência de tais buscas incessantes. O leitor contemporâneo, quando a ele se dá a voz, demanda essa atitude ético-técnica e estética que revertam o autoritarismo da oferta.

Foi com grande despojamento que os combonianos se situaram nessa pesquisa que detectou, como em qualquer outro veículo da indústria cultural, a **palavra impositiva**. Embora as intenções mediadoras de seus editores, o discurso libertário das autoridades religiosas e colunistas e o noticiário da atualidade enfaticamente centrado no Terceiro Mundo, **Sem Fronteiras** imprime ainda a assinatura do emissor. A reportagem está procurando, na estrutura editorial, a polifonia e a polissemia, mas ainda é predominantemente impregnada da voz de terceira pessoa de quem faz a revista. Discutir tais temas em grupo representou, para mim, um aprendizado que transcende as demais experiências profissionais.

Em outubro de 1992, no Rio de Janeiro, fui convidada a apresentar um diagnóstico das revistas dos combonianos do Canadá e Estados Unidos até o Sul das Américas. O encontro, organizado pela sede dos combonianos na Itália, só reforçou o trabalho (mais profundo) realizado junto à revista brasileira. De qualquer forma, deu para constatar que a busca de **Sem Fron-**

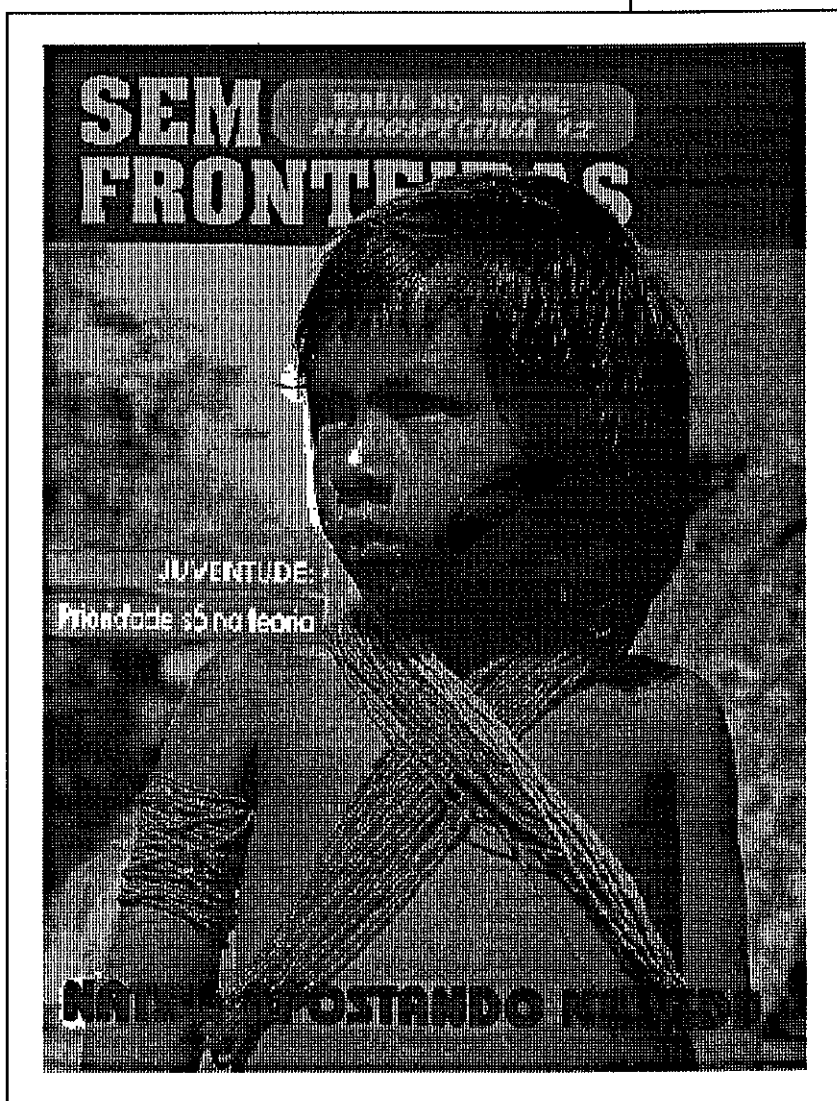
**teiras** está na frente de todas as outras revistas. Se o veículo Estados Unidos — Canadá (**Comboni Missions**) apresenta os luxos gráficos do Norte (qualidade de papel e *design*), a revista do Sul, muito mais pobre de recursos, avança com diferenciação para uma linha editorial de pluralidade nas mediações sociais.

Casualmente, no processo da pesquisa, estive em Alcaçuz, pequena comunidade perto de Natal, no Rio Grande do Norte. Em conversa com o padre local, tive a surpresa de constatar a presença de **Sem Fronteiras**, como único veículo que chega a esse público. São cento e vinte casas, povoadas de almas simples, rendeiras, jovens em diáspora, homens velhos e calejados. Não há correio em Alcaçuz e o padre só vem aos domingos rezar na capelinha, ajudar nas dificuldades do cotidiano. Ele assina a revista, gosta muito das informações do mundo que ela traz e faz circular entre os jovens e leitores da comunidade. Estes momentos de comunhão com leitores vivos, anônimos e perdidos no território brasileiro, valeram muito na pesquisa. Cruzados com as aferições da audiência em questionários exaustivamente estudados pela equipe, os depoimentos da Alcaçuz constituem a medula das especulações científicas.

Mediar sábios, artistas e cientistas alimenta o celeiro das idéias. Mas circular na mediação humana do presente, fazer da reportagem uma interação criativa, multiplicar o signo da

relação ainda são, para mim, opções prioritárias. A sofisticação do **Discurso da Ciência** deve conviver — assim o pretendo — com **O Gesto da Arte** e o **Diálogo Possível com os Anônimos do Século XX**.

*Um canal  
aberto para  
os deserdados  
do Sol*



## *Agora*

**A**gora, novembro de 1992, outra vez espero um neto. Outra vez me ponho à prova. O futuro não significa nenhuma garantia, mas a travessagem já vai adiantada.

Um desses dias pedia ao Gabrielzinho (três anos e meio) que era hora de sossegar, quase 11 horas da noite, a casa pedia silêncio. Atrevido, me respondeu: mas a casa não fala... Se não fala, como pode pedir silêncio?

As falas e os silêncios vêm de nós, não das casas. Queiram as casas abrigar ou não, o gesto de silenciar ou de gritar é uma de nossas liberdades humanas. Até que venha o momento final.



**MEMORIAL  
DESCRITIVO**

**VESTÍGIOS**

---

**Primeira Parte:**

**Da Formação ao Doutorado**

**Três Décadas de Energia e Resistência**

---

## **I - Títulos Acadêmicos: Formação e Aperfeiçoamento**

**O** histórico escolar se divide em três etapas fundamentais: a escola primária se completou ainda em Portugal, de 1949 a 1952; a escola secundária, a graduação universitária, os estudos de inglês e francês e os primeiros cursos de especialização ocorreram em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, de 1953 a 1964; os cursos de pós-graduação na Universidade de São Paulo e no CIESPAL (Centro Interamericano de Estudos Superiores em Periodismo para a América Latina) foram desenvolvidos em São Paulo e em Quito, Equador, entre 1973 e 1975, uma primeira etapa da terceira fase; e entre 1984 e 1986, em nível de doutorado, uma segunda etapa da formação culmina com a defesa da tese.

## 1. FORMAÇÃO EDUCACIONAL BÁSICA

### 1.1. Ginásio

início: 1954

término: 1957

Colégio Farroupilha de Porto Alegre.

Medalhas de Português nas quatro séries, bem como classificação de primeiros lugares em todo o curso ginásial.

*doc. / 1*

### 1.2. Clássico

início: 1958

término: 1960

Colégio Estadual Júlios de Castilhos de Porto Alegre

*doc. / 2*

## 2. CURSOS EM NÍVEL UNIVERSITÁRIO

### 2.1. Bacharel em Jornalismo,

Faculdade de Filosofia da

Universidade do Rio Grande do Sul.

início: 1961

término: 1963

Prêmio José Bertaso, 1º lugar no Curso de Jornalismo.

*doc. / 3*

### 2.2. Licenciatura em Língua e Literatura Francesa,

Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1964.

*doc. / 5*

### 2.3. Literatura Portuguesa, Estética, Teoria Literária e

Literatura Brasileira no Curso de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1961/1963.

*doc. / 6*

### 3. PÓS-GRADUAÇÃO

- 3.1. Cursos de Pós-Graduação em nível de Mestrado, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1973/1974.

*doc. / 7*

Relação dos Cursos:

- 3.1.1. Comunicação e Progresso.
  - 3.1.2. Cultura Brasileira.
  - 3.1.3. Antropologia da Comunicação.
  - 3.1.4. Semiologia da Imagem.
  - 3.1.5. A Arte e a Comunicação.
  - 3.1.6. Jornalismo e Literatura.
  - 3.1.7. Dramaturgia de Nélson Rodrigues.
  - 3.1.8. O Teatro no Pré-Modernismo.
  - 3.1.9. Psico-Sociologia da Propaganda.
  - 3.1.10. Técnica da Psicologia Publicitária.
  - 3.1.11. Bibliografia Especializada.
  - 3.1.12. Teoria Social da Comunicação.
  - 3.1.13. História e Comunicação.
  - 3.1.14. O Ciclo de Cataguases no Quadro do Cinema Brasileiro.
- 3.2. Cursos em nível de Doutorado, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1985.

*doc. / 8*

Relação de Cursos:

- 3.2.1. Poética das Mensagens não Verbais.
  - 3.2.2. Sociedade, Cultura e Comunicação no Brasil (1979-1985).
  - 3.2.3. Gêneros Opinativos da Imprensa Diária.
4. ESPECIALIZAÇÃO, EXTENSÃO, CURSOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA
- 4.1. Curso de Inglês *doc. / 9*  
Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano.  
1956/1959.
  - 4.2. Curso de Alta Cultura para Jornalistas na *doc. / 10*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.  
1961.
  - 4.3. Curso de Especialização em Jornalismo, no Centro *doc. / 11*  
de Investigação e Estudos Superiores para a América Latina (CIESPAL), Quito, Equador.  
Doze cursos com especialização em Sociologia e Antropologia da Comunicação, Pesquisa na área da Comunicação, Economia e Teoria da Comunicação.  
1972.
  - 4.4. Seminário de Pesquisa de Comunicação em *doc. / 12*  
Grupos Marginalizados com participação direta no projeto de pesquisa a ser implantado na América Latina. CIESPAL, Quito, Equador.  
1972.

## II - Teses Defendidas: Mestrado e Doutorado

**A** linha de pesquisa que me inquieta desde o início da profissionalização, na década de 60, é a compreensão do processo jornalístico e a virtual intervenção do produtor de informação socialmente significativa. Neste sentido, o primeiro trabalho de fôlego foi ambicioso: a estrutura da mensagem jornalística. Revisei a bibliografia que insere o jornalismo contemporâneo na indústria cultural e ensaiei a análise das forças que atuam sobre a produção da informação. Preocupava-me, sobretudo, a visão de dentro do processo, já que, para as ciências sociais que refletem sobre o fenômeno, este parece como uma caixa opaca vista de fora. O resultado foi a dissertação de mestrado, defendida na Universidade de São Paulo em 1975, aliás, fato histórico, a primeira desta área implantada em 1972.

Não fossem as contingências brasileiras e o difícil período repressivo que vivemos na última ditadura, e teria dado continuidade imediata às minhas inquietudes teóricas. Ao ter de me afastar da Universidade de 1975 a 1985, interrompi uma fértil pesquisa que levaria adiante o vôo concretizado nos primeiros anos da década de 70. Já em 1984 me reaproximei da

atividade acadêmica e me propus retomar a pós-graduação, em nível de doutoramento. Após vários trabalhos teóricos, publicados nesse meio tempo, reatei as preocupações com a estrutura da mensagem jornalística, desta vez numa intimidade mais específica. Dediquei-me à experimentação e teorização da linguagem do **Diálogo Social** ou do **Diálogo Possível**, praticado sobretudo na interação humana da entrevista. Daí resultou a tese de doutoramento, defendida na Universidade de São Paulo em 1986.



- 1.1. *A Estrutura da Mensagem Jornalística*, dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, ECA/USP, julho de 1975.
- 1.2. *Modo de Ser, Mo'Dizer*, tese de doutorado em Ciências da Comunicação, ECA/USP, maio de 1986.

*doc. / 12a*

*doc. / 12b*

### **III - Experiências Docentes e Atividades Acadêmicas**

**D**evido à formação didática em Línguas, em paralelo à atividade profissional em Jornalismo, houve dois caminhos que, simultaneamente correram juntos: a prática em comunicação social e a prática pedagógica. Neste terceiro capítulo, se destaca, para efeitos descritivos, a segunda atividade; na VII Parte, está fixada a experiência jornalística. Mas, insiste-se, desde o começo da década de 60, ocorreu uma bifurcação e complementação das suas formações.

- |      |  |                  |
|------|--|------------------|
| 1.1. | Professor de Português no Ensino Médio. Curso Piratini, Porto Alegre<br>1961-1963.   | <i>s/ doc.</i>   |
| 1.2. | Professora de Francês na Alliance Française, Porto Alegre<br>1962.   | <i>s/ doc.</i>   |
| 1.3. | Professora de Português, Escola Normal São João Baptista, Camaquã, RS<br>1964-1967.  | <i>doc. / 13</i> |
| 1.4. | Professora de Português, Colégio Estadual de Camaquã, RS<br>1965-1967.   | <i>doc. / 14</i> |
| 1.5. | Professora de Francês, Colégio Estadual Cândido Godói, Porto Alegre, RS<br>1967-1968.  | <i>doc. / 15</i> |
| 1.6. | Auxiliar de Ensino ou <b>Assistente Catedrático</b> (nomenclatura anterior à Reforma Universitária), na disciplina “Técnica de Periódico” no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal Rio Grande do Sul<br>1969-1971. | <i>doc. / 16</i> |
| 1.7. | Auxiliar de Ensino do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo<br>1971-1975.   | <i>doc. / 17</i> |

Disciplinas em que atuou:

- 1.7.1. Jornalismo Comparado
- 1.7.2. Jornalismo Informativo
- 1.7.3. Jornalismo Interpretativo

- 1.7.4. Atividades Laboratoriais — Agência Universitária de Notícias e Jornal Laboratório: Coordenação dos projetos de treinamento profissional dos alunos de Jornalismo, 1972-1975. *doc. / 18*
- 1.7.5. Atividades pedagógico-administrativas: *doc. / 18*
- Comissão da Agência Universitária de Notícias 1972-1975;
  - Coordenação pedagógica do 5º semestre de Jornalismo 1972;
  - Orientação pedagógica do 6º semestre de Jornalismo 1973;
  - Comissão de estudos da IV Semana de Jornalismo 1972; *doc. / 18-a*
  - Comissão do Jornal Laboratório 1972;
  - Comissão do Projeto *Banco de Notícias* 1973.
  - Orientação pedagógica — 6º semestre de Jornalismo 1974;
  - Curso de Atualização em Jornalismo no Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina 1974;
  - Projeto Experimental de Jornalismo Impresso — Pesquisa para o CJE 1974;
  - Projeto em Linguagem Jornalística e Editorial 1974.

- |       |   |                  |
|-------|---|------------------|
| 1.8.  | Curso de Extensão na Universidade de Juiz de Fora sobre o tema: <i>A Estrutura da Mensagem Jornalística</i><br>1972.                                    | <i>doc. / 19</i> |
| 1.9.  | Curso de Metodologia do Ensino Superior em Ribeirão Preto<br>1972.  | <i>s / doc.</i>  |
| 1.10. | Curso de Jornalismo Interpretativo na Universidade Federal de Santa Catarina<br>1973.   | <i>doc. / 20</i> |
| 1.11. | Curso de Jornalismo Interpretativo na Universidade Federal da Bahia<br>1974.  | <i>doc. / 21</i> |
| 1.12. | Curso de Jornalismo Interpretativo no Sindicato dos Jornalistas de Santos<br>1974.  | <i>doc. / 22</i> |
| 1.13. | Curso de Jornalismo Interpretativo na Associação dos Jornalistas de Campinas<br>1974.   | <i>s / doc.</i>  |
| 1.14. | Curso de Pedagogia do Ensino Superior — Comunicação, CIESPAL, Quito, Equador<br>1977.   | <i>doc. / 23</i> |
| 1.15. | Análise de Conteúdo, Laboratório de Pesquisa, CIESPAL, Quito, Equador<br>1977.  | <i>doc. / 24</i> |
| 1.16. | Curso de Jornalismo Impresso no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo<br>1972.   | <i>doc. / 25</i> |
| 1.17. | Implantação do Departamento de Comunicação da Faculdade Objetivo, responsável pela disciplina Introdução às Técnicas de Comunicação, São Paulo<br>1973. | <i>doc. / 26</i> |

- |       |  |           |
|-------|--|-----------|
| 1.18. | <p>II Seminário Internacional de Jornalismo Comparado, Associação Baiana de Imprensa, Salvador</p> <p style="text-align: right;">1975.</p>   | doc. / 27 |
| 1.19. | <p>Convencional da primeira Convenção do Ensino Médio, Porto Alegre</p> <p style="text-align: right;">1966.</p>  | doc. / 28 |
| 1.20. | <p>Seminário <i>Comunicación e Integración en América Latina</i>, CIESPAL/CEDAL, Costa Rica</p> <p style="text-align: right;">1977.</p>  | doc. / 29 |
| 1.21. | <p>IV Reunião de Ex-Bolsistas do CIESPAL, Porto Alegre</p> <p style="text-align: right;">1975.</p>   | doc. / 30 |
| 1.22. | <p>Participação do I Congresso Nacional de Comunicação, promovido pela Associação Brasileira de Imprensa, Rio</p> <p style="text-align: right;">1971.</p>  | doc. / 31 |
| 1.23. | <p>1º Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa de Comunicação, promovido pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação, Belo Horizonte</p> <p style="text-align: right;">1973.</p>                                   | doc. / 32 |
| 1.24. | <p>Curso de Especialização em Nível de Pós-Graduação sobre o conceito de edição jornalística no Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações de Artes da Universidade de São Paulo</p> <p style="text-align: right;">1984.</p> | doc. / 33 |
| 1.25. | <p>Curso de Especialização em Nível de Pós-Graduação sobre a linguagem jornalística, no Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo</p> <p style="text-align: right;">1984.</p>                               | doc. / 34 |

- 1.26. Curso de Especialização em Nível de Pós-Graduação sobre o comportamento jornalístico no período da cobertura da doença de Tancredo Neves, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais  
1985. *doc. / 35*
- 1.27. Curso de Especialização em Nível de Pós-Graduação sobre a reação da imprensa brasileira à Nova República, na Universidade Federal da Paraíba  
1985. *doc. / 36*
- 1.28. Curso de Especialização em Nível de Pós-Graduação sobre as técnicas de entrevistas na cultura de massa, no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
1985. *doc. / 37*
- 1.29. Participação no Seminário *Imprensa em Língua Portuguesa*, ECA-USP  
1984. *doc. / 38*
- 1.30. Participação no Seminário sobre a crise de reportagem, ECA/USP  
1984. *doc. / 39*
- 1.31. Participação no V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da INTERCOM  
1982. *doc. / 40*
- 1.32. I Encontro Luso-Brasileiro de Literatura e Jornalismo, Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero  
1984. *doc. / 41*

- |       |  |                  |
|-------|--|------------------|
| 1.33. | Participação em um Seminário sobre<br>Comunicação da Faculdade Metodista<br>1984.                              | <i>doc. / 42</i> |
| 1.34. | Participação em um Seminário sobre Política<br>Cultural, organizado pelo Centro Cultural<br>São Paulo<br>1984. | <i>doc. / 43</i> |



## **IV - Atividade Científica: Pesquisa, Ensaios e Reflexão na Área de Comunicação Social e Cultura de Massa**

**A** atividade pedagógica no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, especificamente no período de 1972 a 1975, provocou intensa fermentação de idéias, exigências de pesquisa, teorização e análise crítica do fenômeno da Comunicação Social. Reforçaram este princípio de investigação aliado à implantação de laboratórios técnicos os cursos de pós-graduação (implantados em 1973) e também a formação especializada do CIESPAL, Centro de Aperfeiçoamento de Jornalismo para América Latina. A produção que se segue, foi estimulada por esses fatores acima apontados.

- |   |                         |
|---|-------------------------|
| <p>1.1. Estrutura de Comunicação para uma Universidade, projeto a pedido da Universidade Federal do Rio Grande do Sul<br/>1970.</p>   | <p><i>s / doc.</i></p>  |
| <p>1.2. Projeto de pesquisa sobre a evolução da Editoração no Brasil, para o Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo<br/>1971.</p>   | <p><i>s / doc.</i></p>  |
| <p>1.3. Apostila de Jornalismo Comparado <i>Introdução ao Jornalismo Comparado</i>, ECA/USP<br/>1971.</p>   | <p><i>doc. / 44</i></p> |
| <p>1.4. Primeiro projeto de pesquisa sobre “A Estrutura da Mensagem (Discurso) Jornalística” ECA/USP<br/>1971.</p>  | <p><i>doc. / 45</i></p> |
| <p>1.5. <i>Metodologia do Ensino de Jornalismo: Atividades Discentes</i>, documentos para a IV Semana de Estudos de Jornalismo, ECA/USP<br/>1972.</p>   | <p><i>doc. / 46</i></p> |
| <p>1.6. Seminário sobre <i>La Investigación de la Comunicación em América Latina</i>, parte do <i>Diagnóstico Preliminar para um Estudo Experimental de Contenidos de Comunicación en una Área Rural</i>.<br/>Professores Responsáveis:<br/>Marco Ordoñez,<br/>Cremilda de Araújo Medina e<br/>Elizabeth Carmona.<br/>Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (CIESPAL),<br/>Quito, Equador<br/>1974.</p> | <p><i>doc. / 47</i></p> |

- |       |  |  |           |
|-------|--|--|-----------|
| 1.7.  | <i>A Grande Reportagem—Antologia/73</i> , original de livro em fase de impressão organizado por Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, com a colaboração dos alunos José Maria Santana, A. Delfino Araújo, Regina Lúcia Castro e Ana Maria Ciccacio. ECA/USP |  | doc. / 48 |
|       | 1974.  |  |           |
| 1.8.  | <i>Pedagogia da Comunicação</i> , ensaio para um curso ministrado no CIESPAL. Quito, Equador   |  | doc. / 49 |
|       | 1974.  |  |           |
| 1.9.  | <i>Modelo de Metodologia de Análise de Conteúdo a partir do Estudo de um Caso</i> , seminário coordenado por Cremilda de Araújo Nedina e Benjamin Ortiz Brennan, CIESPAL. Quito, Equador   |  | doc. / 50 |
|       | 1974.  |  |           |
| 1.10. | <i>Especialización Docente y Métodos de Enseñanza</i> , seminário de Formación Profesional de Comunicadores, promovido pela CEDAL, Costa Rica  |  | doc. / 51 |
|       | 1974.  |  |           |
| 1.11. | <i>Informação Jornalística de Cultura de Massa</i> , ensaio de Paulo Roberto Leandro, Cremilda de A. Medina e Sinval Medina. Curso de Pós-Graduação, ECA/USP   |  | doc. / 52 |
|       | 1974.  |  |           |
| 1.12. | <i>João do Rio — A Origem da Reportagem no Brasil</i> , ensaio de Cremilda Medina, Paulo Roberto Leandro e Sinval Medina. Curso de Pós-Graduação, ECA/USP  |  | doc. / 53 |
|       | 1974.  |  |           |

- |       |  |           |
|-------|--|-----------|
| 1.13. | <i>Teoria e Prática no Ensino de Jornalismo — Um Tema em Ensaio há Quinze Anos</i> , texto de Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, IV Semana de Estudos de Jornalismo, ECA/USP<br>1974.  | doc. / 54 |
| 1.14. | <i>Estrutura de Mensagem Jornalística (Um Modelo de Análise)</i> , dissertação de Mestrado, ECA/USP<br>1974.   | doc. / 55 |
| 1.15. | Teoria da Interpretação aplicada ao texto de Nelson Rodrigues “Boca de Ouro”, ensaio para o Pós-Graduação, ECA/USP, 1974.  | s/doc.    |
| 1.16. | <i>Capelinha antes da Eletricidade</i> Um ensaio de Antropologia Visual, original pronto para publicar, de autoria de Cremilda Medina, Paulo Roberto Leandro, Sinval Medina e Aloísio da F. Rocha Filho. Pesquisa realizada no Pós-Graduação da ECA/USP<br>1973. | doc. / 56 |
| 1.17. | <i>A Experiência da Agência Universitária de Notícias</i> . Pesquisa em face de edição, ECA/USP<br>1974.   | doc. / 57 |
| 1.18. | <i>A Interpretação no Jornalismo Brasileiro</i> , ensaio para a participação no Seminário Internacional de Jornalismo Comparado, em um painel composto pelos jornalistas Cremilda Medina, Reinaldo Lobo e Alberto Dines. Salvador<br>1975.                       | doc. / 58 |

- 1.19. *Mercado de Trabalho*, análise para a IV Reunião dos Ex-Bolsistas do CIESPAL. Grupo de Trabalho:  
 Cremilda Medina (Brasil)  
 Manuel Carlos Couto (Argentina)  
 Arturo Meneguzzi (Uruguai)  
 Íris Morera (Argentina)  
 Oscar Ciro Oviedo (Argentina)  
 Esteban Seravia Luís (Argentina)  
 Miguel Antonio Toledo Cepeda (Colômbia)  
 José Luiz Vera (Uruguai)  
 CIESPAL, Quito, Equador  
 1975. doc. / 59
- 1.20. Do mesmo encontro acima referido, o ensaio *Proposta de Política de Investigación — Níveis de Atuação*. CIESPAL, Quito, Equador  
 1975. doc. / 60
- 1.21. Estudo para a implantação do curso de Comunicação Social na Universidade Mackenzie, por Walter Sampaio, Cremilda Medina, Paulo Roberto Leandro e Sinval Medina. São Paulo,  
 1975. doc. / 61
- 1.22. *La Censura en el Brasil atañe ahora a la Cultura Universal*, ensaio para o Seminário Latinoamericano *Comunicación y Integración*. CEDAL, Costa Rica  
 1977. doc. / 62
- 1.23. Uma análise do Jornalismo Feminino no Brasil, para o ILET — Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales —, México  
 1977. doc. / 63

- 1.24. Laboratório de Análises de Conteúdo —  
Curso de Pesquisa. Professores e  
Pesquisadores coordenadores:  
Cremilda de Araújo Medina e  
Fernando Reyes Matta.  
Curso organizado pela OEA e o CIESPAL.  
Quito, Equador  
1977. *doc. / 64*
- 1.25. *O Surgimento de um Novo Personagem na  
Indústria Cultural*, ensaio de autoria de  
Cremilda Medina,  
Paulo Roberto Leandro e  
Sinval Medina, Curso de Pós-Graduação,  
ECA/USP  
1974 *doc. / 65*  
Publicado nos Cadernos de Jornalismo do  
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto  
Alegre, RS  
1977.
- 1.26. A Imprensa Brasileira na cobertura das  
Diretas-já — janeiro a junho de 1984.  
Pesquisa desenvolvida com os alunos do  
curso especialização da ECA/USP, em  
1984. *doc. / 66*
- 1.27. Comportamentos Jornalísticos e a reação da  
comunidade média e o público na cobertura  
da doença de Tancredo Neves, pesquisa  
desenvolvida com os alunos do curso de  
especialização da Universidade Federal de  
Juiz de Fora, MG, em  
1985. *doc. / 67*

- 1.28. Documento sobre Política Cultural Brasileira realizado em edição especial de **Leia Livros**, São Paulo, 1985. *doc. / 68*
- 1.29. Participação no II Congresso Estadual dos Jornalistas de São Paulo. Projeto de Memória do Jornalismo para os sindicatos profissionais 1983. *doc. / 69*
- 1.30. *A Ação das Forças Autoritárias sobre a Informação Jornalística*, in **Cadernos Intercom** — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação — Cortez Editora, Ano 3 - nº 7, setembro de 1985, pág. 50 1985. *doc. / 70*
- 1.31. *A Imprensa na Nova República (1) Cobertura Eleições - 85*, original em organização, publicação do Instituto de Pesquisas em Comunicação Jornalística e Editorial, ECA/USP. *doc. / 71*

## V - Intercâmbio Culturais Internacionais e Nacionais

**S**ão projetos que decorrem da inquietude cultural, fora do âmbito acadêmico ou especificamente jornalístico. Todos foram desenvolvidos em ligação com instituições culturais que, após tomada a iniciativa, deram o apoio para sua consecução. Foi também significativo o suporte de divulgação desses intercâmbios: o jornal **O Estado de S. Paulo**. Como exerci o cargo de editora de **Artes, Espetáculos e Cultura**, em um período de oito anos, dois outros como repórter especial muito ligada à área cultural, tive uma participação intensa não só na dinâmica nacional como também nas trocas como América Latina, o mundo da língua portuguesa e demais focos culturais contemporâneos.



- 1.1. Intercâmbio cultural entre o Vêneto, Itália e São Paulo, projeto desenvolvido o para a Secretaria da Cultura de São Paulo  
1981-1982. *doc. / 72*
- 1.2. Intercâmbio cultural Brasil-Portugal — Primeira Etapa. *Escritor Português Hoje*.
- 1.2.1. Série de entrevistas realizadas em Portugal e publicadas no jornal **O Estado de S. Paulo**,  
1982. *doc. / 73*
- 1.2.2. Organização do evento cultural da vinda de doze escritores portugueses contemporâneos ao Brasil, em um circuito que incluiu as seguinte cidades — São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Ouro Preto, Salvador, Recife, Fortaleza, Curitiba e Porto Alegre,  
1983. *doc. / 74*
- 1.2.3. Fixação do trabalho no livro *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*,  
1983. *doc. / 75*
- 1.3. Intercâmbio Cultural Brasil-Portugal. Segunda Etapa. *Escritor Brasileiro Hoje*.
- 1.3.1. Série de entrevistas publicadas em **O Estado de S. Paulo**, **Suplemento Literário de Minas Gerais** e **O Primeiro de Janeiro de Portugal** (54 entrevistas com os escritores contemporâneos realizadas em várias regiões brasileiras)  
1984-1985. *doc. / 76*

- 1.3.2. Organização do evento cultural da ida de 19 escritores brasileiros a Portugal em um circuito que compreendeu as cidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora  
1985. *doc. / 77*
- 1.3.3. Fixação do intercâmbio no livro *A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje*, coedição da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, de Portugal, e Secretaria da Cultura do Estado de S. Paulo.  
1985. *doc. / 78*
- 1.3.4. Lançamentos de *A Posse da Terra* previstos para São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e Porto Alegre. *s / doc.*
- 1.4. Participação direta no processo de reconhecimento de Ouro Preto como Cidade de Monumento Internacional. luz do processo de Quito, trazido pessoalmente do Equador, e encaminhado ao então secretário de Cultura do MEC (Aloísio Magalhães), bem como à comissão de Patrimônio Histórico da UNESCO em Paris (entregue pessoalmente também), a solução se apressou.  
1979-1980. *doc. / 79*
- 1.5. Organização da Primeira Mostra Fotográfica dos Profissionais do jornal **O Estado de São Paulo** e **Jornal da Tarde**, que circulou em todas as capitais brasileiras.  
1979. *doc. / 80*

## VI - Livros Publicados

**O**s seis livros editados, neste primeiro período, na verdade cinco, porque um deles saiu em espanhol e em português, observam um esforço de teorização do Jornalismo. Embora os dois últimos não sejam explícitos na formulação teórica, representam uma aplicação profissional da Teoria da Entrevista e do Perfil (ou construção do sujeito) em Comunicação de Massa.

- |      |   |           |
|------|---|-----------|
| 1.1. | <i>A Arte de Tecer o Presente</i> , em coautoria com Paulo Roberto Leandro. Edição dos Autores. Esgotado.<br>1973.  | doc. / 81 |
| 1.2. | <i>Notícia: um Produto à Venda — O Jornalismo na Sociedade Industrial</i> , Ed. Alfa Ômega, São Paulo, 1978.  | doc. / 82 |
| 1.3. | <i>El Rol Social del Periodista</i> , CIESPAL, Quito. Equador,<br>1980.   | doc. / 83 |
| 1.4. | <i>Profissão Jornalística — Responsabilidade Social</i> , versão em português do livro supra-citado. Ed. Forense, Rio de Janeiro,<br>1982.                                | doc. / 84 |
| 1.5. | <i>Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea</i> , Ed. Nórdica, Rio de Janeiro,<br>1983.   | doc. / 85 |
| 1.6. | <i>A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje</i> , coedição Imprensa Nacional — Casa da Moeda e Secretaria da Cultura do Estado de S. Paulo, Lisboa, Portugal,<br>1985. | doc. / 86 |

## **VII - Atividade Profissional: Experiências Jornalísticas**

**A** atividade profissional em Comunicação Social se diversificou tanto em Porto Alegre quanto em São Paulo. Jornalismo Impresso (jornal e revista), Editoração (compreendendo livro e fascículos, edição e planejamento gráfico, seleção de originais, projetos especiais, publicidade e arte), Rádio e Telejornalismo, Publicidade e Propaganda. O percurso tem sido, pois, dentro do âmbito geral da Cultura de Massa. À experiência na Indústria Cultural somam-se outras da Cultura Alternativa no período autoritário pós-64.

- 1.1. Experiência na imprensa universitária de Porto Alegre: **O Universitário** (semanário da União Estadual de Estudantes); **O Coruja**, jornal do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; **Jornal Laboratório**, do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da UFRGS; Rádio Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
1961-1963. *doc. / 87*
- 1.2. Repórter, redatora e colunista literária da **Revista do Globo** de Porto Alegre.  
1963-1968. *doc. / 88*
- 1.3. Colaboradora do Suplemento Literário do **Correio do Povo**, de Porto Alegre.  
1962-1970. *s / doc.*
- 1.4. Editora de projetos especiais — fascículos — da **Editora Globo**, Porto Alegre.  
1966-1969. *doc. / 89*
- 1.5. Organizadora e tradutora de *A Nova Enciclopédia da Mulher*, **Editora Globo**,  
1964-1965. *s / doc.*
- 1.6. Diagramação e planejamento gráfico, projeto de remodelação executado na **Editora Globo** de Porto Alegre.  
1963-1969. *s / doc.*
- 1.7. Projetos de linha editorial, coleções literárias e técnicas para a Editora Globo. Entre eles, conseguiu lançar a obra de Jorge Luís Borges no Brasil, através de **Ficções** tradução do poeta Carlos Nejar. **Editora Globo** de Porto Alegre.  
1969. *doc. / 90*

- |       |  |   |
|-------|--|---|
| 1.8.  | Coproprietária de um estúdio de programação visual e artes gráficas, <b>Esquema</b> , Porto Alegre, 1969-1970.                     | <i>doc. / 91</i>                                  |
| 1.9.  | Coordenadora de Projetos Especiais de Comunicação (Grupo Nacional de Serviços). São Paulo, 1971.                                   | <i>s/doc.</i>                                     |
| 1.10. | Pesquisa de Redação — Análise diária dos comportamentos redacionais do <b>Jornal da Tarde</b> , São Paulo, 1971-1973.              | <i>doc. / 92</i>                                  |
| 1.11. | Redatora da Revista <b>Novidades Fotoptica</b> , São Paulo, 1973-1978.   | <i>doc. / 93</i>                                  |
| 1.12. | Redatora de telejornalismo e edição de especiais da <b>TV Bandeirantes</b> . São Paulo, 1974.                                      | <i>doc. / 94</i>                                  |
| 1.13. | Editora de Especiais e Editora Nacional do Telejornalismo da <b>TV Cultura</b> . São Paulo, 1975.                                  | <i>doc. / 95</i>                                  |
| 1.14. | Cooperativada no grupo jornalístico <b>Faro</b> , que criou a revista alternativa <b>Brasil Reportagem</b> . São Paulo, 1978-1979. | <i>doc. / 96</i>                                  |
| 1.15. | Redatora e posteriormente editora e repórter especial do jornal <b>O Estado de S. Paulo</b> . São Paulo, 1975-1985.                | <i>doc. / anexados nos itens do Capítulo VIII</i> |
| 1.16. | Coordenadora e jornalista responsável da <b>Agência Universitária de Notícias</b> . ECA/USP, 1972-1975.                            | <i>doc. / 97</i>                                  |

- |       |  |                   |
|-------|--|-------------------|
| 1.17. | Coproprietária de estúdio de assessoria de imprensa, <b>Media</b> , São Paulo,<br>1973-1974.   | <i>doc. / 98</i>  |
| 1.18. | Projeto de Assessoria de Imprensa à Sociedade Brasileira de Física, no 3º Simpósio Nacional do Ensino de Física. São Paulo,<br>1975. | <i>doc. / 99</i>  |
| 1.19. | Colaboradora da <b>Revista Íris</b> , São Paulo, a partir de 1979.   | <i>doc. / 100</i> |
| 1.20. | Colaboradora da revista <b>Leia Livros</b> , São Paulo,<br>1984-1985.  | <i>doc. / 101</i> |
| 1.21. | Colaboradora da <b>Revista do Livro</b> , São Paulo,<br>1985.  | <i>doc. / 102</i> |
| 1.22. | Colaboradora (correspondente) do <b>Jornal de Letras</b> de Lisboa, Portugal, a partir de 1983.                                      | <i>doc. / 103</i> |
| 1.23. | Colaboradora da revista <b>Módulo</b> , Rio,<br>1984.  | <i>doc. / 104</i> |
| 1.24. | Colaboradora da <b>Revista Comunidades em Língua Portuguesa</b> , São Paulo,<br>1984.  | <i>doc. / 105</i> |
| 1.25. | Colaborações eventuais para o <b>Jornal do Brasil</b> e para a <b>Revista Visão</b> . Rio/São Paulo.                                 | <i>doc. / 106</i> |
| 1.26. | Colaboradora do <b>Jornal da Tarde</b> , a partir de 1971.   | <i>doc. / 107</i> |



## VIII - Seleção de Reportagens e Textos Opinativos Publicados na Grande Imprensa Brasileira

(Para efeito de seleção, as matérias jornalísticas foram divididas em seis categorias)

- |  |                   |
|--|-------------------|
| 1. Textos de grande reportagem interpretativa.   | <i>doc. / 108</i> |
| 2. Organização, coordenação e edição de mesas redondas, debates de temas de interesse público. | <i>doc. / 109</i> |
| 3. Perfis de figuras de projeção cultural.   | <i>doc. / 110</i> |
| 4. Reportagens internacionais.   | <i>doc. / 111</i> |
| 5. Textos Opinativos.  | <i>doc. / 112</i> |
| 6. Edições Especiais.  | <i>doc. / 113</i> |

Observação: A grande maioria das matérias foram publicadas durante o período de trabalho no jornal **O Estado de São Paulo**.

1975-1985.

## **IX - Dossier de Imprensa**

### **Textos Assinados nos**

### **Jornais “O Estado de S.**

### **Paulo” e “Jornal da Tarde”**

- |                          |                   |
|--------------------------|-------------------|
| 1. Publicações de 1974.  | <i>doc. / 114</i> |
| 2. Publicações de 1975.  | <i>doc. / 115</i> |
| 3. Publicações de 1976.  | <i>doc. / 116</i> |
| 4. Publicações de 1977.  | <i>doc. / 117</i> |
| 5. Publicações de 1978.  | <i>doc. / 118</i> |
| 6. Publicações de 1979.  | <i>doc. / 119</i> |
| 7. Publicações de 1980.  | <i>doc. / 120</i> |
| 8. Publicações de 1981.  | <i>doc. / 121</i> |
| 9. Publicações de 1982.  | <i>doc. / 122</i> |
| 10. Publicações de 1983. | <i>doc. / 123</i> |
| 11. Publicações de 1984. | <i>doc. / 124</i> |
| 12. Publicações de 1985. | <i>doc. / 125</i> |

## X - Participação em Júris

- |  |                   |
|--|-------------------|
| 1.1. Concurso literário U.E.E. (União Estadual de Estudantes), âmbito universitário, Porto Alegre, RS, Participação como jurada.<br>1966.                          | <i>s/doc.</i>     |
| 1.2. Concurso literário U.E.E., Porto Alegre. Jurada,<br>1967.   | <i>s/doc.</i>     |
| 1.3. Concurso literário promovido pela <b>Editora Globo</b> , Porto Alegre. Organizadora e jurada.<br>1968.  | <i>s/doc.</i>     |
| 1.4. Concurso literário da Prefeitura de Belo Horizonte. Membro do júri de literatura infantil.<br>1979.   | <i>doc. / 126</i> |
| 1.5. Concurso de artes plásticas — pintura de adolescentes —, promovido pela Lufthansa, São Paulo. Membro do Júri.<br>1980 - 1981.                                 | <i>s/doc.</i>     |
| 1.6. Seleção dos fotógrafos da Primeira Mostra dos Profissionais do Jornal <b>O Estado de S. Paulo</b> . Organizadora e membro da comissão selecionadora.<br>1979. | <i>s/doc.</i>     |
| 1.7. Participação como membro do júri dos desfiles de carnaval, a convite das Prefeituras de Curitiba e de Antonina.<br>1983.                                      | <i>doc. / 127</i> |
| 1.8. Membro da comissão de organização e seleção dos escritores portugueses que vieram ao Brasil em intercâmbio cultural,<br>1983.                                 | <i>doc. / 128</i> |
| 1.9. Membro da comissão de organização e seleção dos escritores brasileiros que foram a Portugal em intercâmbio cultural,<br>1985                                  | <i>doc. / 129</i> |

## XI - Prêmios / Homenagens

- |      |   |                   |
|------|---|-------------------|
| 1.1. | Prêmio José Bertaso, atribuído ao primeiro lugar no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.                   | <i>doc. / 130</i> |
|      | 1964.   |                   |
| 1.2. | Medalha de Honra da Comunidade Portuguesa em São Paulo pela organização do intercâmbio cultural Brasil-Portugal.                        | <i>s/doc.</i>     |
|      | 1983.   |                   |
| 1.3. | Dois prêmios Melhor Cobertura na Imprensa da Bienal do Livro de São Paulo,  | <i>doc. / 131</i> |
|      | 1980 - 1982.  |                   |
| 1.4. | Prêmio Nórdica de Jornalismo Literário. (Atribuído por comissão do Rio de Janeiro e entregue na Bienal do Livro de 1984, em São Paulo.) | <i>doc. / 132</i> |
|      | 1984.   |                   |
| 1.5. | <i>Mention Assez Bien</i> no Exame de Nancy da Aliança Francesa de Porto Alegre.  | <i>doc. / 133</i> |
| 1.6. | Homenagem como paraninfa da turma da Escola Normal de Camaquã, RS,  | <i>doc. / 134</i> |
|      | 1968.   |                   |
| 1.7. | Homenagem como paraninfa das turmas de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1985.                      | <i>doc. / 135</i> |
| 1.8. | Correspondência elogiosa ao trabalho desenvolvido na Editoria de Arte do jornal <b>O Estado de S. Paulo</b> .                           | <i>doc. / 136</i> |

## **XII - Referências ao Candidato e À sua Obra Publicadas na Imprensa Brasileira e Estrangeira**

**A** maior parte das notícias, entrevistas e comentários críticos ocorrem por ocasião dos lançamentos dos livros e também devido aos intercâmbios culturais realizados.

Três edições, no entanto, dedicam um espaço grande à entrevista com a jornalista: Revista **Quem**, de Curitiba; a **Revista**, de Cuiabá; Suplemento Literário **Correio das Artes**, de João Pessoa.

## **Segunda Parte**

### **Do Doutoramento À Livre-Docência no Ciclo da Compreensão Cultural**

---

**A**o voltar à Universidade, em 1984, estava na hora de regar a sementeria e colher os frutos amadurecidos em vinte e cinco anos de trabalho e resistência cultural. Não se tratava mais de inquietudes técnicas, porque as testei em um longo e duro tempo de provações profissionais.

Não se tratava também de aperfeiçoar capacidades docentes, porque, em outras décadas, havia testado e estudado metodologia de ensino.

A fermentação mais profunda do ego cultural, o Eu e o Outro no mundo contemporâneo, viver e trabalhar nos impasses do final do século XX, apurar uma cosmovisão mais solidária, competente e esteticamente ágil — eis as preocupações com que reingresso na nova etapa universitária que culmina com a tese de livre-docência. De certa forma, invertem-se as notações do sumário deste memorial, de acordo com as atuais prioridades: atividade científica, experiências docentes, bancas e orientações de tese, livros publicados, produção jornalística, intercâmbios culturais.

# **I - Atividade Científica: Pesquisa, Ensaio, Reflexão Crítica**

**D**e 1984 em diante, dedico-me às seguintes linhas de trabalho:

- A. A velha reflexão sobre as forças que atuam no processo jornalístico contemporâneo, tentando fixar a dinâmica da trajetória histórica, a contingência brasileira e o perfil do produtor de informação. Neste sentido, tanto na docência, quanto no trânsito social de encontros, congressos, seminários, conferências e no texto formulado em artigo ou livro, há sempre a presença deste feixe de preocupações que ascende a meu trabalho dos anos 70, *Notícia, um Produto à Venda (Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial)*.
  
- B. A práxis de um agente cultural interveniente no processo da mediação social tem sido outro caminho de pesquisa e formulações teóricas, cujos antecedentes foram registrados também nos anos 70 em dois livros (*A Arte de Tecer o Presente e Profissão Jornalista: Responsabilidade Social*). Recentemente passei a me lançar a um quadro de fundo neste capítulo, ou seja, a cosmovisão do jornalista. Preocupa-me sobremaneira, o aparato simplista e simplificador com que o profissional médio atua frente ao real imediato, matéria-prima da informação socialmente significativa. Tenho desenvolvido reflexões públicas acerca do problema e trabalho, na Universidade de São Paulo, com



a proposta de abertura de novos horizontes para o jovem aprendiz na mediação social da informação.

- C. Em um projeto mais ousado, procuro encontrar linhas de aperfeiçoamento da cosmovisão do mediador social (jornalista) e, entre elas, está a plena exposição à cultura dos povos que se pode dar através do contato corpo a corpo da reportagem e do contato simbólico da arte e da literatura. Jornalismo e especulação de traços culturais da(s) sociedade(s) contemporânea(s) constituem uma emergência tanto na graduação, quanto na pós-graduação e na especialização profissional.
- D. Uma vez detectada a importância da Cultura no perfil e desempenho do mediador social, invisto, teoricamente, nesta área transdisciplinar para equipar as abrangências das reflexões. Ao implantar, na pós-graduação de Ciências da Comunicação, o curso de Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo (hoje desdobrado em I e II), venho fazendo um esforço para não só aí reunir as tendências cumulativas do saber, como enfatizar, no Teorias-II, o significado da Teoria Cultural, portanto, abrangente do caldo interdisciplinar que aí comparece.
- E. Concretamente, é preciso desenvolver um relato jornalístico eticamente inserido no processo da mediação social, tecnicamente complexo e competente e esteticamente revelador. O projeto de experimentação dessa linguagem também está presente na minha atividade científica cotidiana.

1. Artigos produzidos para participações públicas.

- 1.1. *Direto à Informação, utopia dos deserdados?* *doc. / 138*  
Texto apresentado no seminário acadêmico promovido pela Universidade de São Paulo, a 25 de agosto de 1987. Publicado na série Profissão Comunicação Jornalística e Editorial, organização de José Marques de Melo, no volume *Direto à Informação, Direito de Opinião*, CJE/ECA/USP, 1987.
- 1.2. “Ética e Técnica da Informação na Cultura Industrial”, texto apresentado no XV Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), em São Bernardo, 31 de outubro de 1987. Publicado em 1987. *doc. / 139*
- 1.3. “Teoria e Prática, Diálogo de Continentes”, texto apresentado no I Simpósio Brasileiro de Metodologia da Pesquisa em Comunicação, promovido pela Intercom, em Campinas, a 10 de setembro de 1987. Publicado em tiragem de difusão dirigida ao pós-graduação de Ciências da Comunicação (xerox), no volume **Hemisfério Sol-1**, organizado por Cremilda Medina para o curso Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo, 1988. *doc. / 140*
- 1.4. “Comunicação e Educação no jogo dos espelhos”, texto apresentado ao Congresso da Intercom, em Campinas, 2 de setembro de 1987. Inédito. 1987. *doc. / 141*
- 1.5. “América latina, autonomia de vôo em questão”, aula de encerramento do primeiro curso de pós-graduação Teorias latino-Americanas de

Comunicação Social e Jornalismo, publicado em tiragem de difusão dirigida (xerox) no volume **Hemisfério Sol-1**, organizado por Cremilda Medina,

1988.

- 1.6. “Poder e Coragem no Planeta Acontecer”, conferência apresentada no curso de difusão cultural — *Imprensa Italiana: Perspectivas Brasileiras* —, organizado pelo Centro de Estudos Italianos e o Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo, no primeiro semestre de 1987. Publicado na série Pesquisa Comunicação Jornalística e Editorial, no volume *Imprensa Italiana: Perspectiva Brasileiras*, CJE/ECA/USP,

1987.

- 1.7. “Na estreita fronteira entre Literatura e Jornalismo”, conferência apresentada no III Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura, promoção da PUC-RS e do Instituto de Cultura Yázigi, em 27 de agosto de 1987. Publicado nos anais do seminário, Porto Alegre, PUCRS/YÁZIGI,

1987.

- 1.8. “Identidade da rotina, identidade da inovação”, texto apresentado no ciclo de debates “São Paulo tem jeito?”, promoção dos jornais *Shopping/City News-Jornal da Semana*, no Centro de Convenções Rebouças. Publicado nesses jornais, nas edições 1ª e 8 de setembro de 1987.

1987.

doc. / 142

doc. / 143

doc. / 144

- 1.9. “Femenino Singular? Ou a singularidade da Arte?”  
Texto apresentado no seminário “Femenino singular — Literatura Brasileira Contemporânea: a participação da mulher”, promoção do Arquivo Municipal de Rio Claro, Rio Claro, 24 de abril de 1987.  
1987. *doc. / 145*
- 1.10. “Perfil de mulher no vídeo: estética da tradição”, texto apresentado no seminário “A Mulher e a Mídia”, promoção do Instituto Goethe de Curitiba, 26 e 27 de novembro de 1987. Publicado  
1987. *doc. / 146*
- 1.11. “Política de Informação na Universidade”, texto apresentado ao Forum de Assessores de Comunicação das Universidades Brasileiras, realizado em Florianópolis a 13 de março de 1988. Inédito.  
1988. *doc. / 147*
- 1.12. “Por uma teoria trialógica da mediação social”, conferência apresentada ao II Congresso Brasileiro de Cibernética Social, realizado em São Paulo, na Escola de Sociologia e Política, promoção da Associação Brasileira de Cibernética Social, de 7 a 10 de setembro de 1988.  
1988. *doc. / 148*
- 1.13. “Cosmovisão do Jornalista: do simplismo à complexidade”, texto apresentado ao Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, na mesa de depoimentos sobre a “Memória da Imprensa Paulistana Hoje”, Biblioteca Mário de Andrade, 19 de outubro de 1988. Inédito.  
1988. *doc. / 149*

- 1.14. “Leitor cultural ou mediador da informação coletiva”, aula teórica apresentada ao curso de pós-graduação Teorias latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo, ECA/USP, maio de 1988.  
1988. doc. / 150
- 1.15. “Entrevista, gênero jornalístico?, texto publicado na série Pesquisa Comunicação Jornalística e Editorial, no volume *Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo*, organizado por José marques de melo, CJE/ECA/USP,  
1987. doc. / 151
- 1.16. “De frente, olho no olho, encarando os desmandos do mundo”, in *Autores Gaúchos — Tânia Jamaro Faillace*, nº 17, publicação do Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre,  
1988. doc. / 152
- 1.17. “A literatura e os meios de comunicação”, in os anais da 3ª Bienal Nestlé de Literatura, São Paulo,  
1987. doc. / 153
- 1.18. “A Literatura Brasileira no Exterior”, texto apresentado aos seminários da 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, em Salvador, novembro de 1987.  
1987. doc. / 154
2. Projetos de pesquisa na Graduação e na Pós-Graduação.
- 2.1. **São Paulo de Perfil**, projeto apoiado pela Escola de Comunicação e Artes e pelo CNPq (através de bolsistas de iniciação científica). Os estudantes de doc. / 155

Jornalismo de V e VI semestres, ao frequentarem os cursos de Redação Jornalística-Oralidade e Redação Jornalística-Interpretação, se engajam no projeto **São Paulo de Perfil** e produzem um livro de grande reportagem por semestre com uma unidade temática, da atualidade brasileira e sobretudo paulista. De 1987, quando foi implantado, a 1988, foram produzidos quatro títulos:

*Virado à Paulista — Constituinte/1987* (perfil de 17 constituintes paulistas).

*Vozes da Crise* (histórias de vida).

*1968-1988/Nos passos da rebeldia* (movimentos estudantis no Brasil).

*Forró na garoa* (migração nordestina para São Paulo).

- 2.2. **Hemisfério Sol**, projeto de compilação e produção de textos nos cursos de pós-graduação. A cada curso, os estudantes criam uma edição (xerocopiada) que compõe a série *HEMISFÉRIO SOL*. Os três cursos já realizados deixaram de saldo três volumes:

- 2.2.1. *Hemisfério Sol-1*, balanço das teorias latino-americanas de Comunicação Social e Jornalismo dos anos 40 aos anos 70;
- 2.2.2. *Hemisfério Sol-2*, compilação de textos que remetem às principais tendências da atualidade;
- 2.2.3. *Hemisfério Sol-3*, criação de textos cujo tema é leitura cultural da América Latina, através do romance contemporâneo.

doc. / 156

## **II - Experiências Docentes (Cursos) e Atividades Acadêmicas em Congressos, Seminários, Simpósios, Conferências e Encontros**

**N**os anos 70, assumi uma febril atividade docente que ultrapassou os limites da sala de aula na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Me propus um certo percurso itinerante não só no Brasil como na América Latina. O período de intensa dedicação profissional no jornal **O Estado de S. Paulo** me obrigou a deixar um pouco de lado este “apostolado”, mas, ao reingressar na Academia, em 1984, através de cursos especiais e, em 1986, como docente concursada, foi praticamente natural a retomada dessa proposta pedagógica desenvolvida anteriormente.

Por esta razão, os cursos aqui indexados, outra vez ultrapassam o espaço específico do Departamento de Jornalismo da ECA/USP. Da mesma forma, as participações em congressos, seminários, simpósios, encontros e conferências também extravasam não só o recinto acadêmico como até mesmo a temática do Jornalismo e da Comunicação Social. Muito envolvida com

a área cultural, tanto pelo histórico profissional — sobretudo os dez anos no jornal **O Estado de S. Paulo**, ou os cinco na **Editora Globo** de Porto Alegre, na década de 60 — quanto por meus interesses e afinidades pessoais, tenho transitado em ambientes públicos variados.

Tal mobilidade é enriquecedora para aquilo que considero a coluna vertebral de minha formação: uma cosmovisão complexa ao lidar com a realidade imediata. Embora a opção afunilada — constituir-me mediadora social da informação jornalística —, o olhar complexo e sintonizado na rede cultural que tece os significados adquire acuidade neste projeto de amplo trânsito.



## 1. CURSOS

1.1. Cursos de graduação ministrados regularmente, desde o primeiro semestre de 1987, no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

1.1.1. Redação Jornalística — II, Interpretação e Opinião. Este curso mantém um laboratório jornalístico — **São Paulo de Perfil**, um livro de grande reportagem — e desenvolve a experimentação da linguagem do Diálogo Social (da pauta à edição), proposta teórica de Redação Jornalística - II.

*doc. / 157*

1.1.2. Redação Jornalística — III, Oralidade. O curso está também vinculado ao projeto laboratorial **São Paulo de Perfil** e resulta em um livro de grande reportagem, com ênfase no resgate de vozes populares e sua rica expressão na oralidade brasileira e pluralidade cultural.

*doc. / 158*

1.2. Cursos de pós-graduação ministrados regularmente, a partir de 1987, em Ciências da Comunicação, Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e credenciados ao pós-graduação para estudantes latino-americanos, iniciativa interdisciplinar da Universidade de São Paulo, no programa **PROLAM**.

1.2.1. Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo - I. O curso

*doc. / 159*

percorre as tendências teóricas que tiveram maior presença na América Latina dos anos 40 aos anos 80.

- 1.2.2. Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo - II. O curso acentua as tendências mais contemporâneas no contexto da crise dos paradigmas e seu entrecruzamento com as mediações culturais.

*doc. / 160*

- 1.3. Cursos ministrados a públicos externos à Universidade de São Paulo, no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- 1.3.1. III Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo. Tema: Metodologia do Ensino de Redação Jornalística. O curso foi ministrado também pelas professoras Dra. Dulcília H. Schroeder Buitoni, e Therezinha F.T. Dias Fernandes. Na parte que assumi, trabalhei com as unidades de metodologia propriamente dita e com o ensino-aprendizado de Interpretação e Oralidade na redação jornalística.

*doc. / 161*

3 a 8 de dezembro de 1987.

- 1.3.2. Técnicas de Reportagem. Curso oferecido pela **Intercom**, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em que desenvolvi minha proposta de Diálogo Social através da reportagem.

*doc. / 162*

7 a 9 de abril de 1988.

1.4. Cursos ministrados fora da Universidade de São Paulo.

1.4.1. Redação Jornalística. Curso oferecido pela Universidade Estadual de Londrina por ocasião da I Bienal do Livro de Londrina. Jornalistas e Estudantes de Comunicação Social frequentaram o curso em que desenvolvi minha proposta de uma linguagem criativa, a serviço da interação social.

6 a 9 de maio de 1988.

*doc. / 163*

1.4.2. Leitura Crítica dos Meios de Comunicação. Curso oferecido pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição, agregada à Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desenvolvi, neste curso, um projeto-piloto de preparação do professor da escola secundária para iniciar o estudante de segundo grau à leitura crítica dos meios de comunicação.

4 a 6 de julho de 1988.

*doc. / 164*

1.4.3. Da Pauta à Edição — Por uma Comunicação Social. Curso oferecido pela ABERJE (Associação Brasileira de Editores de Revistas e Jornais de Empresa), em que desenvolvi, com jornalistas, assessores de imprensa e relações públicas, um projeto inovador de mediação social da informação tanto no âmbito da comunicação empresarial interna quanto da empresa com a comunidade. De junho a agosto (36 horas) de 1986.

*doc. / 165*

## 2. CONGRESSOS, SEMINÁRIOS, SIMPÓSIOS E CONFERÊNCIAS

- 2.1. Heróis e Fantasmas — A trama diária do Comunicador. Seminário promovido pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Participei como expositora do tema “Os dialetos do comunicador — variedade e instrumental de trabalho”, no dia

22 de setembro de 1988.

*doc. / 166*

- 2.2. Simpósio sobre o ensino do Jornalismo no Brasil, promoção do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Comunicação Social da PUC-MG e apoio do CNPq. Participei como expositora.

23 a 24 de outubro de 1987.

*doc. / 167*

- 2.3. Seminário Comunicação e Cultura, promoção do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Participei como expositora.

*doc. / 168*

- 2.4. “Teorias Latino-Americanas de Comunicação”, conferência apresentada ao curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Dia 5 de julho de

1988.

*doc. / 169*

- 2.5. Registro da Memória Paulistana — A Imprensa Paulistana Ontem e Hoje, promoção do Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Coordenei a sessão de depoimentos do dia 19 de outubro de 1988, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade.

*doc. / 170*

- 2.6. Seminário “Imagem de Mulheres em Programas de Televisão”, promoção do Instituto Goethe em Curitiba. Participei como expositora e debatedora nos dois dias da programação,  
27 e 28 de abril de 1987. *doc. / 171*
- 2.7. Seminário de Literatura — 4ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, desenvolvido em Salvador. Participei como debatedora do tema “Literatura Brasileira e Comunicação”. Dia 11 de julho de 1987. *doc. / 172*
- 2.8. III Seminário integrado de Ensino de Língua e Literatura — Os Programas de Língua e Literatura em Questão. Promoção da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras da PUC do Rio Grande do Sul e Centro Yázigi de Educação e Cultura. Participação como expositora,  
29 de agosto de 1987. *doc. / 173*
- 2.9. IV ENOL — Encontro Nacional dos Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, promovido pelo Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora. Participei como Expositora, no dia  
15 de abril de 1987. *doc. / 174*
- 2.10. Palestra na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), no Departamento de Jornalismo,  
6 de maio de 1987. *doc. / 175*
- 2.11. Direito à Informação / Direito de Opinião, Seminário Acadêmico promovido pela Universidade de São Paulo. Participei como relatora de uma das três sessões no dia 25 de agosto de  
1987. *doc. / 176*

- 2.12. Curso de Difusão Cultural, promovido pelo Centro de Estudos Italianos da Universidade de São Paulo, e pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da mesma universidade, sobre “A Imprensa Italiana: Perspectivas Brasileiras”. Participei como expositora do tema “A técnica de entrevista em Oriana Falacci”, no dia  
29 de abril de 1987. *doc. / 177*
- 2.13. Congresso Intercon 87, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Inerdisciplinares da Comunicação e a PUC de Campinas. Participei como palestrante em duas sessões: “Comunicação e Educação” e “Tendências da Pesquisa em Comunicação”, dias 5 e 8 de setembro de 1987. *doc. / 178*
- 2.14. A Cidade em Debate, ciclo de debates promovido pelos semanários **Shopping/City News-Jornal da Semana**, cujo tema era “São Paulo tem jeito?”. Participei como expositora na sessão “Cultura da Cidade”, no Centro Cultural Rebouças, no dia  
1º de Setembro de 1987. *doc. / 179*
- 2.15. 1ª SET Universitário, promoção da Faculdade de Meios de Comunicação da PUC, Rio Grande do Sul. Participei como expositora do tema “Novas Propostas de Linguagem na Comunicação Social”, Porto Alegre,  
20 de maio de 1988. *doc. / 180*
- 2.16. Seminário Produção Social da Comunicação, promovido pelas disciplinas Comunicação e Cultura, Teoria da Comunicação, *doc. / 181*

Reportagem III e Planejamento Gráfico do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Participei como expositora do tema “As condições de produção nos meios de comunicação de massa e seus efeitos no produto final”. Belo Horizonte, dia 3 de agosto de 1987.

- 2.17. IIIª Semana da Jornalismo da PUC-São Paulo, promovido por esta Universidade. Participei como convidada debatedora do tema “E depois de formado?”, no dia 11 de abril de 1988. *doc. / 182*
- 2.18. Curso Livre — “Portugal Personagem da Cultura Contemporânea”, promoção do Centro Cultural 25 de abril de São Paulo. Participei como expositora do tema “A Cultura Portuguesa”, do dia 18 de abril de 1986. *doc. / 183*
- 2.19. XIII Semana de Estudos de Jornalismo, promoção do Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo e apoio do CNPq. Participei como organizadora e coordenadora dos debates que se realizaram na Universidade de São Paulo, de 19 a 23 de maio de 1986, e abordaram o tema “Jornalismo na Nova República”. *doc. / 184*
- 2.20. Palestra “A melhoria da Qualidade de Ensino de Jornalismo e a Exigência do Diploma para o Exercício Profissional”, apresentada na Universidade de Bauru, Estado de São Paulo, no dia 29 de abril de 1986. *doc. / 185*

- 2.21. 1º Congresso Internacional sobre Toxicomanias, promovido pela Sociedade de Psicologia de São Paulo. Participei como debatedora do tema “A Política Internacional das Drogas”, no dia 24 de agosto de 1986. *doc. / 186*
- 2.22. V Encontro dos Jornalistas Baianos, promoção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado da Bahia. Participei como expositora do tema “Questão do Diploma de Jornalismo”, no dia 28 de agosto de 1986, em Salvador. *doc. / 187*
- 2.23. Semana Universidade de Bauru, promoção de Departamento de Comunicação Social. Participei como palestrante do dia 5 de outubro de 1987, abordando as etapas históricas e perspectivas dos cursos de Comunicação Social. *doc. / 188*
- 2.24. Curso Literatura Brasileira Contemporânea: A Participação da Mulher, promovido pelo Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, Estado de São Paulo. Participei como Expositora do tema “Os anos 60 e a revolução feminina”, no dia 24 de abril de 1987, em Rio Claro. *doc. / 189*
- 2.25. XV Congresso Brasileiro de Comunicação Social, promovido, pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social e a Faculdade de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior, em São Bernado do Campo, de 29 de outubro a 1 de novembro de 1987, cujo tema foi “Políticas de Comunicação — Participação *doc. / 190*



Popular". Atuei como coordenadora e expositora.

- 2.26. ACORDIAL: 1ª Reunião Dialogal em Torno do Acordo Ortográfico na comunidade da Língua Portuguesa, promovido pelo Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Participei como conferencista, no dia 9 de abril de 1987. *doc. / 191*
- 2.27. 6º Encontro dos Assessores de Comunicação das Universidades Brasileiras, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina. Participei como palestrante no dia 15 de abril de 1988, em Florianópolis. *doc. / 192*
- 2.28. I Seminário Latino-Americano sobre o Impacto das Novas Tecnologias da Informação sobre os Jornalistas e os meios de Comunicação, promoção do curso Teorias Latino-Americano de Jornalismo e Comunicação Social, que ministrou a nível de pós-graduação, e que contou com o conferencista convidado Fernando Reyes Matta, pesquisador do ILET, Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales, e o apoio da CCINT-USP. O seminário, por mim organizado e coordenado, se realizou no Departamento de Jornalismo e Editoração da Universidade de São Paulo, de 3 a 5 de novembro de 1987. *doc. / 193*
- 2.29. 2º Congresso Brasileiro de Cibernética Social, promoção da Associação Brasileira *doc. / 194*

de Cibernética Social (ABC-Social), em São Paulo, na Escola de Sociologia e Política, de 7 a 10 de setembro. Participei regularmente do Congresso e apresentei a conferência “Por uma teoria dialógica da mediação social”.

- 2.30. GEIN-USP — Grupo de Estudo Interdisciplinar do Negro, seminário interdisciplinar na Universidade de São Paulo, que se realizou na Faculdade de Economia e Administração no dia 29 de outubro de 1987. Participei como debatedora.

*doc. / 195*

- 2.31. Simpósio “A Transição Política: Necessidade e Limites da Negociação”, promovido pela Universidade de São Paulo, de 16 a 19 de junho de 1987. Participei como ouvinte.

*doc. / 196*

### III - Viagens de Pesquisa

**Q**uando retornei à Universidade, no terceiro ciclo (o primeiro, de 1968 a 1970, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o segundo, de 1971 a 1975, na Universidade de São Paulo), após onze anos de afastamento da pesquisa mais disciplinada, percebi que devia reatar certos laços basilares em minha linha de trabalho. Um deles: o contato com institutos de pesquisa e investigadores da América Latina. Havia circulado intensamente na década de 70 pelo Continente Sul-Americano, mas, depois, com a atividade jornalística, o círculo se abriu para uma geografia mais difusa. Viajei com freqüência para a Europa, estive na União Soviética e fiz incursões na África. Embora uma ou outra passagem pela América Latina, distanciei-me temporariamente da área de pesquisa.

Por esse motivo, em 1987, pautei uma viagem de estudos nas minhas férias na Universidade, arcando, inclusive, com o ônus do deslocamento, pois não houve tempo e oportunidade formais de requerer a ajuda de custos a agências financiadoras. Visitei a Argentina e o Chile e estabeleci contatos muito enriquecedores com institutos de pesquisa e com intelectuais que refletem sobre as Ciências Humanas e a Comunicação Social.

Dai resultou uma ampliação significativa de curso de pós-graduação — Teorias Latina-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo, sob minha responsabilidade.

Em 1988, às voltas como o foco cultural de “Povo e Personagem”, a tese de livre-docência, vi como fundamental a participação em um congresso internacional, em Barcelona, cujo tema era “Identidade Cultural”. Desta vez também fui obrigada a viajar por conta própria, porque por motivos de doença grave na família, não tinha nenhuma certeza quando à possibilidade de sair do Brasil e não pude me inscrever oficialmente no Congresso e solicitar ajuda de custos ao CNPq. Como no caso de 1987, valeu e muito o investimento, apesar dos poucos recursos com que viajei. Aproveitando a passagem transcontinental, ainda me desloquei ao Marrocos e Portugal, onde se multiplicaram os contatos, sobretudo com intelectuais e pesquisadores de Rabat e de Fez, no Marrocos. Quanto a Barcelona, foi fundamental a circulação nos meios culturais preocupados com a questão da identidade (na Europa e no Terceiro Mundo), bem como a atualização bibliográfica que pude realizar.

Foi sobremaneira gratificante verificar que uma das tendências mais fortes na Comunicação Social e nas Ciências Humanas é justamente a sensibilização e reflexão perante os componentes culturais da sociedade, tendência essa que venho investigando no meu projeto de pesquisa.

1. Viagem à América Latina. Julho de 1987. Percorrendo institutos de pesquisa de Ciências Sociais e de Comunicação Social, Universidades e outras instituições ativistas em Buenos Aires e Santiago do Chile, junho de 1987, trouxe, além do reatamento de intercâmbio, vários textos atualizados e a listagem de contatos que pus à disposição de Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Apliquei muitos desses textos novos (inéditos) no curso de Pós-Graduação Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo. Além disso, preparei um documento de referência para o curso de 1987 (segundo semestre).

*doc. / 197*

2. Viagem a Barcelona: XVI Conferência da IAMCR — International Association for Mass Communication Research, Barcelona, 24 a 29 de junho de 1988.

*doc. / 198*

*doc. / 199*

Frequentei o Congresso e recolhi documentos sobretudo nas sessões que elegi como nucleares — as que abordavam o tema “Identidade Cultural”. Dos contatos, o que se destacou foi o que desenvolvi com a pesquisadora galega Margarida Ledo Andi6n, professora de fotojornalismo na Universidade Aut6noma de Barcelona. Mantivemos um primeiro di6logo no sentido de um futuro intercâmbio de experi6ncias e de pesquisa, porque a referida professora est6 montando um p6s-gradua66o na Gal6cia, na 6rea de Comunica66o Social, e se mostrou muito interessada em desenvolver atividades de coopera66o com o p6s-gradua66o da Universidade de S6o Paulo.

3. Viagem ao Marrocos. Julho de 1988.

*doc. / 200*

Em Rabat estabeleci um contato com um professor de Arquitetura e Hist6ria da Arte Mu6ulmana, Ali Adghirni, que, al6m de me acompanhar na visita ao Marrocos e 6

cultura muçulmana, se mostrou interessado em desenvolver contatos e intercâmbios com a Universidade de São Paulo.

Em Fez, conheci um professor da Universidade local, uma das mais importantes do país, Driss Guerraqui, doutor em Ciências Econômicas pela Universidade de Lyon, na França. Autor de uma coleção de livros, para universitários, autor também de um dos títulos — *Commet Faire un esposé* —, o pesquisador está interessado em realizar um intercâmbio editorial destes títulos básicos com a Universidade de São Paulo, em particular com as publicações do Departamento de Jornalismo e Editoração.

Por outro lado, Driss Guerraqui, especialista em agricultura do Terceiro Mundo, se mostrou disposto a vir à USP para um curso ou seminário sobre essa emergente temática. Ele me incumbiu de estabelecer os contatos necessários para que tal intercâmbio se efetue.

4. Viagem a Portugal. Julho de 1988.

Aproveitando a passagem por Portugal, mantive novos e enriquecedores contatos com dois escritores, objeto de estudo de minha tese de livre-docência, que resultaram em coleta de novos textos (criativos e críticos) muito oportunos a meu trabalho desenvolvido de agosto a dezembro de 1988. Fernando Correa da Silva me proporcionou os originais de seu novo romance, posterior a *Mata-Cães*, livro por mim analisado em “Povo e Personagem”.

José Saramago pôs à minha disposição todo o seu arquivo de resenhas, críticas, estudos sobre sua obra e duas teses defendidas no Brasil. Desse material recolhi uma ampla coletânea do pensamento crítico e ensaístico sobre o autor e sua obra, em particular “A Jangada de Pedra”, objeto de estudo em “Povo e Personagem”.

doc. / 201

doc. / 202

## **IV - Atividades de Extensão Universitária**

**D**e 1987 a 1988, a Universidade de São Paulo, na gestão do reitor José Goldemberg, tomou algumas iniciativas para reativar a área de extensão de serviços à comunidade. Em duas dessas iniciativas fui diretamente envolvida, o que reforçou minha vocação inter e transdisciplinar.

Eis o terceiro pé da Universidade que muito me gratifica, uma vez que pesquisa e ensino só se completam com a extensão de serviço à comunidade. Uma vez que trabalho com a informação e a mediação social, torna-se óbvio meu alinhamento à plenitude do tripé que sustenta a opção universitária.

## 1. ATIVIDADES DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA INTERDISCIPLINARES

1.1. Em outubro de 1987, um grupo de trabalho nomeado pelo reitor da Universidade de São Paulo, o físico José Goldemberg, promoveu três reuniões com representações das unidades que compõem o corpo da USP, para se discutirem formas de intensificação da extensão de serviços à comunidade. O diretor da Escola de Comunicações e Arte, Walter Zanini, me encarregou de participar das reuniões em nome da ECA. Esta proposta teve ainda um desdobramento em 1988, no primeiro semestre letivo, e se encontra atualmente encaminhado um projeto de levantamento das atividades de extensão já desenvolvidas nas unidades para detectar quais as necessidades mais emergentes frente à demanda social.

*doc. / 204*

1.2. Em dezembro de 1987, por iniciativa de um grupo de trabalho nomeado pelo José Goldemberg, alguns professores da USP, entre eles, eu, nos reunimos para discutir o projeto de Centro de Ciências da Universidade de São Paulo. Em 1988, no decorrer das reuniões de planejamento, o prof. dr. Ernst Hamburger, da Física, me solicitou um plano de trabalho referente ao núcleo de informação do Centro de Ciências, que executei e encaminhei ao referido professor, coordenado do grupo de trabalho.

*doc. / 205*



2. ATIVIDADES DE EXTENSÃO CIRCUNSCRITA À ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

2.1. Projeto **São Paulo de Perfil**.

Os livros de grande reportagem sobre temas atuais de São Paulo, executados pelos estudantes de Jornalismo, 5º e 6º semestres, nas disciplinas que oriento — Redação Jornalística, Interpretação e Redação Jornalística, Oralidade —, são distribuídos nas comunidades externas à universidade.

O público-alvo do projeto é o jovem de segundo grau e *São Paulo de Perfil* trabalha com escolas-piloto onde colhe um *feed-back* imediato a respeito da linguagem de diálogo social (proposta experimental do projeto).

2.2. **Revista Comunicações e Artes**.

Participo do conselho editorial, em que examino os artigos que são apresentados para publicação.

2.3. Seleção de candidatos para curso de aproveitamento de jornalistas recém-formados na Editora Abril. Participei da comissão selecionadora em 1987.

*doc. / 206*

*doc. / 207*

*doc. / 208*

## **V - Bancas, Exames de Qualificação e Orientações de Tese**

**D**evido ao trânsito cultural mais abrangente que tenho percorrido, sobretudo minha exposição à literatura (até mesmo porque frequentei o curso de Letras na minha graduação), já tive duas participações em bancas da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, e outra no Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As demais participações se deram na ECA.

Quando às orientações de tese em nível de Mestrado ou em Doutorado, atendem à relativa multiplicidade de linhas de trabalho já expostas anteriormente. O leque de oito orientandos vai de pesquisas específicas do processo jornalístico a questões mais profundas de linguagem, bem como pretendem tocar no quadro internacional da informação.

1. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS.

- 1.1. *O Press-Release e o discurso jornalístico: aspectos de uma abordagem linguística e semiótica*, dissertação de mestrado defendida por Maria Lourdes Moter, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, área de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística e Línguas Orientais, em  
27/03/1987. dos. / 209
- 1.2. *Antônio de Alcântara Machado: Prática Jornalística, a Busca da Renovação*, dissertação de mestrado defendida por Santa Maria Nogueira da Silva na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, em  
25/05/1987. doc. / 210
- 1.3. *O Jornalismo nas Comunidades Eclesiais de Base (Estudo de caso do jornal Grita Povo da Região Episcopal de São Miguel Paulista — SP)*, dissertação de mestrado apresentada por Pedro Gilberto Gomes ao Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em  
novembro de 1987. doc. / 211
- 1.4. *Jornalismo: A Prática e a Gramática. A questão da influência do projeto pedagógico UNESCO/CIESPAL nos rumos do ensino de Jornalismo no Brasil*, dissertação de mestrado apresentada por Fátima Aparecida Feliciano ao Departamento de Jornalismo e Editoração da doc. / 212

Escola de Comunicações e Artes da Universidade  
de São Paulo, em

10/12/1987.

- 1.5. *Mídia Nativa. Um estudo sobre a cultura regional do Rio Grande do Sul e sua relação com a Indústria Cultural*, dissertação de mestrado apresentada por Nilda Aparecida Jacks à Comissão de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em

22/12/1987.

doc. / 213

- 1.6. *Cães da Província*, romance apresentado como tese de doutoramento, de autoria do escritor Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva, à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na área de Teoria da Literatura e Letras, em

10/08/1987.

doc. / 214

- 1.7. *Comunicação e Participação. Os meios de Comunicação de Massa como Sujeitos Políticos*, tese de doutoramento apresentada por Domingos de Freitas Filho à Comissão de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em

22/06/1988.

doc. / 215

## 2. EXAMES DE QUALIFICAÇÃO

2.1. Exame de qualificação em nível de mestrado de Pedro Gilberto Gomes, sob a orientação do Prof. Dr. José Marques de Melo, na Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, a

29/08/1986.

*doc. / 216*

2.2. Exame de qualificação em nível de mestrado de Fátima Aparecida Feliciano, sob a orientação do Prof. Dr. José Marques de Melo, na Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em

29/08/1986.

*doc. / 217*

2.3. Exame de qualificação em nível de mestrado de Nilda Aparecida Jacks, sob a orientação da Profa. Dra. Anamaria Fadul, na Pós-Graduação de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, em

22/05/1987.

*doc. / 218*

## 3. ORIENTAÇÃO DE TESES

Credenciamento junto à CPG, em 18 de agosto de 1987.

*doc. / 219*

Orientações selecionadas em 1987.

3.1. Genny Cemim de Amayo, orientada em nível de doutoramento, cujo projeto de tese é um estudo de caso da edição jornalística da Dívida Externa brasileira. Esta análise procura realizar o confronto com o tratamento jornalístico dado ao mesmo tema

*doc. / 220*

na órbita dos países credores, em especial na imprensa norte-americana.

- 3.2. Santa Maria Nogueira Silveira, orientada em nível de doutoramento, está pesquisando a estrutura das editorias políticas na grande imprensa, tomando como amostragem a cobertura de eleições em 1988/1989. *doc. / 221*
- 3.3. Annelina Trigeiro de Lima, da Universidade Federal da Paraíba, orientada em nível de mestrado, desenvolve a seguinte dissertação: *As relações entre imprensa e poder político no Jornalismo paraibano contemporâneo.* *doc. / 222*
- 3.4. Fátima Maria Dantas da Costa, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, responsável pela editoria da instituição, orientada em nível de mestrado, propõe um diagnóstico das editoras universitárias no Brasil. *doc. / 223*
- 3.5. Lucilene Cury, orientada em nível de doutoramento, está trabalhando numa proposta experimental de difusão da literatura latino-americana para crianças através da rádio. *doc. / 224*

#### TRANSFERÊNCIA DE ORIENTAÇÃO EM 1988.

- 3.6. Sérvulo Sérgio Donizete Alves Antunes, orientando a nível de mestrado, propõe um diagnóstico das culturas do Vale do Jequitinhonha - movimentos, modernização industrial e identidade cultural. *doc. / 225*

#### ORIENTAÇÕES SELECIONADAS EM 1988

- 3.7. Francisco José Castilhos Karam, da Universidade Federal de Santa Catarina, apresenta um projeto de dissertação de mestrado que pretende diagnosticar *doc. / 226*

a evolução da *Nova Ordem da Informação na América Latina* dos anos 70 aos anos 80.

- 3.8. Glauco Rodrigues, se candidatou ao mestrado com um projeto de pesquisa sobre a linguagem jornalística — tradição e criação —, estabelecendo um confronto entre um grande jornal paulistano e um jornal de cidade do interior de São Paulo.

doc. / 227

## **VI - Orientações de Monografias: Conclusão de Curso de Graduação**

**O** Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo implantou, em 1988, o sistema de monografias de conclusão de curso de graduação. Esta iniciativa pretende aprofundar a formação dos bacharéis em Jornalismo tanto no seu preparo técnico quanto na sua solidez acadêmica. A formação universitária de um profissional deve ter como alicerces a capacidade para o desempenho técnico bem como a fundamentação científica para um projeto de pesquisa de longo curso, que no se esgota, portanto, com a graduação.

Neste sentido, a monografia de conclusão de curso (TCC) fixa estes alicerces e o candidato se submete a uma banca examinadora acadêmica para então obter seu diploma **universitário**.



1. Credenciamento junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) para orientação de monografias de conclusão de curso (TCC). doc. / 228
  
2. Orientações da primeira turma de TCC, segundo semestre de 1988:
  - 2.1. Angelo Akimitsu Ishi: *A imprensa nipo-brasileira em São Paulo: um estudo de caso.* doc. / 229
  - 2.2. Maria Fernanda D. de Brito: *A ideologia e a práxis da Nova Era — um tema cultural da grande imprensa.* doc. / 230
  - 2.3. Rodrigo H.L. Contrera: *O novo eleitor de 16 anos: perfil jornalístico do comportamento em 1988.* doc. / 231
  - 2.4. Sibelle C. Bellei Pedral: *Revisão do conceito de produtividade na universidade: estudo do caso USP.* doc. / 232
  - 2.5. Tereza Maria F. Rangel: *Introdução e difusão jornalística do tema Ecologia: um estudo de caso, Jornal da Tarde.* doc. / 233
  - 2.6. Adriana Salles Gomes: *O economês e a legibilidade das editoriais de economia — conceituação e experimentação em uma grande reportagem.* doc. / 234

## VII - Bancas de Concursos de Ingresso na Universidade

**E**mbora três convites — dois em 1987 e um em 1988 — para participar de banca de concurso de ingresso de docente na Universidade, apenas aceitei um deles, devido a excesso de deslocamento de São Paulo. Dei prioridade a congressos e seminários em detrimento desta outra atuação que exige de três a quatro dias de trabalho. Por outro lado, minha pesquisa de livre-docência me exigiu certa reclusão, especialmente no segundo semestre de 1988, período em que me dediquei ao texto final da tese *Povo e Personagem*.

Participação da Comissão Julgadora do Concurso Público para Professor Auxiliar, na área de Comunicação Social, na Universidade Federal do Paraná, nos dias 15, 16, 17 e 18 de junho de 1987.

*doc. / 235*

## VIII - Livros Publicados

**A** trilogia do inventário das literaturas em língua portuguesa estava incompleta quando defendi o doutoramento. Portanto, o terceiro livro referente aos escritores africanos consta desta parte do Memorial.

Os demais títulos desdobram a autoria de reflexão sobre o Jornalismo e a mediação social da informação, bem como a coordenação de projetos coletivos na atividade docente da Universidade de São Paulo.

1. AUTORIA INDIVIDUAL
  - 1.1. *Sonha Mamana África* São Paulo, ed. Epopéia, 1987. doc. / 236
  - 1.2. *Entrevista, o Diálogo Possível* São Paulo, ed. Ática, 1986. doc. / 237
  - 1.3. *Atravessagem*, ensaios, São Paulo, ed. Summus, no prelo. doc. / 238
  
2. REEDIÇÃO
  - 2.1. *Notícia, um produto à venda, Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*, São Paulo, Summus, 2ª edição, 1988. doc. / 239
  
3. ORGANIZAÇÃO
  - 3.1. *O Jornalismo na Nova República* org. São Paulo, ed. Summus, 1987. doc. / 240
  - 3.2. *Virado à paulista — Constituinte/87*, org. Série São Paulo de Perfil - 1. São Paulo, ECA/USP, 1988. doc. / 241
  - 3.3. *Vozes da Crise* org. Série São Paulo de Perfil - 2 São Paulo, ECA/USP, 1988. doc. / 242
  - 3.4. *1968-1988/Nos passos da rebeldia*, org. Série São Paulo de Perfil - 3 São Paulo, ECA/USP, 1989. doc. / 243
  
4. PUBLICAÇÕES DE CIRCULAÇÃO DIRIGIDA AOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO (Reprodução em xerox)
  - 4.1. *Hemisfério Sol - 1*, coletânea de textos organizada por Cremilda Medina e produzida pelos estudantes de pós-graduação, no curso Teorias Latino-Americanas de Jornalismo e Comunicação Social, reunindo as tendências teóricas dos anos 40 aos anos 70. ECA/USP, Maio de 1988. doc. / 244

4.2. *Hemisfério Sol - 2*, coletânea de textos latino-americanos (originais cedidos pessoalmente para circulação dirigida) organizados por Cremilda Medina para o curso de pós-graduação, Teorias latino-Americanas de Jornalismo e Comunicação Social.

ECA/USP, Abril de 1988.

doc. / 245

4.3. *Hemisfério Sol - 3*, coletânea de ensaios organizada por Cremilda Medina e produzida pelos estudantes de pós-graduação em Ciências da Comunicação, no curso Teorias Latino-Americanas de Jornalismo e Comunicação Social. São leituras culturais de romances latino-americanos.

ECA, USP, Janeiro de 1989.

doc. / 246

## IX - Produção Jornalística

**D**e 1986 até a conclusão da tese de livre-docência, reservei-me para o trabalho acadêmico, deixando um pouco de lado a produção jornalística. Devido à intensidade do trabalho de edição, redação e reportagem sobretudo no período 1975-1985, precisava realimentar a vertente teórica de minha produção.

Assim mesmo, em 1986 realizei o trabalho jornalístico mais desafiante e exaustivo de minha vida profissional — a série de reportagens na África (Moçambique, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Portugal, por causa dos africanos residentes em Lisboa). Esta tarefa culminou com o inventário dos escritores africanos de língua portuguesa que, desta vez, não foi publicado primeiro em jornal e depois em livro. *Sonho Mamana África* reúne o conjunto de 42 autores, tratados através da metodologia interpretativa dos outros dois livros (*Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea* e *A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje*). Entre coleta de informações, leitura de obras, reportagens na África e redação final do texto, incluindo as seleções antológicas dos

fragmentos literários e trabalho fotográfico, ocupei oito meses de intensa produção.

Apesar do “recesso” jornalístico no período 1986-1988, saíram alguns textos, a maioria publicada em *O Jornal* e *Jornal de Letras, de Lisboa*, em que colaboro.

## 1. TEXTOS PUBLICADOS EM JORNAL

- 1.1. “Um surpreendente encontro como o novo” — “A literatura portuguesa contemporânea”, Cremilda Medina, jornal/revista **LEIA**, abril de 1986. *doc. / 247*
- 1.2. “Um discurso imperial — Sarney responde à crise”, **O Jornal**, Lisboa, 22 de maio de 1987. *doc. / 248*
- 1.3. “Sonhos e ilusões saíram de cartaz” (Brasil), **O Jornal**, Lisboa, 10/07/1987. *doc. / 249*
- 1.4. “Reler a Inquisição em tempos nublados”, **O Jornal**, Lisboa, 29/05/1987. *doc. / 250*
- 1.5. O artigo acima referido mereceu uma citação especial de um professor de História de Coimbra que esteve no Congresso da Inquisição em São Paulo, tema de meu texto. Publicado em opúsculo aqui documentado. *doc. / 251*
- 1.6. “Carinho e ternura para Drummond”, **Jornal de Letras**, Lisboa, 31 de agosto a 6 de setembro de 1987. *doc. / 252*
- 1.7. “Da solidão de Borges a 900 mil visitantes... (Bienal do Livro em São Paulo)”, **Jornal de Letras**, 6 a 12 de setembro de 1988. *doc. / 253*
- 1.8. “Mãe África resiste na Esperança”, **Jornal do Campus**, 5 de fevereiro de 1987. *doc. / 254*



## X - Intercâmbios Culturais

O intercâmbio das literaturas de língua portuguesa se concretizou, para além das publicações de minha autoria, em eventos que mobilizaram encontros corpo-a-corpo dos escritores, artistas, intelectuais interessados, professores, estudantes e público leitor curioso de conhecer poetas e ficcionistas. Assim, no lançamento de *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*, organizei a vinda de doze escritores ao Brasil que percorreram São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Ouro Preto, Brasília, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife e Fortaleza, numa programação cultural que incluía eventos lançamentos, seminários nas universidades e encontros em museus e instituições literárias. (Já citado na primeira parte do Memorial.)

Por ocasião do lançamento de *A Posse da Terra — Escritor Brasileiro Hoje*, organizei um lançamento em Portugal, com a ida de dezoito autores que percorreram Lisboa, Évora, Coimbra e Porto, numa programação semelhante à anterior, e uma lançamento no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo, com o deslocamento de escritores de outras cidades. (Citado na primeira parte do Memorial.)

Por último, organizei mais dois eventos, resultantes dos acima referidos, que aconteceram já no período pós-doutoramento.

## 1. INTERCÂMBIO INTERNACIONAL

### 1.1. Oficina Literária

Em dezembro de 1986, aproveitando a Feira do Livro Português, iniciativa do Centro Cultural 25 de Abril, em São Paulo, organizei uma oficina de escritores de língua portuguesa para trabalhos sobre a criação artística contemporânea. Por Portugal trouxe José Saramago; pela África, José Luandino Vieira; pelo Brasil, vários escritores compareceram como, por exemplo, Lygia Fagundes Telles, Julieta de Godoy Ladeira, Ricardo Ramos, Sinval Medina, Ivan Ângelo, Ignácio de Loyola Brandão, Sílvio Fiorani, José Paulo Paes. Foram três dias de oficina em que, na mesa, coordenei o debate entre escritores e escritores e leitores (público).

doc. / 255

### 1.2. Lançamento de *Sonha Mamana África*

Organizei a vinda de sete escritores — três de Moçambique, três de Angola e um de Cabo Verde — que percorreram São Paulo, Campinas, Brasília, Rio, Salvador — numa programação de intercâmbio cultural em que se destacaram: um dia de jornada de África na Universidade de São Paulo, iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da USP e o **Jornal do Campus** do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a 11 de março de 1987; um seminário na UNICAMP, a 13 de março e outro seminário na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 17 de março.

doc. / 256

## XI - Referências ao Candidato e À sua Obra Publicadas na Imprensa Brasileira

- 1.1. Conjunto de três artigos do poeta, ensaísta e professor de literatura MANUEL CORREIA LEITÃO, de Rio Claro, sobre os três livros de inventário da literaturas em língua portuguesa *Viagem à literatura portuguesa contemporânea*, *A Posse da Terra - Escritor Brasileiro Hoje e Sonha Mamana África*. A série de artigos foi publicada em Rio Claro, Estado de São Paulo.
- 1.2. Em entrevista a **O Estado de S. Paulo**, no Caderno 2 de 27 de abril de 1988, José Saramago declara que *A Jangada de Pedra*, seu romance publicado em 1986, na edição portuguesa, e em 1988, na edição brasileira, foi concebido em 1982, no depoimento a Cremilda Medina, em Lisboa, quando esta trabalhava em *A Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*. A mesma declaração, Saramago a havia dado ao **Jornal de Letras**, de Lisboa, por ocasião do lançamento em Portugal, novembro de 1986.
- 1.3. Repercussões na imprensa brasileira, portuguesa e africana no lançamento de *Sonha Mamana África* e nos eventos culturais com a presença de sete escritores africanos em São Paulo, Campinas, Brasília, Rio de Janeiro e Salvador.

doc. / 257

doc. / 258

doc. / 259

- |      |  |                   |
|------|--|-------------------|
| 1.4. | Repercussões na imprensa paulista sobre a Oficina Literária organizada e coordenada por Cremilda Medina, com a presença de escritores brasileiros, José Saramago, de Portugal e Laudino Vieira, da África, no Centro Cultural 25 de Abril, em São Paulo, dezembro de 1986. | <i>doc. / 260</i> |
| 1.5. | Repercussão crítica do livro <i>Entrevista, o Diálogo Possível</i> , lançado em 1986.  | <i>doc. / 261</i> |
| 1.6. | Repercussões na imprensa do livro <i>Jornalismo na Nova República</i> , lançado em 1987.   | <i>doc. / 262</i> |
| 1.7. | Repercussões na imprensa paulista do livro <i>Virado à paulista — constituinte 87</i> , lançado em 1988.   | <i>doc. / 263</i> |
| 1.8. | Repercussões (entrevistas) de participações públicas de Cremilda Medina em São Paulo, Londrina, Florianópolis, Porto Alegre e Bauru.   | <i>doc. / 264</i> |

**Terceira Parte**  
**Da Livre Docência ao**  
**Concurso para Titular**

**SOB O SIGNO DA RELAÇÃO**

---

**A**pós o concurso de livre-docência, maio de 1989, projetaram-se as linhas de pesquisas assumidas no retorno à Universidade de São Paulo, em tempo integral, janeiro de 1986. As provas do concurso legitimaram os projetos da graduação e da pós-graduação. Prossegue também a tendência de coletâneas de textos, organização de livros coletivos, após a fase anterior, caracterizada por títulos de autoria individual. O significado social da presente etapa se sobrepôs aos estudos e à carreira de solo. Animação cultural, ensino e orientação são marcas de maturidade.

No plano da animação cultural, sucedem-se itinerários nacionais, latino-americanos e internacionais. Como o mapeamento externo atingiu, nos anos 70, 80, um ciclo de exaustão, a nova década assinala percursos nacionais. Congressos, seminários, oficinas, cursos de especialização, pós-graduação *lato sensu* mobilizam a circulação pelas principais capitais brasileiras do Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Nestes itinerários, a temática mais requerida provém do âmbito **Informação e Sociedade** e a nova visão do mediador dos discursos da atualidade.

A graduação, na ECA, motiva a continuidade e expansão do Projeto **São Paulo de Perfil** que, a cada 5º e 6º semestres

do curso de Jornalismo, no CJE, edita um livro-reportagem. Nesta etapa, firmou-se um convênio com a Secretaria de Educação de São Paulo e um patrocínio com a Metal Leve para 500 dos mil exemplares impressos na gráfica da ECA. Esses 500 livros são doados a escolas de segundo grau, que os incorporam às bibliotecas após leitura em aula vinculada a dois grandes objetivos: 1) motivar, através da linguagem jornalística humanizada, o gosto pela leitura; 2) iniciar os adolescentes, por meio do livro-reportagem de temas atuais da cidade, do Estado de São Paulo e da cultura brasileira, aos compromissos da cidadania, já que se trata de um leitor de 16, 17 anos, votante pela nova Constituição. O projeto **SPP** está diretamente ligado ao ensino de Jornalismo (disciplinas Redação Jornalística II e III) e à proposta de pesquisa de linguagem — **O Diálogo Social**. Como tal, preenche os significados da Universidade: pesquisa, ensino e extensão. Além do mais, economicamente, é auto-sustentável.

Na pós-graduação, em que se desenvolveram as linhas retrospectivas e prospectivas das Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo, criou-se uma cultura propícia à inter e transdisciplinaridade, vindo a desaguar no projeto **O Discurso Fragmentalista da Ciência**, sob os auspícios do CNPq desde março de 1992. Por outro lado, o vínculo estabelecido junto ao PROLAM (Programa Latino-Americano de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo) proporcionou outra

experiência de cruzamentos inter-unidades. A fertilidade destes estudos, primeiramente inseridos na rubrica **Crise de Paradigmas** e posteriormente mais bem definidos como **Paradigmas Emergentes**, **O Saber Plural** e o conseqüente **Pluralismo Metodológico**, não só abalou as fronteiras de especialização como eliminou a hierarquia das orientações e da filosofia de ensino na graduação e na pós-graduação.

As orientações tanto de trabalhos de conclusão de curso, quanto de mestrados e doutorados levam como conteúdos comuns a revisão epistemológica no campo das mediações sociais do discurso da atualidade. Alunos de diferentes etapas acadêmicas se debruçam diante dos desafios de novas noções como, por exemplo, as questões do Sujeito, as questões do Tempo, Cultura e Identidade, Mito e Sociedade, Contextualização e Humanização à luz da Ética e da Moral, o Gesto da Arte, Teorias do Cérebro, Direito à Informação e Cidadania, o Signo em Processo, Teorias da Recepção, a Epistemologia da Complexidade. Tanto alunos da graduação como da pós repercutem com muito interesse as questões transdisciplinares e a visão crítica das técnicas reducionistas que formam o legado do treinamento profissional do jornalista ou do comunicador social.

Como momento culminante da proposta pós-livre-docência, os encontros entre cientistas e não cientistas (artistas,



teólogos e vocalizadores do saber local) têm permitido expandir esta outra mediação social, precípua aos que trabalham na área de Comunicação. O primeiro desses encontros — em 1990 — ensaiou este novo horizonte, que em 1991 foi avaliado e consagrado como um projeto integrado de pesquisa no CNPq. Nove pesquisadores compõem a equipe co-coordenada por Cremilda Medina e Milton Greco (biólogo e sociólogo).

No fim de 1992, quando seis alunos de graduação defendem seus trabalhos de conclusão de curso, três mestres e três doutoras apresentam seus resultados finais, parece evidente a confluência de esforços. Junto com os pesquisadores do projeto **O Discurso Fragmentalista da Ciência**, um texto coletivo, inter e transdisciplinar está sendo proposto: o criativo e responsável signo da relação na sociedade contemporânea, ou o Diálogo Possível, cujo embrião havia sido gestado no doutoramento, em 1986, acrescido da compreensão do desejo coletivo (**Povo e Personagem**, livre-docência, 1989) e enriquecido ética e epistemologicamente com o **Novo Pacto da Ciência** (1990 – 1992).

## **I - Atividade Científica: Pesquisa**

**D**a livre-docência, em maio de 1989, se alargou uma linha de trabalho na graduação e na pós-graduação que se concentra na pesquisa cultural e, em particular, estudos de Mito e Sociedade através das mediações artísticas.

O **Gesto da Arte**, enquanto expressão do desejo coletivo, tem sido um projeto de formação muito oportuno nas questões de identidade cultural tanto para o aprendiz de Jornalismo quanto para o estudante de pós-graduação em Ciências da Comunicação.

Mas a linha de pesquisa que se firmou a partir de 1989 está sintetizada no título do projeto integrado junto ao CNPq — **O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas**. Neste sentido, além dos estudos epistemológicos, tem sido possível implantar nacionalmente e também com contatos internacionais, uma mediação científica inter e transdisciplinar. Esta proposta de trabalho cresceu sobremaneira de 1990 a 1992, dado expresso nos seis encontros organizados em São Paulo, Natal, Porto Alegre, Belo Horizonte e João Pessoa.

Em um terceiro nível, integrando as teorias da pós-graduação e o projeto coletivo de pesquisa do Departamento de Jornalismo e Editoração (ECA/USP), vêm sendo mapeados os influxos e paradigmas científicos que configuram a produção bibliográfica e as mentalidades da área no período de 1945 a 1995. Funcionalismo, Teoria Crítica da Indústria Cultural, história (paradigmas marxista e tecnicista) do Jornalismo no Brasil, Semiologia Estrutural, Teorias da Recepção, Linguística e Estética são alguns dos influxos que se manifestam na construção teórica do Jornalismo.

1. Livre-docência, mito e Sociedade

- 1.1. Tese *Povo e Personagem* (maio de 1989) apresentada ao concurso de livre-docência e julgada pela seguinte banca:

Prof. Dr. Antônio Soares Amora

Prof. Dr. Antônio Cândido

Prof<sup>a</sup> Dra. Bella Josef

Prof. Dr. Vergílio Noya Pinto

Prof. Dr. José Marques de Melo

doc. / 265

Fundamentos para uma Teoria Cultural na mediação social do discurso da atualidade.

- 1.2. Seminários de Inovações Científicas, programa implantado na ECA-USP em março de 1990.

Seminário *Povo e Personagem*: Por uma Teoria da mediação social, expansão da tese acima citada.

doc. / 266

- 1.2a Relatório de atividades aprovado junto à CECEINT.

doc. / 266a

- 1.3. Orientação de Projeto de Pesquisa — **A Fotografia através das revistas ilustradas (1900 - 1910)** — do Dr. Boris Kossay, sociólogo e historiador, projeto esse apresentado e aprovado pelo CNPq.

doc. / 267

- 1.4. Participação no Congresso Internacional da IAMCR — entidade de pesquisa respaldada pela UNESCO e fundada em Paris em 1957, com filiados em todo o mundo. Apresentou no encontro da *Association for Mass Communication Research*, em 1990, em Bled, Iugoslávia, o texto que a seguir foi publicado na USP — *Communication and Democracy*, volume que

doc. / 268

reúne as pesquisas brasileiras apresentadas no congresso de Bled.

2. Linhas de Pesquisa Científica

**O Diálogo Social** que desenvolve o **signo da relação** na linguagem Jornalística e está aplicada no Projeto **São Paulo de Perfil**, livro-reportagem executado pelos estudantes de Jornalismo (terceiro ano) da ECA.

Este projeto está credenciado junto ao CNPq e tem sido contemplado, de 1988 a 1992, com a concessão de bolsas de iniciação científica.

*doc. / 269*

3. Projeto de Pesquisa **A Crise de Paradigmas — Inter e Transdisciplinaridade.**

*doc. / 270*

3.1. Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar — **A Crise dos Paradigmas**, realizado na ECA em junho de 1990, com a presença de nove cientistas debatedores e estudantes e professores de pós-graduação de diferentes áreas de conhecimento.

*doc. / 271*

3.2. Edição em livro dos anais do Primeiro Seminário Inter e Transdisciplinar, sob o título *Novo Pacto da Ciência*, lançado em agosto de 1991 no Instituto de Estudos Avançados da USP.

*doc. / 272*

3.3. Participação no Congresso Internacional **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**, organizado pela **Fundación Interfas** de Buenos Aires, em outubro de 1991.

*doc. / 273*

3.4. Apresentação do Projto Integrado **O Discurso Fragmentalista da Ciência - A Crise de Paradigmas** junto ao CNPq e aprovado para o período 1992 - 1994.

*doc. / 274*

- 3.5. Participação do encontro **Novos Paradigmas — Para Pesquisa em Comunicação**, organizado pelo CBELA e a Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, de 6 a 8 de novembro de 1991. *doc. / 275*
- 3.6. Organização do Simpósio **O Discurso Fragmentalista da Ciência e a Crise de Paradigmas**, na Universidade de São Francisco, em São Paulo, 21 de agosto de 1992, com a presença de cientistas, um teólogo e um escritor. *doc. / 276*
- 3.7. Participação no Pós-Graduação de Farmácia, da USP, na disciplina Análises Clínicas, dentro do projeto de inter e transdisciplinaridade. *doc. / 277*
- 3.8. Palestra no II Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sul, em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná, agosto de 1992. *doc. / 278*
- 3.9. Assessoria junto ao **Núcleo da Seca** da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em setembro de 1992, promovendo uma interação inter e transdisciplinar entre o saber acadêmica e o saber local do Baixo-Açu, onde a UFRN desenvolve um projeto voltado para a seca há oito anos. *doc. / 279*
- 3.9a Conferencista e mediadora do encontro **Impasses do Discurso Científico**, organizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a presença de cientistas e artistas, em outubro de 1992. *doc. / 280*
- 3.10. Participação (através de *paper*) no primeiro encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Rio de Janeiro, novembro de 1992. *doc. / 281*

- 3.11. Membro associado ao instituto de pesquisa interdisciplinar criado por Fritoj Capra — *The Elmwood Institute*, em Berkley, EUA. *doc. / 281a*
4. Projeto Integrado de Pesquisa do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo — A Construção Teórica no Jornalismo (1945 - 1995) —, projeto esse aprovado junto ao CNPq em 1992. *doc. / 282*  
Esta linha de pesquisa está diretamente vinculada com as disciplinas de Pós-Graduação ministradas no Programa Ciências da Comunicação e Artes (de 1987 a 1991) e no Programa Latino-Americano de Pós-Graduação (PRO-LAM) da USP (1989 - 1992): Teorias Latino-Americanas de Comunicação e Jornalismo I e II.
5. Pesquisa em Comunicação de Massa
- 5.1. Pesquisa de Edição e Texto, integrando um projeto solicitado pela revista **Sem Fronteiras**, publicação dos Combonianos no Brasil, realizada em 1992 e culminando com um Seminário em agosto, e um texto final editado em novembro de 1992. *doc. / 283*
- 5.2. Pesquisa de edição e texto das revistas americanas (dos EUA à América do Sul) da Congregação dos Combonianos, apresentada em Seminário internacional no Rio de Janeiro em outubro de 1992. *doc. / 284*
6. Colaboração — pareceres junto à revista *Comunicações e Artes*, em 1989. *doc. / 285*

- |  |                   |
|--|-------------------|
| 7. Participação como jurada no julgamento do Prêmio Jabuti de 1989, nas categorias de melhor autor de romance, melhor autor de contos, melhor autor de poesia, melhor autor de ensaios e biografias, melhor tradutor e autor revelação de literatura adulta. (Estes prêmios são promovidos pela Câmara Brasileira do Livro.) | <i>doc. / 286</i> |
| 8. Assessoria Científica   |                   |
| 8.1. Junto à FAPESP — 1989.  | <i>doc. / 287</i> |
| 8.2. Consultor Ad-Hoc junto ao CNPq — 1991 - 1992.   | <i>doc. / 288</i> |
| 9. Diante da produtividade científica comprovada por documentação da ECA, a pesquisadora foi contemplada com equipamento de informatização em novembro de 1992.  | <i>dic. / 289</i> |



## II - Ensino

**B**oa parte do tempo integralmente dedicado à Universidade, a partir de 1986 (terceira etapa de ensino superior), vem sendo dedicada à expansão das linhas de pesquisa nos cursos de graduação, pós-graduação, especialização, oficinas e cursos de pós-graduação *lato sensu*. Na própria Universidade de São Paulo, o projeto pedagógico não se conteve nos limites departamentais e se expandiu para o PROLAM (Programa de Pós-Graduação para a América Latina da USP). Essa é uma experiência muito rica tanto pelo intercâmbio de várias unidades e áreas de saber, quanto pelo convívio com estudantes latino-americanos (brasileiros e hispano-americanos lado a lado, numa efetiva interação cultural).

Além da Universidade de São Paulo, o trânsito intenso em outras universidades brasileiras proporciona uma visão matizada dos cenários regionais, dos projetos referenciados nas demandas locais (por exemplo, toda a problemática de currículos plurais) e as principais tendências de mercados profissionais. A questão crucial é a multiplicação desse trânsito: hoje já se faz necessária uma ou outra recusa por inviabilidade no calendário uspiano que exige doze horas-aula semanais entre graduação diurna, noturna e pós-gradua-

ção, sem falar nos atendimentos individualizados de aproximadamente 60 alunos por semestre.

Na década de 60 iniciaram-se estudos de metodologia de ensino superior nos cursos de Didática na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Hoje, passados 30 anos (que se completam exatamente em 1994), as práticas acumuladas e as reflexões desenvolvidas dão a dimensão de quão importante é o ensino no Projeto de Universidade. O lamentável: nem sempre esta atividade tem a mesma conotação da pesquisa científica, ainda que o ensino se alimente de pesquisa e extensão e vice-versa.

- |      |   |                    |
|------|---|--------------------|
| 1.   | Cursos de Graduação - Jornalismo  |                    |
| 1.1. | Redação Jornalística II - Oralidade, curso regular do 5º semestre de Jornalismo (1989 - 1990 - 1991 - 1992)                                     | <i>doc. / 290</i>  |
| 1.2. | Redação Jornalística III - Interpretação, curso regular do 6º Semestre de Jornalismo.   | <i>doc. / 291</i>  |
| 2.   | Cursos de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação e Artes e no PROLAM.   |                    |
| 2.1. | Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo I - A Crise de Paradíguas, revisão dos influxos teóricos dos anos 40 à atualidade. | <i>doc. / 292</i>  |
| 2.2. | Teorias Latino-Americanas de Comunicação Social e Jornalismo II - Identidade e Teorias da Cultura.  | <i>doc. / 293</i>  |
| 2.3. | Participação no Seminário Interno do PROLAM, 2º Semestre de 1991.   | <i>doc. / 293a</i> |
| 3.   | Cursos de Pós-Graduação <i>lato sensu</i> junto ao PREPS, Programa da Universidade Católica de Minas Gerais, 1989 - 1991.                       |                    |
| 3.1. | Teorias da Comunicação, julho de 1989.  | <i>doc. / 294</i>  |
| 3.2. | Política de Comunicação, julho de 1990.   | <i>doc. / 295</i>  |
| 3.3. | Teorias do Conhecimento - Transdisciplinaridade, dezembro de 1991.  | <i>doc. / 296</i>  |
| 4.   | Cursos de especialização.   |                    |
| 4.1. | Curso de Difusão Cultural no II Congresso Brasileiro de Ensino de Comunicação (ECA/ABECOM e FELAFACS) realizado em São Paulo em julho de 1991.  | <i>doc. / 297</i>  |

- |      |   |                   |
|------|---|-------------------|
| 4.2. | Curso Tendências do Jornalismo Brasileiro no 25º Congresso Nacional dos Jornalistas, em Fortaleza, maio de 1992.  | <i>doc. / 298</i> |
| 4.3. | Curso Interferência do Jornalismo no Imaginário Social, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em maio/junho de 1992.   | <i>doc. / 299</i> |
| 4.4. | Curso A Pauta da Atualidade numa perspectiva Sócio-Política Cultural no VIII Encontro de Chefes de Departamento e Coordenadores de Cursos de Comunicação Social do Norte e Nordeste, realizado em Teresina na Universidade Federal do Piauí, em setembro de 1992.         | <i>doc. / 300</i> |
| 5.   | Seminários, palestras, conferências.  |                   |
| 5.1. | Palestra no curso Pesquisa em Arte-Educação: Documentação da Experiência, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, janeiro de 1989.  | <i>doc. / 301</i> |
| 5.2. | Comunicação ao II SAM - Seminário de Atualização da Mulher - A Mulher na Indústria Cultural - Fundação Nestlé de Cultura. Março de 1989.  | <i>doc. / 302</i> |
| 5.3. | Identidade Cultural e o Consumo da Cultura, palestra no II Simpósio Brasileiro de Relações Públicas, XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), julho de 1989, Porto Alegre. | <i>doc. / 303</i> |
| 5.4. | Comunicação e Cultura no Brasil, Seminário promovido pelo Departamento de Comunicação   | <i>doc. / 304</i> |

- Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho — Campus de Bauru — e Associação Brasileira das Escolas de Comunicação (ABECOM) e Federação Latino-Americana das Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS). Palestra Jornalismo e Cultura, Bauru, SP, agosto de 1989.
- 5.5. Participação na XVI Semana de Estudos de Jornalismo — O Ensino de Jornalismo, ECA/USP, outubro de 1989. Palestra: A Formação Ética, Técnica e Estética do Jornalista. *doc. / 305*
- 5.6. Expositora no XII Congresso Brasileiro de Pesquisadores da Comunicação, tema — Identidade Cultural e Consumo da Cultura —, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, setembro de 1989. *doc. / 306*
- 5.7. Palestra — A Imprensa e a República — no seminário organizado pelo SESC de Santos, De Deodoro a Sarney, onde foi que eu errei? Santos, outubro de 1989. *doc. / 307*
- 5.8. Palestra — A Mudança no Código de Ética no Jornalismo — no XIV Encontro Nacional de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Uni Santos. Santos, outubro de 1989. *doc. / 308*
- 5.9. Palestra Jornalismo e Democracia nas comemorações do Jubileu de Prata da Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Eugenio Pacelli. Pouso Alegre, MG. *doc. / 309*

- 5.10. Conferência na VII Semana de Estudos em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Tema — Imaginário e Indústria Cultural: o domínio das massas pela fantasia. Fortaleza, maio de 1989. *doc. / 310*
- 5.11. Participação no Seminário São Paulo e seus Autores — palestra sobre o escritor Ignacio de Loyola Brandão —, na Oficina da Palavra da Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, setembro de 1990. *doc. / 311*
- 5.12. Palestra Lead — Novas Tendências, na Primeira Semana de Estudo em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, julho de 1990. *doc. / 312*
- 5.13. Novos Projetos, Novos Jornalistas: Novos Rumos. Palestra no Seminário de Jornalismo da PUC de Campinas, agosto de 1990. *doc. / 313*
- 5.14. Comunicação Social Anos 90 — Seminário da PUC de Belo Horizonte. Palestra: Ensino da Comunicação e Modernidade, julho de 1990. *doc. / 315*
- 5.15. Participação no III Congresso Inter Nacional sobre Toxicomanias, Santos, outubro de 1990. *doc. / 316*
- 5.16. Participação no Seminário Internacional — A Imprensa perdeu o pé da História — Jornalismo e Sociedade: uma perspectiva para os anos 90, PUC de São Paulo, outubro de 1990. *doc. / 317*
- 5.17. Palestra no Encontro de Jornalismo de Maringá, promovido pela Prefeitura do Município de Maringá, tema — A qualidade dos novos jornalistas, novembro de 1990. *doc. / 318*

- 5.18. Participação no I Simpósio Nacional de Pesquisa em Comunicação promovido pelo CBELA (Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos), ECA/USP, novembro de 1990. *doc. / 318*
- 5.19. Conferência — A Formação Transdisciplinar em Comunicação — no VII Encontro Regional dos Chefes de Departamento e Coordenadores de Curso de Comunicação Social do Nordeste, João Pessoa, Paraíba, maio de 1991. *doc. / 319*
- 5.20. Participação do II Congresso Brasileiro de Ensino de Comunicação, ECA/USP, agosto de 1991. *doc. / 320*
- 5.21. Participante e debatedora do Seminário sobre Recepção aos Meios de Comunicação Social, ECA/USP, outubro de 1991. *doc. / 321*
- 5.22. Palestra no Ciclo de Estudos da Universidade Católica de Pelotas. Tema: Novas Perspectivas na Informação de Atualidade, Pelotas, RS, maio de 1992. *doc. / 322*
- 5.23. Comunicação apresentada no II Simpósio de Pesquisas em Comunicação da Região Sul, INTERCOM. Tema: Interdisciplinaridade da Comunicação, Curitiba, PR, agosto de 1992. *doc. / 323*

#### Observação

As demais participações, inseridas no Projeto **O Discurso Fragmentalista da Ciência - A Crise dos Paradigmas**, estão indexadas na I Parte/Pesquisa - Atividade Científica.

### **III - Atividades Administrativas**

**A**s diferentes comissões e o conselho de departamento têm sido o espaço, por excelência, de uma contribuição administrativa. No entanto, os conteúdos dessa contribuição tendem sempre para o âmbito de ensino, de pesquisa e extensão.

Em 1990 e em 1991 três grandes temáticas concentraram os esforços do Departamento de Jornalismo e Editoração e da Escola de Comunicações e Artes. Com caráter até certo ponto inédito, os professores se integraram em estudos intensivos de revisões curriculares da graduação e da pós-graduação, bem como aproveitaram o aniversário de 25 anos da ECA (1991) para desenvolver uma profunda avaliação desse lastro. Daí resultaram um novo currículo do curso de Jornalismo a ser implantado em 1993 e um novo curso de pós-graduação voltado para o Jornalismo, já em processo de implantação (1992).



1. Comissão de Estudos destinados à implantação do Projeto América Latina na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, março de 1989. *doc. / 324*
2. Comissão de Pesquisa do CJE - ECA/USP , dezembro de 1989/janeiro de 1990. *doc. / 325*
3. Comissão de Cultura e Extensão da ECA/USP durante o ano de 1990. Principais contribuições: *doc. / 326*
  - 3.1. Estudos para a implantação do regulamento da Comissão de Cultura a partir do Novo Estatuto da USP. *doc. / 327*
  - 3.2. Projeto de Comemorações do aniversário da ECA (25 anos - 1991). *doc. / 328*
4. Conselho do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP. *doc. / 329*
  - 4.1. Período 1989 - 1990  
Principal contribuição: estudos para a implantação do Projeto de Pós-Graduação em Jornalismo.
  - 4.2. Período 1991  
Principal contribuição: estudos intensivos de reavaliação e proposição do novo currículo do curso de Jornalismo. *doc. / 330*
  - 4.3. Período 1992 *doc. 331*

## IV - Extensão Universitária

**O** Projeto São Paulo de Perfil, que chegou em 1922 à 11ª edição, tem sido a experiência mais constante de extensão universitária. A leitura crítica de estudantes de segundo grau na escola pública do Estado de São Paulo, para além de dar um retorno sistemático ao projeto de pesquisa aplicado no curso de Jornalismo — **O Diálogo Social** —, tem sido avaliado pelos professores que trabalham com os livros-reportagem como um instrumento auxiliar, em seus planos pedagógicos que visam a motivação do hábito de leitura no adolescente de 16 anos. Por outro lado, como o livro-reportagem trabalha com os temas da atualidade, oferece subsídios à iniciação à cidadania, já que o leitor vota a partir dos 16 anos.

Por sua vez, os lançamentos da série oferecem experiências muito ricas de entrosamento com as comunidades heterogêneas, externas à universidade. Quando, por exemplo, se lança **Forró na Garoa** (migração nordestina em São Paulo), num domingo de forró na favela Jaguaré, o trabalho de extensão atinge significados muito sutis. Todos os lançamentos têm como política editorial uma proposta externa. Em alguns casos, ao se retornar à comunidade, colhem-se relatos da leitura do livro que se incorporam também à proposta de recepção ativa na pesquisa de linguagem jornalística.

1. Comissão de Cultura e Extensão já citada nos documentos 326, 327 e 328 da III Parte - Atividades Administrativas.
2. Palestrante e debatedora na Atividade de Extensão Universitária promovida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural - I Encontro Estadual de Jornalismo Cultural. Tema: Teoria Cultural para a formação do jornalista. doc. / 332
3. Projeto São Paulo de Perfil — atividade de extensão, convênio junto à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo — leitura crítica em escolas de 2º grau. doc. / 333
4. Lançamentos em comunidades externas à Universidade dos livros — reportagem da série **São Paulo de Perfil**. doc. / 334
  - 4.1. *Forró na Garoa*  
Favela do Jaguaré, São Paulo. 1989
  - 4.2. *Hermanos Aqui*  
Lançamento em um bar de hispano-americanos em Pinheiros, São Paulo. 1990
  - 4.3. *A Casa Imaginária*
    - 4.3.1. Lançamento no Encontro Nacional de Habitação no Anhembi, São Paulo.
    - 4.3.2. Lançamento na comunidade de Vila Nova Cachoeirinha, Zona Norte, São Paulo. 1990
  - 4.4. *À Margem do Ipiranga*  
Lançamento na Câmara Municipal de São Paulo com debate entre vereadores e lideranças da periferia mediado pelo sociólogo Lúcio Kovarick da USP 1991

4.5. *A Escola no Outono*

Debate com autoridades e professores no Centro Cultural Vergueiro, São Paulo.

1991

4.6. *O Primeiro Habitante*

*Lançamento em ambiente público (passarela da Consolação) com a presença de lideranças indígenas, São Paulo.*

1992

4.7. *Farra Alforria*

Lançamento no Circo Escola Enturmando São Remo (Butantã)

5. Projeto de Leitura Crítica dos Meios de Comunicação para Terceira Idade.

Novembro de 1992

*doc. / 335*

## **V - Orientações de Graduação/Pós-Graduação, Bancas de Trabalho de Conclusão de Curso, Exames de Qualificação, Bancas de Mestrado, Bancas de Doutorado, Bancas de Concursos**

**O** tema Informação e Sociedade sintetiza a confluência dos diferentes afluentes das orientações desenvolvidas na graduação e pós-graduação. Devido ao projeto inter e transdisciplinar que caracteriza todas as linhas de trabalho, em oposição a qualquer fechamento técnico e tecnológico, é natural não só a diversificação de pesquisas dos orientandos, como a circulação em bancas fora do âmbito departamental.

Ao longo dos últimos anos vem se observando uma maior densidade de escolhas que tendem para o reexame epistemológico, a valorização de teorias culturais e a crescente significação das dinâmicas no processo de comunicação social, em particular no âmbito da informação de atualidade. Até mesmo a última geração (1992) de trabalhos de conclusão de curso na graduação reflete essa importante tendência.

1. Orientandos de Pós-Graduação/ECA

- 1.1. Sérvulo Sérgio Donizete Antunes (1988) Mestre, *doc. / 336*  
com a dissertação:  
Das raízes às sementes — edição de uma antologia  
poética do Jequitinhonha nos anos 80  
17 de agosto de 1990
- 1.2. Glauco Rodrigues Cortez (1989) Mestre, com a *doc. / 337*  
dissertação:  
O Pensamento Negado — o Jornalista entre a  
Razão e a Desrazão  
26 de outubro de 1992
- 1.3. Lucilene Cury (1988) *doc. / 338*  
Doutora, com a tese:  
Pequenos Grandes Contos da América Latina  
dezembro de 1992
- 1.4. Genny Cemin de Amayo (1988) *doc. / 339*  
Doutora, com a tese:  
Rádio Público em São Paulo  
dezembro de 1992
- 1.5. Fátima Maria Dantas da Costa (1988) *doc. / 340*  
Mestre, com a dissertação:  
Produção Universitária do Livro:  
cultura de elite ou indústria cultural?  
novembro de 1992
- 1.6. Santa Maria Nogueira Silveira (1988) *doc. / 341*  
Doutoranda, com a tese em fase de defesa. Tema:  
Da cultura macunaímica à ética da  
responsabilidade na cobertura política da imprensa  
brasileira
- 1.7. Anelsina Trigueiro de Lima Gomes (1988) *doc. / 342*  
Mestranda, com a dissertação em fase de acabamento,  
Tema: O Caso Paraibano nas eleições presidenciais

- |   |                          |
|---|--------------------------|
| <p>1.8. João Somma Neto<br/>Mestrando, com a dissertação em fase de<br/>acabamento, Tema: Discurso Oficial e Práxis<br/>Jornalística no Paraná</p>  | <p><i>doc. / 343</i></p> |
| <p>1.9. Francisco José Castilho Karam (1989)<br/>Mestrando, com a dissertação em fase de<br/>acabamento, Tema: Elementos para uma teoria<br/>ética além da normatividade</p>                            | <p><i>doc. / 344</i></p> |
| <p>1.10. Liana Amaral ((1989)<br/>Mestranda, completou cursos e realizará exame de<br/>qualificação para defesa de Mestrado em 1993.<br/>Tema: A construção de personagem na grande<br/>reportagem.</p> | <p><i>doc. / 345</i></p> |
| <p>2. Orientandos do PROLAM (Programa de Pós-Graduação<br/>para a América Latina da USP)</p>  |                          |
| <p>2.1. Pedro Ortiz (1992)<br/>Mestrando em fase de realização de cursos</p>  | <p><i>doc. / 346</i></p> |
| <p>2.2. Denise Fonseca de Carvalho (1992)<br/>Mestranda em fase de realização de cursos</p>   | <p><i>doc. / 347</i></p> |
| <p>2.3. Mário Viliálva Filho (1992)<br/>(do Paraguai)<br/>Mestrando em fase de realização de cursos</p>   | <p><i>doc. / 348</i></p> |
| <p>3. Orientandos de TCC (Trabalhos de Conclusão de Curso),<br/>CJE - ECA - USP</p>   |                          |
| <p>3.1. Tereza Maria Freire Rangel<br/>Os Anos Verdes do <b>Jornal da Tarde</b>,<br/>1989</p>   | <p><i>doc. / 349</i></p> |
| <p>3.2. Sílvio Antônio Luiz Anaz<br/>O Último dos Polemistas — Paulo Francis,<br/>1991</p>  | <p><i>doc. / 350</i></p> |

- |       |  |                   |
|-------|--|-------------------|
| 3.3.  | Walter Garcia da Silveira Júnior<br>Com que roupa? Reflexões sobre a crítica da<br>canção brasileira na Imprensa<br><br>1991     | <i>doc. / 352</i> |
| 3.4.  | Marcos Seil Kim<br>Bala não tem Olho<br><br>1991   | <i>doc. / 353</i> |
| 3.5.  | Tânia Sandroni<br>Caleidoscópio da Sé<br><br>1990  | <i>doc. / 354</i> |
| 3.6.  | Adriana Salles Gomes<br>A Conversão da dívida externa brasileira na<br>Imprensa<br><br>1989                                      | <i>doc. / 355</i> |
| 3.7.  | Sandra Regina Boccia<br>Construção de Personagem<br><br>Dezembro 1992  | <i>doc. / 356</i> |
| 3.8.  | Mauro Sérgio Scarbel<br>O Jornalismo Criativo e o Mercado de Trabalho<br>Dezembro 1992   | <i>doc. / 357</i> |
| 3.9.  | Mônica Teixeira<br>A prática do diálogo: Análise de programas de<br>entrevistas<br><br>Dezembro 1992                             | <i>doc. / 358</i> |
| 3.10. | Margit Krause<br>TEMPUS — Apontamentos para a<br>Consistência jornalística na fluidez dos<br>tempos plurais<br><br>Dezembro 1992 | <i>doc. / 359</i> |
| 3.11. | Adriana Wilner<br>Viagem à terra das guerreiras urbanas<br>Dezembro 1992   | <i>doc. / 360</i> |



- 3.12. Marcelo Tadeu Marthe *doc. / 360*  
 Rock SP: a via alternativa  
 Dezembro 1992
4. Bancas de TCC/CJE/ECA/USP
- 4.1. Carla Gil Ponte *doc. / 361*  
 Falares do Bonete  
 1990
- 4.2. José Mariano Boni de Mathis *doc. / 362*  
 O Nacional. Experiência de um Jornal de Esquerda
- 4.3. Amália Safatla *doc. / 363*  
 Literatura à venda (ou de como o jornalismo cultural  
 substituiu a crítica literária pelo marketing editorial)  
 1991
- 4.3. Ana Luiza Astiz *doc. / 364*  
 À Procura de um Jornalismo vivo — Inquietudes,  
 Lições folísticas e o Jornalismo Literário Espanhol  
 como propulsores para a Nova Era  
 1991
- 4.4. Rogério Diniz Ortega Cunha *doc. / 365*  
 A Crise da Crônica na Grande Imprensa Brasileira  
 1991
- 4.5. Denise Carreira Soares *doc. / 366*  
 Brasil, mostra tua cara
5. Bancas e Exames de Qualificação em nível de Mestrado  
 e Doutorado
- 5.1. Sebastião Geraldo *doc. / 367*  
 Exame de qualificação para mestrado  
 ECA, maio de 1989

- 5.2. Edvaldo Pereira Lima *doc. / 368*  
Doutoramento. Tese:  
O Livro-Reportagem como Extensão do  
Jornalismo Impresso: Realidade e Potencialidade  
ECA, junho de 1990
- 5.3. Glória Aparecida Rodrigues Kreinz *doc. / 369*  
Doutoramento. Tese:  
Ideologia, Notícia e Mercado: A Pós-Modernidade  
Tecnocrata da **Folha de São Paulo**  
ECA, outubro de 1990
- 5.4. Ana Maria de Souza Crippa *doc. / 370*  
Doutoramento. Tese:  
Mulher: Mito e Sedução (a utilização do corpo  
femenino no discurso publicitário)  
ECA, dezembro de 1990
- 5.5. Osvaldo Coimbra de Oliveira *doc. / 371*  
Exame de qualificação para doutoramento  
ECA, agosto de 1990
- 5.6. Sebastião Geraldo *doc. / 372*  
Mestrado. Dissertação Comunicação Oral: o  
resgate da memória proletária em Ribeirão Preto  
ECA, março de 1991
- 5.7. Osvaldo Coimbra Oliveira *doc. / 373*  
Doutoramento, Tese: Elementos da estrutura do  
texto da reportagem ECA, abril de 1991
- 5.8. Luiz Custódio da Silva *doc. / 374*  
Doutoramento. Tese:  
Imprensa e Desenvolvimento na Paraíba  
ECA, março de 1991

- 5.9. Manuel Carlos da Conceição Caparro *doc. / 375*  
Exame de qualificação para doutoramento  
ECA, junho de 1992
- 5.10. Maria da Conceição de Almeida Moura *doc. / 376*  
Doutoramento em Antropologia na PUC de São Paulo  
Tese: O Saber Antropológico — complexidades,  
objetivações, desordens e incertezas,  
PUC - São Paulo,  
outubro de 1992
6. Bancas de Concurso
- 6.1. Concurso público para ingresso na carreira do *doc. / 377*  
magistério superior na área de Comunicação Social  
da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Campo Grande, MS  
março de 1991
- 6.2. Concurso para Professor Titular na área de *doc. / 378*  
Comunicação Social da Universidade Federal de  
Minas Gerais.  
Belo Horizonte, MG  
fevereiro de 1992

## **VI - Publicações**

**Livros**

**Ensaaios**

**Artigos de Reflexão**

**A**pós a intensa produção de livros de autoria individualizada — da década de 70 a meados de 80 (1987) — sucede-se uma etapa de organização de obras coletivas. O mercado editorial brasileiro entrou em profunda recessão e os estímulos ao autor baixaram a zero. Mas independentemente da conjuntura desanimadora em todas as áreas de criação no Brasil, esta é uma estação de texto socializado através de xerox. Nacionalmente têm sido produzidos os Cadernos do Hemisfério Sol (que já vão no 13<sup>a</sup> volume), reproduzidos em xerox, tiragem limitada ao uso de alunos de pós-graduação, bem como separatas das teses de doutoramento e livre-docência (não publicadas) ou textos ensaísticos escritos para apresentações em encontros, congressos, simpósios, oficinas e aulas. Esta produção subterrânea, imponderável, constitui uma meta consciente a serviço da pesquisa e do ensino, embora oficialmente não conste dos registros documentados que se seguem.

1. Livros

1.1. Série São Paulo de Perfil

(1989-1991)

- |        |  |                   |
|--------|--|-------------------|
| 1.1.1. | <b>São Paulo de Perfil.3</b><br><i>Nos Passos da Rebeldia (1968-1988)</i><br>ECA, 1989 | <i>doc. / 379</i> |
| 1.1.2. | <b>S P P 4</b><br><i>Forró na Garoa</i><br>ECA, 1989                                   | <i>doc. / 380</i> |
| 1.1.3. | <b>S P P 5</b><br><i>Hermanos Aqui</i><br>ECA, 1990                                    | <i>doc. / 381</i> |
| 1.1.4. | <b>S P P 6</b><br><i>A Casa Imaginária</i><br>ECA, 1990                                | <i>doc. / 382</i> |
| 1.1.5. | <b>S S P 7</b><br><i>Paulicéia Prometida</i><br>ECA, 1990                              | <i>doc. / 383</i> |
| 1.1.6. | <b>S S P 8</b><br><i>À Margem do Ipiranga</i><br>ECA, 1991                             | <i>doc. / 384</i> |
| 1.1.7. | <b>S P P 9</b><br><i>A Escola no Outono</i><br>ECA, 1991                               | <i>doc. / 385</i> |
| 1.1.8. | <b>S P P 10</b><br><i>O Primeiro Habitante</i><br>ECA, 1992                            | <i>doc. / 386</i> |
| 1.1.9. | <b>S P P 11</b><br><i>Farra Alforria</i><br>ECA, 1992                                  | <i>doc. / 387</i> |

2. Livro — Organização de anais e ensaios afetos ao Projeto  
— **O Discurso Fragmentalista da Ciência:**
- 2.1. *Novo Pacto da Ciência — A Crise dos Paradigmas*  
— *1º Seminário Transdisciplinar-Anais*  
ECA, 1990 doc. / 388
- 2.2. *Novo Pacto da Ciência 2*  
*Do Hemisfério Sol* — livro no prelo doc. / 389
3. Ensaaios em obras coletivas (livros)
- 3.1. “Sob a alegria do risco e a intuição do indefinível”,  
in LACERDA, Carlos. *A Missão da Imprensa*, São  
Paulo, Comarte  
Edusp, 1990. doc. / 390
- 3.2. “Jornalismo e a Epistemologia da Complexidade”, in  
MEDINA, Cremilda (org.). *Novo Pacto da Ciência*  
— *A Crise dos Paradigmas*, São Paulo, ECA, 1990. doc. / 391
- 3.3. “Literatura brasileira e comunicação”, in  
*Seminários de Literatura Brasileira*, ensaios, São  
Paulo, Fundação Nestlé de Cultura, s/d. doc. 392
- 3.4. “A mulher na Arte”, in *Feminino Singular*, obra  
coletiva, publicada pelo Arquivo do Município de  
Rio Claro e União Brasileira de Escritores.  
Rio Claro, SP, 1989 doc. / 393
4. Artigos de reflexão ensaística
- 4.1. “El Derecho Social a la Información”, *Revista*  
*Chasqui* nº 26 abril/junio, 1988, Quito, Equador. doc. / 394
- 4.2. “Interacción, la ley del Mundo (o la voz madura de  
América Latina)”, *Revista Dia.Logos*, Fascículo  
nº 4, 1990, Lima, Peru. doc. / 395

- 4.3. “Jornalismo e Literatura: Fronteiras e Intersecções”, Cadernos de Jornalismo e Editoração, vol. 11, nº 25, junho de 1990, São Paulo, ECA/USP doc. / 396
- 4.4. “O apelo poético da comunhão”, Revista Insight — Psicoterapia, nº 11, setembro 1991, São Paulo, Lemos Editorial e Gráficos Ltda. doc. / 397
5. Livro editado em espanhol — Cuba doc. / 398  
Através de um aluno de pós-graduação, a autora tomou conhecimento de que o livro *El rol del Periodista*, publicado em espanhol pelo CIESPAL, em Quito, Equador, (1980) e publicado em português — *Profissão Jornalista, Responsabilidade Social*, Rio, Forense, 1982, saiu em Cuba em 1989, pela Editorial Pablo de la Torriente

## VII - Produção Jornalística

**E**m 1985, a opção de deixar o Jornalismo diário pela pesquisa na universidade foi radical. Por esse motivo, escasseiam os textos de grande imprensa que, durante dez anos (1975-1985) constituíram obsessão e prática cotidianas.

Apesar disso, o Sindicato de Jornalistas de São Paulo elegeu a jornalista para compor a Comissão de Ética, de 1991 a 1992, e nesta função volta a escrever com certa regularidade no jornal **Unidade**, reflexões muito integradas, no entanto, com a pesquisa universitária.

Solicitada ocasionalmente para exercer o Jornalismo militante na **media** impressa e eletrônica, tem abdicado sistematicamente das tentações, uma vez que as frentes da Academia tomam literalmente todo o tempo profissional e o tempo de lazer.



- |  |                          |
|--|--------------------------|
| <p>1. Comissão de Ética do Sindicato de Jornalistas do Estado de São Paulo,<br/>1990 - 1992.</p>   | <p><i>doc. / 399</i></p> |
| <p>2. Caso Morte Carla Penna (adolescente cumprindo pauta para a Folha de São Paulo), Textos divulgados no Sindicato de Jornalistas e na ECA<br/>junho de 1991.</p>  | <p><i>doc. / 400</i></p> |
| <p>3. Publicações no Jornal <b>Unidade</b>, do Sindicato de Jornalistas de São Paulo — colunas de reflexão sobre ética e complexidade no discurso da atualidade.</p>   | <p><i>doc. / 401</i></p> |
| <p>4. Editorial sobre a profissão de jornalista para o Jornal <b>O Dia</b>, Rio de Janeiro,<br/>dezembro de 1990.</p>  | <p><i>doc. / 402</i></p> |
| <p>5. “Sob o brilho do Hemisfério Sol” texto-resenha do livro <i>Colômbia, Espelho da América</i>, de Edvaldo Pereira Lima, Revista de Comunicação — <b>INTERCOM</b>, nº 62/63, São Paulo, setembro de 1990.</p> | <p><i>doc. / 403</i></p> |
| <p>6. “A morte poética da derrapagem”, artigo publicado na revista <b>Comunicação &amp; política na América Latina</b>, ano X, nº 13–14, jan./julho/1991.</p>  | <p><i>doc. / 404</i></p> |
| <p>7. Inserção em separata sobre a autora portuguesa Lídia Jorge de texto sobre <i>O Dia dos Prodígios</i>, romance da escritora. Publicação do Instituto Português do Livro e da Literatura, Lisboa, 1990.</p>  | <p><i>doc. / 405</i></p> |

## **VIII - Entrevistas e Referências na Imprensa e Meios Eletrônicos À Candidata**

**D**evido aos lançamentos do **Projeto São Paulo de Perfil**, seminários do Projeto **O Discurso Fragmentalista da Ciência**, e devido à circulação nacional, a **media** impressa e eletrônica tem coberto com certa constância através de noticiário, entrevistas e referências, o trabalho desenvolvido a partir da Universidade de São Paulo.

- |  |            |
|--|------------|
| 1. Repercussões do lançamento de <i>Vozes da Crise</i> , São Paulo de Perfil 2, entrevista à Rádio USP, 13/1/1989.   | doc. / 406 |
| 2. Repercussão da primeira defesa de trabalho de conclusão de curso do orientando Angelo Ishi do Depto de Jornalismo da ECA.   | doc. / 407 |
| 3. Debate na Rádio USP, 31/1/1989, às 22 horas, a propósito do <b>São Paulo de Perfil — Forró na Garoa</b> (migração nordestina), com a presença de João Alexandre Barbosa, Eunice Durham e Ana Maria Marangoni da USP, Ana Maria Leandro da PUC, Neide Patarra, demógrafa do SEADE. | doc. / 408 |
| 4. Entrevista ao <b>Shopping News - City News</b> , a propósito da campanha da Fraternidade, cujo tema, em 1989, foi “Comunicação para a Verdade e a Paz”,<br>12 de fevereiro de 1989.   | doc. / 409 |
| 5. Cobertura nas rádios <b>Eldorado, Bandeirantes</b> , especial na <b>Rádio USP</b> , texto no jornal <b>O Estado de S. Paulo</b> por ocasião do lançamento de <i>Nos Passos da Rebeldia</i> , <b>São Paulo de Perfil nº 3</b><br>14 de abril de 1989                               | doc. / 410 |
| 6. Entrevista ao <b>Diário Popular</b> a propósito do acordo ortográfico da língua portuguesa.<br>São Paulo, 5 de julho de 1989.   | doc. / 411 |
| 7. Repercussão de palestra em Santos no jornal <b>A Tribuna</b><br>7 de outubro de 1989  | doc. / 412 |
| 8. Entrevista e comentário a palestra sobre Jornalismo Cultural, no jornal <b>Zero Hora</b> de Porto Alegre.<br>6 de novembro de 1989  | doc. / 413 |

9. Entrevista à **Rádio USP** a propósito do Seminário “Povo e Personagem” (tese de livre-docência).  
22 de fevereiro de 1990 *doc. / 414*
10. Entrevista ao jornal **Hoje em Dia**, de Belo Horizonte, a propósito do primeiro Seminário inter e transdisciplinar — **A Crise dos Paradigmas**.  
8 de setembro de 1990 *doc. / 415*
11. Repercussão do livro *A Casa Imaginária*, São Paulo de **Perfil** sobre habitação lançado no Anhembi no Encontro de Habitação e Desenvolvimento Urbano no **Jornal do Brasil**.  
9 de agosto de 1990 *doc. / 416*
12. Repercussão de palestra no jornal **Campos Gerais**, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
6 de setembro de 1990 *doc. / 417*
13. Repercussão de *A Casa Imaginária* no jornal **Alto Madeira**, de Porto Velho, Rondônia.  
30 de agosto de 1990 *doc. / 418*
14. Repercussão do livro *Paulicéia Prometida?* São Paulo de **Perfil** sobre a migração judaica, no **Jornal do Brasil**,  
23 de dezembro de 1990 *doc. / 419*
15. Repercussão da eleição para a Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo no jornal **Unidade**,  
dezembro de 1990 *doc. / 420*
16. Entrevista ao jornal do Sindicato dos Jornalistas do Estado de Minas Gerais, **Pauta**, sobre os tratamentos dos ídolos na imprensa.  
Belo Horizonte, junho de 1991 *doc. / 421*

17. Entrevista à revista **Família Cristã** sobre a mulher na **media**,  
São Paulo, abril de 1990 *doc. / 422*
18. **Revista Ensaio**  
Entrevista sobre Jornalismo Cultural *doc. / 423*
19. Entrevista ao Jornal **O Povo**, de Fortaleza, a propósito do curso ministrado no Congresso Nacional de Jornalistas  
30 de abril de 1992 *doc. / 424*
20. Repercussão de palestra em Ciclo da Universidade Católica de Pelotas, no jornal **Diário Popular**.  
22 de maio de 1992 *doc. / 425*
21. Repercussão de palestra em ciclo da Universidade Católica de Pelotas no jornal **Diário da Manhã**  
22 de maio de 1992 *doc. / 426*
22. Entrevista ao Suplemento DM Cultura, do Jornal **Diário da Manhã** de Pelotas.  
30 de maio de 1992 *doc. / 427*
23. Repercussão do curso “O Imaginário Social e o Jornalismo”, ministrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, entrevista publicada no jornal **Dois Pontos** de Natal.  
6 de junho de 1992 *doc. / 428*